

CONSTITUIÇÃO MORAL,

E

DEVERES DO CIDADÃO.

COM EXPOSIÇÃO

DA

MORAL PUBLICA

CONFORME O ESPIRITO

DA CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO.

PARTIE II.

P O R

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

*Nemo illic vitia ridet, nec corrumpere et corrumpi
seculum vocat: plus que jûs boni moris va-
lent quàm ubi bonæ leges.*
Ticini, de Morib. Germ. Cap. XIX.



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1825.

CONSTITUIÇÃO MORAL,

E

DEVERES DO CIDADÃO.

PARTIE II.

CAPITULO I.

Dos Fundamentos da Obrigação Moral.

Havendo na Parte I. exposto os Syte-
mas dos Escriptores antigos e modernos de
maior nome sobre a Moral Publica, e de-
monstrado a insufficiencia da *Razão* no de-
cathido estado da Constituição do homem pa-
ra o adequado conhecimento dos puros dog-
mas e preceitos da Lei Natural; antes de
expor os *Deveres do Cidadão*, (que reservo
para a Parte III.) procedo a expor nesta
Parte II. os Fundamentos da Obrigação Mo-
ral, como nos são conhecidos pelos *Communs
Sentimentos* da Humanidade; pela *Experien-
cia dos bens e males* de certos actos livres
em seus immediatos ou remotos effeitos; e
pela *Razão*, auxiliada da *Revelação*, e com
exame do comparativo progresso da civilisação
em varios povos.

Guardando o meio entre os extremos dos
Moralistas Systematicos, que attribuem á Mo-
ralidade, ou inteiramente ao *Sentimento*, ou

inteiramente ao *Raciocínio*, pertendo mostrar, que ella, quanto aos *Principios Capitães*, e seus *proximos Corollarios*, constituintes dos *Bons Costumes*, conhecidos e estimados por *taes*, em todas as Nações civilisadas, são mais *impulsos do coração* que *dictames do entendimento*; e, quanto aos casos complicados dos negocios da Sociedade, e interesses dos Estados, a Moralidade que caracteriza os actos humanos de justos ou injustos, virtuosos ou viciosos, só se pôdem determinar pela *Faculdade Intellectual*, que, examinando factos, e calculando as suas consequencias, tendentes ao permanente bem ou mal do Gênero Humano, estabelece as Regras Gerais da Justiça Civil. Isto já fica indicado na Parte I. Cap. 1. 8. 17, de que agora se fará mais explicita analyse.

Os Fundamentos da obrigação Moral se podem reduzir aos seguintes:

- 1.º A Consciencia do Gênero Humano.
- 2.º A Sympathia e Benevolencia natural.
- 3.º A Utilidade universal de certos actos tendentes ao Bem Commum, e Melhoramento da Humanidade.
- 4.º A Crença na existencia de Deos, e de sua Omnipresença, Bondade, e Providencia.
- 5.º A Esperança da immortalidade d'alma e justa retribuição dos bons e más na vida futura.

Se á qualquer pessoa de senso commum se perguntar, porque o filho tem obrigação moral de honrar a seu pai, o beneficiado de ser grato ao benefactor, o cidadão de servir bem á patria, e toda a pessoa de socorrer ao afflicto &c.? A obvia resposta será, porque tanto

tratado, sentem natural impulso para assim obrarem, com *approvação* de taes actos, e *desapprovação* dos oppostos, *sem prévia deliberação*. Se tornar-se-lhe a perguntar; e porque elle, e os mais homens dão essa uniforme e constante approvação ou desapprovação? A resposta, não menos obvia, será, porque sentem humra *voz interna*, que lhe dá esse impulso, como ordem imperiosa, á que não podem deixar de obedecer, sem sentirem desgosto e desprezo de si mesmos, e afflictivo remorso, e temor de castigo de *Potencia invisivel*.

He pois claro, que a obrigação dos Deveres mais geralmente reconhecidos suppõe necessariamente a crença na existencia do Author da Ordem Moral, e na retribuição da Virtude, e Vício: porém, como esta retribuição não se manifesta exacta no systema visivel da vida presente, a esperança da immortalidade d'alma em futuro estado de bemaventurança ou miseria, proporcionada ás boas ou más obras dos homens, he a mais solidafiança da Geral Moralidade.

O que dito he, tambem se applica aos Deveres Moraes nos casos complicados, em que a justiça ou injustiça dos actos humanos tem por medida a conformidade ou opposição á *utilidade universal*; pois essa utilidade presuppõe humra *Ordem Moral*, decretada por Deos para o Bem Commum dos homens, que não pôde ser pervertida com perpetua iniquidade dos transgressores.

Os presumidos de *Illuminados* rejeição, e até motégão, esta theoria, com o pretexto de que, ao Publico he indifferente a *Crença*, e só importa a *Conduncta* dos homens. se he.

inactividade, imprudencia, e defeito grave; sendo vulgar proverbio — *cada hum he o architecto da propria fortuna.*

Nota-se tambem, que na Jurisprudencia Universal, e pratica do Foro civil, está por senso commun estabelecida a regra, que sempre se suppõe a qualquer pessoa innocente, em quanto se lhe não prova culpa. Porisso ha tão geral credulidade dos homens na boa fé de todas as pessoas, presumindo-se-lhes sempre veracidade, até dizendo-se em proverbio do vulgo, que a *bócca sempre vai para a verdade.* Pelo mesmo motivo facilmente se crê em quaesquer contos de factos, depoimentos de testemunhas, e documentos historicos, às vezes sem o necessario criterio. Isto confirma o que diz a Escriptura, que *Deos fez o homem recto.*

Os Jurisconsultos Romanos, só tendo a luz da razão, estabelecirão a regra, que até se considera hum *impossivel moral* fazermos o que offende a nossa piedade, reputação, e, em geral, o que he contra os bons costumes. * Tais são as reliquias da original constituição do homem!

C A P I T U L O III.

Das Sanções da Ordem Moral.

I Regedor da Sociedade fortificou as Leis da Ordem Moral com sanções perennes

* Que pietatem et extinctionem nostram habent, et, generaliter dixerim, que contra bonos mores sunt, nec nos facere posse credendum est, L. 15. — Dig. de Cond. Inst.

de premio e pena infallivel, e que são de transcendente effeito á prosperidade temporal, e prevenção de ruina do genero humano. Os premios mais certos e effcazes das boas acções são a complacencia de fazer o virtuoso o seu dever, ter paz de espirito, e estima dos seus semelhantes, que, por isso, no geral, são incitados a promover, ou, ao menos, a desejar, a sua fortuna. As penas, igualmente infalliveis, das acções más, são a inquietação de animo; o temor do resentimento, desprezo, e odio dos mais homens; os tormentos dos remorsos, que são as continuas e domesticas fúrias, que dia e noite atacam-lhão os más com a memoria de seus crimes, que elles mesmos desejarião (mas em vão) occultar á si proprios. Ainda os malvados mais horriões, que se diz terem a *consciencia cautelada*, sentem, não poucas vezes, as torturas de taes recordações.

Tem-se na Jurisprudencia criminal castigado os Consultos em fazer classificacão de delictos, com a Escala de proporcionadas penas. Mas ainda he *Desideratum* na Sciencia Moral humna classificacão e Escala analoga de penas naturaes dos vícios e crimes. Algumas observações incompletas já se tem feito sobre o Código da Natureza a esse respeito. São geralmente experimentados os sandayes effeitos da veracidade, e boa fé nos tratos, e o quanto isso contribue á fortuna dos individuos e Estados. Nessas virtudes se estriba o credito particular e publico dos homens e governos. Hum grande exemplo está á vista do mundo na Gran-Bretanha. O immensuravel e lucrativo Commercio Inglez, e o inextinguivel credito de seu Banco, assentão sobre essas ba-

ses. A natural pena do mentiroso e velhaco he ninguém mais acreditár nelle, e nada se confiar de sua bocca e mão. O sordido avarento tem a pena de viver solitário, mostrando-se desprezado e desprezível. O soberbo tem contra si os timbres e orgulhos de todo o homem de honra. O libertino não he admittido em boa companhia. O impio conhecido he excluído, e ninguém com elle quer trato. O assassino e calumniador são evitados, como tigres e crocodillos. Os varios generos de *intemperança* nos appetites naturaes, prazeres, excessos, e estudos innocentes, logo que cedem ou contrarião os fins da Natureza, tem immediato castigo, até de pena de morte, em proporção ao excesso da violação da

ORDEN MORAL.

O mesmo Regedor da Sociedade, ainda que permitta aos homens o mal fazer por abuso da liberdade, com tudo poz-lhes grandes obstaculos contra os crimes maiores de crueldade, homicidio, traição, guerra.

1. Os grandes crimes são olhados como tão universal indignação, que, se mostrão ser, comparativamente, tão raros, como os effeitos mortíferos dos raios, diluvios, incendios, terremotos, pestes; que por isso causão espanto e horror, e se recordão como successos extraordinarios, de sorte que, no geral, se póde bem concluir, que a Virtude he o caso da regra, e a Malícia o caso da excepção, na conducta ordinaria dos homens.

2. Como os grandes delictos, e das mais funestas consequências, não se podem commetter por hum só homem, e, de ordinario, se emprehendem por colloio de complices, o instincto da sociabilidade induz a alguns delles

a fazer communicações indiscretas; do que resulta descobri-se a trama, e frustrar-se o attentado. Porisso he observado por Machiavello no seu Livro do *Principe*, que, de cem conspirações, a penas humna irá avante.

3. Nos mesmos crimes ordinarios, de que aliás não houve *coryo de delicto*, ou forão commettidos de noite, lugar ermo, ou em par e ocella, ainda sem complices, e com o maior segredo, por mais cantelas que o malvado tomasse, deixa, quasi sempre, apóz de si tuas vestigios e indicios, que depois, reunidos e combinados, dão cumprida prova da malfetoria, e do réo; o que occasiona o seu convencimento, e castigo. Até os maiores malfetores muitas vezes não tem podido conter o proprio segredo, que lhes parece insupportavel pelo abutre dos remorsos; e porisso, ou tem espontaneamente confessado o seu delicto, ou tanto se turbão nos Interrogatorios, que logo são convencidos pela propria bocca. Desses exemplos estão cheios os Archivos dos Tribunaes de todas as Nações.

4. O Juizo do Genero Humano contra os que faltão ao seu dever, he tão severo e constante, que não ha malvado, ainda da classe dos que já parecem *abandonados de Deos* (os quaes *bebem o crime como agou*, dizendo, *que me importa o mundo?*) que não desças-se ter *bon nome*, antes que o labéo de malfeitor. Só o Juizo condemnatorio da nossa Nação aterra a todo o cidadão, ainda que de peito forte. * Até o olho do vizinho he censor temivel.

* A este proposito lembra a ancedota do Lord Wellington na última Batalha do Monte de S. João na Bélgica.

5. Nas guerras mais atrozes, ou alguma Potencia intervem como Mediadora, para atalhar a carreira dos Belligerantes, e prevenir maiores estragos da Humanidade por seus caprichos, e delirios; ou outras Potencias se confederão para abaterem o injusto aggressor, e ambicioso conquistador.

6. As vezes manifesta-se extraordinaria interposição da Providencia, que põe freio aos Potentados, como aos Mares, = *até aqui virás, e não passares* =. Temos grandes exemplos na subita resignação do Imperador Carlos V., que ensanguentou a Europa com guerras de Religião; e a subita queda do Imperador Napoleon, o Destroidor Revolucionario, que aterrava a hum e outro Hemispherio, causando a miseria e mortandade de milhões de homens, e das Nações mais cultas. *Gibbon na Historia da Decadencia do Imperio Romano*, nota o extraordinario facto. Quando *Tengistkan* tinha já devastado a Asia na Tartaria e Indja, com o brutal projecto de reduzir todas as terras á pastarias, e já havia dado ordem para no outro dia marchar seu Exército á conquista da China, repentinamente morreu de apoplexia. *Mume* na sua Historia de Inglaterra, tendo descripto o formidavel apparatus da intitulada *Armada In-*

Sendo atacado pelas Tropas da China Imperial de Bonaparte, que chegaram a assaltar ás ultimas, vendo-se o General Inglez quasi perdido pela defeecção dos Hollandezes, e tener dos seus meosor Bretões, que estavão sem o auxilio dos Exercitos confederados, conseguiu entrar a Triga Britannica com valor herico, só dizendo he = *Camarade! Que dirá de nós a Grem-Britania?* Isso decido a irresistivel carga contra a Tropa Francaza, e foi mais da britânica Victoria.

veneciel, que Philippe II. Rei de Hespanha havia apromptado em Lisboa, com Exército aguerrido, de que era Generalissimo o nesse tempo maior Capitão da Idade, o Marquez de Santa Cruz, para invadir e conquistar a Inglaterra no reinado da sua amada Rainha Isabel; tambem nota, que a salvação daquella Ilha (que hoje tanto figura no Theatro Politico) foi devida ao inesperado successo de morrer aquelle arrogante Holofernes de humra malina; o que occasionou demora da Expedição, a qual sabio depois em estação perigosa: do que resultou a destruição de tantas Forças Navaes por força de tempestades, que, segundo se diz na Escrip-tura, são agitadas pelo *espírito das procellas*, que executão a Ordem de Deos.

7. A historia mostra, que as Nações mais florentes, e duraveis, são as em que ha *bons costumes*, e consequentemente paz, justiça, e benevolencia interna e externa. Porisso actualmente os Estadistas sabios tem já feito proverbial a regra = a *Probidade he a melhor Politica*.

C A P I T U L O IV.

Du Consciencia.

Consciencia entende-se em dous sentidos: ella, no primeiro sentido, denota o acto da faculdade, pelo qual o espirito percebe os seus proprios sentimentos e pensamentos, e, em geral, todas as internas operações; e, no segundo sentido, exprime a instantanea approvação ou desapprovação de certos actos;

intentados, ou executados, proprios ou alheios, em porção que lhe parecem conformes, ou opostos, á *Ordem Moral*, e consequentemente virtuosos, ou viciosos, justos ou injustos, bons ou máos, rectos ou iníquos (que são termos synonymos.)

No primeiro sentido se diz ter o homem *sense intimo* de suas sensações, e idéas, do prazer, e dor, que experimenta, e de qual-quer actos das suas potências racionais, ou animaes. No segundo sentido, se entende a que alguns Moralistas applicão *Faculdade Moral*, e *Senso Moral*, ou a actualidade de seu exercicio, com que o espirito conhece ter pensado ou obrado bem ou mal em certas acções, e circumstancias; ou ajunza de igual maneira os actos livres dos outros homens, justificando ou condemnando a si, e aos mais.

Cada pessoa he testemunha dessas suas operações internas, e assaz as distingue, ainda que ás vezes as percebe simultaneamente no mesmo instante.

Por exemplo: se á alguém occorre ao espirito o pensamento de bem fazer, ou de mal fazer, á outro, elle não só tem clara idéa de tal pensamento, senão tambem demais, por esse mesmo acto, conhece que obra bem, ou mal, e logo approva, ou condemna, a sua intenção de executar o que lhe occorre. Este duplicado conhecimento instantaneo he sem prévia reflexão.

Eis o importantissimo *phenomeno moral*, que he da essencia da Constituição do homem, e que tem sido notado em todos os Estados e seculos! Elle he tanto mais vivo e constante nos paizes cultos, em porção do progresso da sua civilisação. Ter o *testemunho da bou-*

consciencia he o timbre do homem probo, e que se préza de fazer sempre o seu *dever*.

Parece que o Author da nossa constituição nos deo principios infalíveis de julgar da virtude, e vicio, justiça, e injustiça, dando-nos certos instinctos e sentimentos, e estabelecendo certa ordem e curso de successos da Natureza, á que taes instinctos e sentimentos são adaptados, e harmonicamente correspondentes. Quando reconhecemos a nós mesmos, ou vemos nos outros, obrar em directa opposição á taes instinctos e sentimentos, que com razão pensamos serem os signaes manifestos da vontade de quem nos deo a vida, e taes impulsos, somos internamente compelidos, com irresistivel força, a sentenciar a nós e a elles, como incursos em culpa e pena da violação da Ordem do Criador.

Na verdade, se fosse completo o conhecimento de tal Ordem, em todos os casos e circumstancias a nossa consciencia deveria ser a *voz do dever*, e reconheceriamos, que essa linha de conducta seria a mais conducente á prosperidade particular e publica. Porém isso só se realiza a respeito de certos actos evidentemente uteis, ou perniciosos ao Genero Humano: a respeito de outros casos mais complicados, e remotos corollarios dos universaes instinctos e sentimentos, e que, para bem se qualificarem de bons ou máos, se precisa de longa experiencia de seus effectos, e critico comparativo da quantidade do provento, e damno commum á especie, em á terra unida-de em que vivemos; a consciencia póde ser recta, ou erronca, certa, ou duvidosa.

He por tanto necessario distinguir a *Consciencia do Genero Humano* (que he uniforme

e universal em todos os tempos e paizes, e não pôde jamais enganar na approvação ou desapprovação de certos actos humanos livres) e a *consciencia de algum individuo*, e *povo*, que pôde ser, e tem sido, muitas vezes falsa, e mortífera. Tal, por exemplo, he a consciencia dos individuos e povos ignorantes, supersticiosos, fanaticos, que admittirão, e até santificarão, os sacrificios humanos, e as guerras sobre creanças religiosas, ainda com as mais puras intenções de servirem e propticiarem á Divindade. O Nosso Salvador bem advertio e prophetizou aos seus Discipulos sobre esse cruel fanatismo, dizendo = *chega a hora, em que aquella que vos mata, julga fazer obsequio á Deos* =. Nisso he evidente não haver sempre máo coração, mas só *erro de juizo*, que se pôde corrigir pela Razão, auxiliada da Revelação, e da Experiencia das horriveis consequencias á Humanidade, e não menos da absoluta inutilidade desse fatal expediente á causa da Virtude, e verdadeira Religião, que tem por humas das suas bases a *caridade que não mata*. Isto exige exposição mais explicita, que passo a fazer nos seguintes Capítulos.

C A P I T U L O V.

Da Consciencia do Genero Humano

S Endo experimentado que, nos estudos da Sciencia Moral, os exemplos são de melhor effeito que os discursos, exemplificarei as provas da *Consciencia do Genero Humano* com va-

rios casos extrahidos da historia [Romana Franceza, Ingleza, e Portuguesa.

Coriolano, cidadão de Roma, sendo nella condemnado, refugiu-se no vizinho Estado dos Volscos, inimigos dos Romanos: alcançando ali grande credito, chegou a obter o Imperio; e capitaneando o exercito, conseguindo muitas victorias, veio cercar a patria, que se reduziu ao extremo de ser destruida por aquelle inexoravel vencedor, que não admittio capitulação alguma proposta pelo Senado de Roma. Neste horrido trance, *Vituvia*, mãy de Coriolano, se animou a entrar nos arraiaes dos Volscos, acompanhada sómente com a espoza e filhos do mesmo Coriolano. Este guerreiro, tanto que vio a sua mãy, correu como doudo a abraçalla; mas a veneravel matrona, em vez de lhe fazer supplicas, ardendo em ira, o reteve, dizendo: “antes de receber en o teu abraço, quero saber, se fallo á inimigo, ou á filho; e se, sendo mãy, estou cativa nas tuas trincheiras. He possivel que eu tivesse longa vida e infeliz velhice para ver em ti hum destrerrado, e hum inimigo! Tiveste a ousadia de assolar a terra que te deo nasceimento, e educação? Se eu não te tivesse parido, Roma não estaria hoje expugnada.” Muitas outras arguições lhe fez chorando. Então Coriolano, movido tambem pelas lagrimas da espoza, e dos filhos, abraçando a mãy disse “Debellaste e venceste a minha colera: perdóo á odiosa patria pelas rogativas de quem me deo a vida.

Pergunto agora: Haverá no mundo hum só pessoa de qualquer idade e sexo, (a não ser monstro) que, lendo, ou ouvindo,

tal historia, instantaneamente, e sem a menor reflexão, deliberação, hesitação, não dê a sua approvação ao heroico acto da mãe, (indignada contra Coriolano, como traidor à Pátria) e ao mesmo tempo á piedade, não menos heroica, deste filho, que assim mostrou o triumpho da Natureza, ostentando victoria contra a vingança, seguindo ambos os communs instinetos e sentimentos da Humanidade? Impossivel. Eis a CONSCIENCIA DO GENERO HUMANO!

Caio Titurnio, que no tempo das guerras civis do Triumvirato, (que repartio entre si o Imperio Romano, procrevendo os Triumvirs a seus inimigos, e até sacrificando, com deshumano compromisso-reiproco, os seus proprios amigos) seguiu o partido dos usurpadores; mas seu pai, que era Pretor, e já velho, porque não seguiu tal partido por amor da patria, sendo porisso proscripto, e andando fugitivo, foi denunciado por aquelle seu desnaturado filho á hum centurião, que o buscava para lhe tirar a vida, e á quem dera os signaes da physiognomia para o reconhecer. O centurião achou aquelle bom patriota no asylo em que se occultava: este, ignorando o intento, perguntou ao centurião, se conhecia a seu filho; se estava de saude; se elle fazia no Exercito o seu dever á satisfação dos superiores? Então o centurião replicou: — esse filho, por quem mostras tanto amor, foi o delator de ti mesmo; e do lugar em que te escondeste; e logo o atravessou com a espada. O infeliz acção, expirando, mostrou sentir, que não era tão miseravel pela morte, como pela causa della, visto que o proprio filho tinha sido o verdugo que lhe

Pergunto agora: Haverá no mundo huma só pessoa de qualquer idade e sexo (a não ser monstro) que, lendo ou ouvindo, tal caso, instantaneamente, sem reflexão, deliberação, e hesitação, não dê a sua desapprovação, e até não olhe com horror, ao proprio filho, ainda mais que aos tyrannos que por seus sicarios sem misericordia disputam a vida dos servidores do Estado, que não se submettião ao seu despotismo? He impossivel. Eis a CONSCIENCIA DO GENERO HUMANO!

O fatal dia de 24 de Agosto de 1572, em que o Rei da França Carlos IX, por espirito infernal, bem que com hypocrisia de zelo do Catholicismo contra o Protestantismo, expedio a ordem sanguinaria da que depois se intitulou *Matança de S. Bartolomeo*, em que a Capital, e mais Cidades do Reino Christianissimo, se assassinarão mais de quarenta mil Francezes, que erão, ou se reputavão, hereses; recebendo igual ordem o Governador de *Catalis*, não a cumprio, e animosamente assim escreveu ao Rei: = “ Todos os habi-
“ tantos desta Praça são vossos vassallos mui-
“ feis, e promptos a dar a vida em defeza
“ da vossa Pessoa e Coroa; e portanto não
“ he possivel que eu os destrua: mandai, Se-
“ nhor, cousas que se possam fazer. (*choses*
raisonables.)

Pergunto agora: Haverá no mundo huma só pessoa de qualquer idade e sexo, a não ser monstro, que, lendo ou ouvindo tal historia, não se horrorize do tyranno, e não dê a sua approvação e admiração ao Governador, que, com virtude heroica, não executou a Ordem do Despota, salvando, com

Imminente perigo da propria vida, as vidas de tantas destinadas victimas do Real Fanatismo? Impossivel. Eis a CONSCIENCIA DO GENERO HUMANO!

Duarte III., Rei de Inglaterra, alcançando victoria contra a França, e havendo tomado a Praça de *Calais* depois de cerco de quasi hum anno, indignado da pertinaz resistencia, se resolveo a exercer contra os habitantes vingança exemplar. Porém, sendo persuadido a mitigar o rigor das condições da capitulação, obstinou-se com tudo em requerer, que se lhe enviassem seis dos mais conspícuos cidadãos, a lhe entregarem as chaves da Cidade, nós da cabeça aos pez, com o barago no pescoço, para dispor de suas vidas; prometendo, que assim perdouria á todo o povo. Quando a noticia desta sentença chegou á *Calais*, com razão pareceo aos consternados habitantes, que ella era ainda mais severa que a da anterior resolução; por os forçar á vilania de sacrificar os compatriotas mais distinctos, e que tanto se haviam assignalado com valor heroico na defesa da causa commun. Nesta extremidade, ficando irresolutos, hum dos principaes cidadãos, *Estacio de S. Pedro*, se offereceo á morte, para a segurança dos seus conterraneos. Immediatamente com este exemplo se offerecerão outros, que completarão o numero das victimas requeridas. Vindo taes heróes de virtude publica á presença do Rei, este deo ordem para os matarem. Porém a Rainha sua espoza o salvou da infamia de tão barbaro proceder: prostrando-se-lhe aos pés com as lagrimas nos olhos, oteve-lhes a grã da vida; e mandando ella pólos á sua

meza para comerm, e dar-lhes vestido, os despedio com affabilidade, dando-lhes tambem dinheiro.

Pergunto agora: Haverá no mundo pessoa de qualquer idade e sexo, (a não ser monstro) que, lendo, ou ouvindo, esta historia, não dê logo a sua approvação e estima aos martyres da honra, e á compassiva Rainha; e ao contrario, não desapprove e odie a crueldade do Vencedor? Impossivel. Eis a CONSCIENCIA DO GENERO HUMANO!

O Cantor dos Lusíadas refere dous exemplos semelhantes. *Egus Moniz*, criado do Fundador da Monarchia Portugueza D. Affonso I., vendo a seu Rei cercado em Guimarães com exercito irresistivel de Castelhanos, foi propor ao Monarcha Hespanhol, que levantasse o cerco, obrigando-se por sua palavra d'honra a fazer que seu anno reconhecesse vassallagem á Corôa de Hespanha; o que obtive pelo credito de sua valia e virtude: mas, não podendo cumprir o prometido, se foi offerecer á morte. Igual heroismo praticou o Infante Portuguez D. Fernando. Isto bem expõe o dito Vate do Tejo, Camões, na sua *Epopéa Canto III. Est. 31 e seguintes*, onde tãobem expoz altos DEVERES MORAES de Soberanos, e os vassallos:

De Guimarães o campo se tingia

C' o sangue proprio da intestina guerra,

Onde a mãe, que tão pouco o parecia,

A seu filho negava o amor, e a terra.

Com elle posta em campo já se via;

E não vê a soberba o muito que erra

Contra Deos, contra o maternal amor;

Mas nella o sensual era o maior.

Oh Progne crua ! Oh magica Medéa !
 Se em vossos proprios filhos vos vingaes
 Da maldade dos pais, da culpa alhêa,
 Olhai que inda Teresa pecca mais.
 Incontinencia mû, cobiça fêa,
 São as causas deste erro principais:
 Seylla por humma mata o velho pai,
 Esta por ambas contra o filho vai.

Mas já o Principe claro e vencimento
 Do Padraсто e da iniqua mãi levava;
 Já lhe obedece a terra n'hum momento,
 Que primeiro contra elle pelejava.
 Porém, vencido, de ira o entendimento,
 A mãi em ferros asperos atava:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve;
 Tanta veneração aos pais se deve!

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
 Para vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tão raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da Angelica defesa,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
 Principe em Guimarães está cercado
 De infinito poder, que desta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoad.
 Mas, com se oferecer á dura morte
 O fiel Egas, Amo foi livrado;
 Que de outra arte pudera ser perdido,
 Segundo estava mal aperechido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
 Que seu Senhor não tinha resistencia,
 Se vai ao Castelhanao, prometendo,
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa e *consciencia*
 De Egas Moniz. Mas não consente o peito
 Do moço illustre á outrem ser sujeito.

Chegado tinha o praso prometido,
 Em que o Rei Castelhanao já aguardava,
 Que o Principe á seu mando submettido,
 Lhe dêsse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que ficava fementido,
 O que delle Castella não cuidava,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte
 A levantar com elles a fanga;
 Descalços, e despidos, de tal arte,
 Que mais move á piedade, que á vingança.
 Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis-aqui voubo offerecido,
 A te pagar c'a vida o prometido.

Vês aqui trago as vidas innocentes,
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se á peitos generosos, e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fero morte.
 Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes:
 Nellas sós expiaram a toda a sorte
 De tormentos, de morte, pelo estillo
 De Seinis, e do touro de Teriño.

Qual diante do alçoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no côpe a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado,
Legas estava á tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

* * * Canto IV. Est. 51 e seguintes:

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo irroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que á tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava;
Por não se dar por elle a forte Ceita,
Mais o público bem que o seu respeito.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Régulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não tenesse,
A captivo eterno se convivia.
Colro, nem Curcio, ouvidos por espanto,
Nem os Decios leaes, fizeram tanto.

Pergunto agora: Haverá no mundo pessoa alguma de qualquer idade e sexo (a não ser monstro) que não aprove e admire estes voluntarios sacrificios pela Salvação do Estado? Impossivel. Eis a CONSCIENCIA DO GENERO HUMANO!

A CONSCIENCIA DO GENEIRO HUMANO se manifesta continuamente na vida particular, em que se achão *virtudes domesticas e civis* mui geraes e constantes, que são de universal approvação, e que bem se podem caracterizar de *Salvedoras das Nações*, e Guardas da Ordem Moral. Por taes virtudes he que os Estados subsistem, e crescem em civilisação, riqueza, sciencia, e prosperidade; pois, sem ellas, seria impossivel a *recta multiplicação* * da Especie Humana, e a honesta industria e opulencia, com segurança da pessoa, propriedade, e honra dos individuos.

C A P I T U L O VI.

Dos Effeitos da Boa ou Má Consciencia.

NEm-se em todos os seculos, e paizes notado os effeitos da boa e má Consciencia, isto he, da Consciencia que nunca argue de violação dos nossos deveres, e a Consciencia que condemna a quem commetteo alguma culpa. Quanto aquelle, apparece na face a serenidade,

* Digo *recta*, e não *abstrata*, de *veras regras*, de *boa hygiene*, e ainda de imprudentes uníes conjugaes, sem terem os conjuges meios de subsistencia, e que só produzem *população proletario*, para ser victima de miseria, ou de revoluções e guerras.

clade da innocencia, a fortaleza da prohibi-
de, o nenhum signal de medo, ainda no
Pretorio do Juiz, sendo injustamente acen-
sado, e até no Patibulo, se foi iniquamente
sentenciado ao supplicio. * A historia dos Tri-
bunaes está cheia de exemplos desta verdade.

Socrates, e *Seneca*, os grandes Mestres da
Sciencia Moral na Grecia e Roma, que foram
victimas da tyrannia, aquelle na Republica
Atheniense, e este no Imperio Romano, os-
tentarão a sua innocencia, egragem, e cons-
tancia de espirito, até o momento da morte.
O caracter do *homem justo* não se desmente,
ainda no cadafalso; e se mostra *sem-pavor*,
ainda vendo o apparato das torturas: nem
o ardor do povo furioso, nem o vulto do
despota feroz, ordenando iniquidades, o apar-
ta do proposito da rigida virtude: elle pra-
tica a rectidão, ainda ameaçado de lhe ca-
hirem os Ceos na cabeça, como descreveo
sublimemente o Poeta Lyrico do Imperador
Augusto. **

O que commetto culpa, logo, compare-
cendo em Juizo, manifesta no rosto o crime,
pela pallidez, tremor, lingua balbuciante, e
contradição nos Interrogatorios. O maivado
astuto, por mais que affecte paz d'alma, e
se escóre em *negativa absoluta*, he por fim
trahido pela propria consciencia, se Juiz
experto sabe desentranhar-lhe o segredo, es-

* *Nihil conspire sibi, nulli pallescere culpâ.* — Horat.

** *Iustum et tenacem propositi virum*

Non civium ardor pубentium,

Non vultus instantis tyranni, mente quat solidâ:

Si fractus illabatur Orbis,

Impavidum ferient ruine. — Horat.

pecialmente por acareação com os complices
do delicto.

Porém o effeito mais geralmente sentido
he o do *remorso* do crime, que tem impel-
lido a muitos malvados de grandes delictos
a matarem a si proprios, ou a descobrirem o
seu peito, não podendo supportar o pezo do
proprio segredo, e o tormento de seu co-
ração. Sobre este ponto, só indicarei dous
exemplos, que indica o vivo pintor dos ho-
mens e successos, o Historiador Tacito, o
qual diz ter composto os seus *Annaes* pelos
Commentarios do Senado. Eis *Grandes Lições*
Morues!

Na sua excellente composição sobre a
Vida de Agricola, refere a tyrannia de varios
Imperadores Romanos, que levarão o despo-
tismo ao excesso de fazerem *crime capital*
o louvor que alguns escriptores derão á va-
rões insignes pela sua virtude, até mandando
queimar-lhes os livros nas Praças, e exter-
minar os professores das sciencias, para não
ficar reliquia de probidade. * O historiador
bem moraliza, dizendo, que em vão os Po-
tentados da Terra imaginão, que podem com
o fogo *abolir a voz do povo, e a consciencia*
do Genero Humano.

* *Vit. Agricol. Cap. II.* — *Ierimus*, quum *Aruleno*
Rustico *Pactus* *Thrasca*, *Herennio* *Senecioni* *Priscus* *Helvi-*
dus *laudati* *essent*, *capitale* *fuisse*; *neque* *in* *ipsis* *modó*
autores, *sed* *in* *libros* *queque* *eorum* *scavilum*, *delegato* *tri-*
umviris *ministerio*, *ut* *monumenta* *clarissimorum* *ingeniorum*
in *comitio* *ac* *foro* *urere* *rentur*. *Scilicet* *illo* *igne* *vocem* *populi*
Romani, *&* *libertatem* *senatus*, *&* *conscientiam* *gentis* *hu-*
mani *aboleri* *arbitrabantur*, *expulsis* *insuper* *sapientie* *pro-*
fectioribus, *atque* *omni* *bonâ* *arte* *in* *exsilium* *actâ*, *ne* *quid*
usquam *honestum* *occurreret*.

O mesmo *Tacito* na historia do reinado, e da vida de Tiberio refere, que este Imperador, não obstante a summa dissimulação de seu caracter, atacalhado dos remorsos de tantas suas malditorias, e crueldades, dirigio na declinação da idade humma carta ao Senado, na qual manifestou o seu estado de desesperação, dizendo, que não sabia o que, e o como, lhe escrevesse, imprecando contra si mesmo a vingança do Ceo. O historiador transmitio á posteridade as primeiras linhas daquella carta; e citando a doutrina do que chama *prestantissimo Mestre de Moralidade*, o qual dizia, que, se se podesse abrir o espirito dos tyrannos, ver-se-hião nelle os lanhos dos remorsos, como os dos flagellos no corpo; conclue notando, que nem a fortuna do Solio, nem a solidão de Tiberio, o podião proteger do supplicio de seus crimes, e se via obrigado a confessar os tormentos do proprio peito. *

* Annal. Liv. VI. Cap. VI. — *Isaigne visum est earum Caesaris litterarum initium: nam his verbis exorsus est: Quid scribam vobis, patres conscripti, aut quomodo scribam, aut quid omnino non scribam hoc tempore, dii me deique penus pertant, quin perire me quotidie sentio, si scio. Adco facinora atque flagitia sua ipsi quoque in supplicium vertant. Neque frustra prestantissimus sapientie firmare solitus est, si recludantur tyrannorum mentes, posse adspici Ianius & ietus, quando, ut corpora verberatus, ita sevitia, libidine, malis consiliis, animus dilaceretur: quippe Tiberium non fortuna, non solitudines protegébant, quin termenta pectoris suasque ipse penas fateretur.*

C A P I T U L O VII.

Exemplo Instructivo do Poder da Consciencia.

NO primeiro Livro da Sagrada Escripura, em que se refere a Historia Patriarchal, se faz a narrativa do atroz delicto, e final resultado, dos filhos do Patriarcha Jacob contra seu irmão José. Sendo este de tenra idade, e da maior candura, lhes contou o sonho, que tivera, de que algum dia lhes seria superior, e elles se prostrarião á seus pés. Os soberbos irmãos por despeito se resolverão a tirar-lhe a vida; e, apparecendo o joven no campo, disserão — *ahi vem o soñador* — matemo-lo.

Rubens, hum dos irmãos menos máo, tendo horror a ver derramar o sangue do innocente, deo o arbitrio de só o lançarem em humma cisterna vazia, na intenção de o extrahir della, quando os outros Irmãos se retirassem. Entretanto apparecerão huns Mercadores Ismaelitas; e Judas, o mais velho da Irmandade, aconselhou, que seria mais vantajoso vender aquella victimade sua inveja á esses *truficantes de sangue humano*, dizendo “ *que provento ha na morte do rapaz, podendo nós lucrar na sua venda?* Assim es-”
“ *cusamos manchar as mãos no sangue de*”
“ *nosso irmão, pois he nossa carne.*” A cubija prevaleceo á crueldade, e effectuarião a venda de José, que depois foi revendido no Egypto. — Os malvados acrescentarão o novo crime da *mentira*, dizendo á Jacob, que humma fera destroua a José; o que mortalmente o penou. A Divina Providencia, depois

de varios trances, e provas de virtude de José, o elevou á Dignidade de Primeiro Ministro do Rei Pharaó, que até lhe deo oTitulo de *Salvador da Terra*, pelo conselho de fazer celloiros de trigo em todo o Reino, reservando-os para os annos de fome que previu.

Passados annos depois do enorme attentado, sendo obrigados os Irmãos de José á irem ao Egypto pela fome sobrevida, a comprar trigos, forão ahí prezos como *espiões e traidores*, por ordem do dito seu Irmão, que os reconheceo, usando desse apparente rigor, para em fim os beneficiar, e estabelecer no paiz. Então os prezos se encherão de terror pelos remorsos da consciencia; e em mortal agonia disserão huns para os outros: — “Na verdade somos culpados pelo mal que obramos contra nosso innocente irmão, quando viamos a angustia de sua alma, e não nos compadecemos de suas supplicas: eis agora a desgraça vem sobre nós. Ao que replicou *Rubens*. Não vos dis-; eu então — não pequeis contra o menino? mas nenhum de vós me attendeo. Eis o seu sangue nos he pedido!”

Que lição moral nesta sentimental historia! Os irmãos de José no tempo de prosperidade não se recordarão mais do intendido fratricidio, e parecião satisfeitos de ter affectado humanidade, effectuando a sua venda, em vez de lho tirar a vida, fazendo aliás pouco inferior (se não maior) mal de o reduzirem á captividade de gente barbara e sanguinaria, e darem á seu pai a mortifera e falsa nova, que quasi o levou á sepultura pela dor paterna. Quem lhes revelou o segredo de que a inopinada perda da propria liberdade e a

temida imminente pena de morte, erão castigos da Justiça Divina! Eis o PODER DA CONSCIENCIA!

Hugo Blair, hum dos mais pios e eloquentes Moralistas de Inglaterra, fez admiravel commentario deste dialogo de *confissão e re-crinação* dos filhos de Jacob. * Aqui só indico os pontos que bem analysou, dizendo:

“Esta instructiva passagem naturalmentete excita as seguintes observações: 1.º O *senso intimo*, isto he, a *consciencia* do recto ou iniquo, do bem ou do mal do nosso proceder, he essencial á Constituição do homem 2.º Elle produz o temor do merecido castigo, quando commetemos culpa: 3.º Ainda que pareça morto no tempo da prosperidade, com tudo revive no tempo da adversidade: 4.º Quando elle revive, dicta-nos o considerar a cada infortunio, de qualquer causa que proceda, como castigo do Ceo.

Não he opportuno transcrever nesta Obra, restricta aos *Principios da Moral Publica*, a admiravel explanção que o citado Moralista fez sobre este assumpto. Elle bem notou, que o quadro exposto he o da natureza humana nos seus originaes procedimentos, quando a sociedade ainda não estava sophisticada com a nossa mascarada de civilisação, que muito encobre a acção dos communs instinctos e sentimentos do Genero Humano. Só observarei sobre aquella ultima clausula, que, supposto na Mythologia a Deosa *Vemesis*, ou a *Justiça vingativa*, se figure de pé cego,

por ás vezes vir tarde, e ás vezes não se mostrar visível em dar aos mãos o merecido castigo, contudo estes (como entre nós se diz) *mettendo a mão na consciencia*, hão de reconhecer, que, pelo menos, sempre tem o *medo do castigo*.

C A P I T U L O VIII.

Exemplo de conflicto entre Sentimentos do Coração, e Razões de Estado.

O Ffereço agora outro caso de moralidade complicada, em que os instinctos e sentimentos da humanidade parecem estar em conflicto com deveres políticos, e Razões de Estado. Menciono aqui a scena lastimosa de D. Ignez de Castro, Esposa do Principe D. Pedro, a qual seu Pai D. Affonso mandou matar, por instigação do povo, só por se haver clandestinamente despozado com aquelle seu filho, porisso considerando-se em culpa de ter posto o Reino em perigo de guerra, pelo repudio da Princesa de Navarra, cujo despozorio havia já sido contratado por Negociação das Cortes. O Principe dos Poetas Lusitanos fez no seu Poema o sentimental quadro, que tem sido objecto de Tragedias dentro e fóra de Portugal, e arrancado mais lagrimas que o sacrificio de Iphigenie. Tão forte e geral he a Lei da Natureza, que não se pôde jámais contrastar pelo Direito Civil! Assim diz no Canto III. Est. 123 e seguintes:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Qual furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra humna fraca Dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da mágoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o Ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cujá orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino já mostráram,
E co' os irmãos que Roma edificáram:

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
 (Se de humano he matar huma donzella
 Fraca, e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem sobre vencella)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della:
 Move-te a piedade sua, e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia
 A morte sabes dar com fogo, e ferro;
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perdê-la não fez erro.
 Mas se ta assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpétuo e misero desterro,
 Na Seythia fria, ou lá na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade;
 Entre leões, e tigres; e verei,
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Alli e' o amor intrinseco, e vontade,
 Naquelle por quem morro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mal triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
 Movido das palavras que o magôão;
 Mas o pertinaç, povo, e seu destino,
 Que desta sorte o quiz, lhe não perdôão.
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli pregôão.
 Contra huma Dama, ó peitos carnicieiros,
 Ferozes vos mostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça, Polycena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condemnna,
 C' o ferro o duro Pyrrho se appareilha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sustinha
 As obras com que Amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarnicavão férvidos, e irosos,
 No futuro castigo não cuidados.

C A P I T U L O IX.

*Du original e constante distincção da Virtude
 e Vicio, Justo e Injusto.*

Assim como ha belleza e fealdade, harmonia e dissonancia, doçura e acrimonia, fragancia e ranseia, que todos os homems conhecem e differencção, mais por sentimento do que por juizo, sem poderem dar ulterior razão porque aquellas qualidades agradão, e estas desagradão, senão que *tal he a Constituição da nossa natureza*; igualmente conhecem tizer o mesmo da *Virtude e Vicio*, e consequentemente do justo e injusto, bom ou máo. honesto e torpe, recto e iniquo, que são grãos daquellas qualidades moraes.

A Virtude tem differença do Vicio, (que he o seu contrario) como a ordem tem differença da desordem (que lhe he opposta). A virtude nos seus immediatos effeitos, e ainda mais nas suas consequencias, e força de exemplo, he constantemente útil á existencia e melhora do Genero Humano; o vicio, de igual maneira, he nocivo á mesma existencia, e impossibilita o desenvolvimento das faculdades racionais da nossa natureza.

Tem havido mal intitulados philosophos, falsos politicos, e protervos libertinos, que tem negado a original e constante differença de virtude e vicio, e do justo e injusto. Até antigos Estoicos, vendo prevalecer ás vezes a malicia contra a probidade, o despotismo contra o patriotismo, tem duvidado, ou affectado duvidar, do que he *virtude*, assim como os Pirronios do que he *verdade*. Dizem que a distincção que se tem feito e recommendado da virtude e vicio, justo e injusto, he só de arbitrio, e arte e dos Legisladores, e Estadistas, para conterem os povos no jugo da civilisação, e darem socego aos Imperios.

Os que assim doutrinaão, não adverttem que nisso mesmo se contradizem, e mostrão a original distincção entre cousas de tão oppostos effeitos; ao mesmo tempo convencendo, que, pela experiencia dos governos, as boas acções são uteis ao paiz, e á subordinação, e consequentemente ao progressivo desenvolvimento das faculdades racionais dos homens, que lhes assegurão o necessario, commodo, e delicioso á vida, tendo as más acções os resultados diametralmente oppostos.

Os que negão a dita original e cons-

tante differença, mentem á si mesmos; pois não ha pessoa, que não aspire á virtude, não se honre della, não lhe dê reverencia no proprio coração; que não tema a nota de vicioso; que não tome por injuria tal la-béo; que não negue a imputação de crime, e se esforce por libertar-se da censura, e repellir a calumnia. Até o mais perverso dissimula, e esconde, quanto póde, a maldetoria, fingindo-se virtuoso, e até (como diz hum orthodoxo Moralista da França) Mr. de Rochefoucault, o mais refinado *hypocrita presa pela hypocrisia homenagem á virtude*. *

Affectando o improbo ser probo, assaz manifesta reconhecer, que, por Juizo do Genero Humano, (no que he evidente o influxo do Juiz Supremo) ninguém póde agradar, e ter a confiança e estima de seus semelhantes, senão mostrando-se ter probidade, e que, sem ella, pouco ou nada serve no mundo. Por isso todos os Governos regulares tambem exigem para os empregos do Estado, não só pessoas de habilidade, mas tambem de moralidade.

He a maior desgraça ser o virtuoso reputado improbo. Porisso a calumnia causa mal horivel, e he acção quasi tão criminosa como o assassinato; pois o diffamado he civilmente morto; e, depois de feita sinistra

* He notavel no poema epico da *Pharsalia* de Lucano, o instructivo episodio, comque este Poeta figura a hum dos Capitães Romanos, que seguiu o partido do virtuoso, mas vencido, Catão (que defendia os direitos da patria contra o ambicioso Cesar, que em decisiva victoria usurpou a Soberania da Republica) dando o arbitrio de ir consultar ao oraculo de Apollo o que era Virtude e honra do hum Cidadão. *Quare quid est virtus, et posse exemplar honesti.*

impressão no publico, difficilmente se resta-belece na boa opinião de seus concidadãos, ainda (o que nem sempre he possível) dando plena e legal justificação de probidade, posto se envolva, como diz Horacio, na propria virtude, o mortal golpe he dado á sua fama.

Na verdade, quem jámais confundio o oppressor com o opprimido; o benefeitor com o ingrato; o verdadeiro com o mentiroso; o fiel á sua palavra com o violador da propria promessa; os conjuges leaes com os adulteros; o hospitaleiro e generoso com o avarento e de coração duro; o assassino, e traidor com o sacrificador da propria vida pelo bem do Estado; o Cabeça da Nação Pai da patria com o Despota que a tyrantiza; os cidadãos que satisfazem cordialmente aos seus deveres, com os que os violão, ou mal servem mercenariamente seus officios, só por motivo do emolumento, e temor do castigo. Quem não estima aquelles, e não desaprova a estes? Quem não ama a justiça, e detesta a violencia? Póde o servil, o fraco, o adulador lisongear o poderoso, e a quem deva riquezas e honras desmerecidas; mas, ainda que este lhe dê os thesouros do mundo, o mesmo benefeido, por mais parcial que seja á tal benefeitor, se elle he homem máo, hum tyranno, hum Nero, não póde em seu espirito tributar-lhe a veneração, que alias he obrigado, por força da consciencia, a dar á pessoa virtuosa, de quem nenhum bem haja recebido.

Pelo que se demonstra, que, depois da Divindade, a virtude he o objecto do universal amor, e louvor.

Rom. diz o Celebrado Moralista e Orador

Romano = Que Nação não ama os virtuosos que ostentão humanidade, benignidade, gratidão? Qual he a que não despreza e odia os soberbos, os malfazêjos, os ingratos? A virtude he por si mesma louvavel, e, *sem ella, muda ha que se possa louvar*. Ha todavia differença nas virtudes; porque humas são dignas de superior louvor, quando além de fundadas nos *bons costumes*, e beneficencia, se reúnem a excellencia das faculdades intellectaes, e á magnanimidade e fortaleza de espirito nos communs perigos. Todas ellas são agradaveis ao ouvido, quando se refletem, e se lhes faz o seu elogio. Todas ellas se reputão uteis ao Género Humano. *

C A P I T U L O X.

Da Virtude Natural.

A Virtude Natural he a constante observancia dos Deveres Moraes. Estes deveres

* Quæ natio non comitatem, non benivolentiam, non gratum animum et beneficium memorem non diligit? Quæ superbos, quæ maleficos, quæ ingratos non aspernatur et cœt? Virtus autem, quæ est per se ipsam laudabilis, et sine qua nihil laudari potest, tamen habet plurimas partes, quarum alia est alia ad laudationem aptior. Sunt enim alia virtutes, quæ sunt in moribus humanis, ac quadam commutate ac beneficentia posita; alia quæ in ingenii aliqua facultate, aut animi magnitudine at robore. Nam clementia, justitia, benignitas, fides, fortitudo in periculis communibus, iucunda est auditui in laudationibus. Omnes enim hæ virtutes, non tam istis quicquid in se habent, quam generis omnium fructuosæ putantur.

— Cic. lib. de Leg. I. Cap. 32 44. — Debrat. Lib. II. Cap. 89.

nos são inflmados pela Lei da Natureza, manifestada pela voz da Consciencia, communis instinctos e sentimentos do Gênero Humano, e luz da Razão e Experiencia dos bons e máos effeitos de certos actos livres.

A Virtude natural se pratica até na gentildade em mui grande extensão: ella he a que occasiona a estabilidade das Nações, ainda as que vivem sob governo despótico e bárbaro: a sua população e prosperidade se proporcione á observancia da mesma Virtude. Se esta não predominasse com vasta generalidade nos paizes respectivos, seria impossivel durarem seus Estados, e muito menos os Grandes, Imperios, como da India, e China. O conviver ahí tanta gente, e continuarem as suas comunidades com a estampa do Character Nacional, presuppõe a guarda da Ordem Moral; e, em consequencia, dá a evidente prova de que os communis instinctos e sentimentos estão em perenne e viva operação, e por tanto que existe facilidade, e fidelidade nas uniões conjugaes; regularidade e afeição nas familias, e parentelas; ramificada e activa industria para se fazerem os trabalhos necessarios; justiça, e benevolencia nos individuos, que cumprem, mais ou menos exactamente, os deveres do homem e cidadão.

A virtude Christãa consiste na *abnegação de si mesmo*, na caridade absolutamente desinteressada, na imitação da Divina Bondade, com heroico valor, sendo necessario, para o martyrio em defeza da Fé e pura Revelação. He da competencia dos Mestres da

William Paley * define a Virtude Natural a prática de fazer bem ao Gênero Humano, por obediencia á vontade de Deos, "e pela esperanza da felicidade eterna." Conforme a esta definição, o *bem do Gênero Humano* he o objecto da virtude; a *vontade de Deos* he a regra das acções livres; a esperanza da felicidade eterna he o motivo da conducta virtuosa. Parece inexacta esta definição, porque não abrange os deveres directamente relativos á Deos, e á nós mesmos.

Thomas Brauer argue a mesma definição dizendo ser mera modificação do *System Egoistico*, ainda que mais especiosa; visto que ahí não se dão por unicos motivos dos actos livres o *puro amor da Divindade*, e a *intrinseca excellencia da virtude*. Porém esta censura não he justa; porque ainda os capazes de virtude sobrenatural, e de graça divina, não podem fazer abstracção da esperanza de premio na bemaventurança celeste; pois tal esperanza parece ter entrado na Constituição do homem, por singular dote da sua natureza.

Além de que, havendo-se no fim do século XVII feito na França a tentativa de se introduzir a doutrina mystica do *amor puro de Deos*, pela Scita dos appellidados *Quietistas* (que *Voltaire* menciona na Historia da Monarcha Francez Luiz XIV) sendo o *Coryphêo* Dogmatista de tal Doutrina o cel-

* Tendo na Parte I. indicado a este, e outras Escriptores da Sciencia Moral, he superfluo fazer repetições de seu merito.

brado Fenelon, Arcebispo de Cambrai, que para a propagar compoz o *Livro das Mariannas*. O summo Pontífice condemnou tal Livro.

Aquella doutrina he contraria á do nosso Salvador no Evangelho; pois, a fim de confortar os discipulos em sua carreira heroica de abater a idolatria, e propagar a Revelação pelo mundo, lhe dá o seguro, de que a recompensa seria copiosa no Céo. O Apostolo das gentes se consolava de seus trabalhos, e soffimentos, pela certeza da Coroa de Gloria, que lhe daria o Justo Juiz.

A sobre dita definição he exacta, em quanto faz consistir a *Virtude na obediencia á Vontade de Deos*. Mas como nos consta a Vontade de Deos sem auxilio da Revelação? A resposta he plana: porque toda a pessoa sente interno impulso e prazer em obrar bem; e sente, ao contrario, arrependimento, remorso, desgosto, e desprezo de si mesmo, em obrar mal. A universalidade e constancia destes sentimentos (que são *phenomenos da sociedade*) vem a ser o *critério da verdade*, de que a vontade de Deos he, que obremos o bem, e evitemos o mal; e, em consequencia, que tenhamos *bons costumes*, taes como os considera o *Juizo do Genero Humano*, e não o conceito singular de algum povo, ou povos. Os Naturalistas não tem outro critério de verdade para considerarem ser da vontade de Deos a Ordem Physica, senão pela universalidade e constancia dos *phenomenos* da Natureza. Os Moralistas tem de mais para se certificarem de ser a vontade de Deos a pratica da virtude, que ainda os homens pessimos, abusando do livre arbitrio, posto que sejam falsos á virtude, contudo

não são falsos ao amor da virtude; desejando todos serem, ou parecerem, virtuosos.

C A P I T U L O . XI.

Du Sympathia, ou Sensibilidade Reciproca.

N A Parte I. Cap. XV. já indiquei os fundamentos do *Systema Sympathico* da celebrada *Theoria dos sentimentos*. Moraes de Adam Smith, que tem por base a Lei Evangelica, na qual se deo o preceito de *alegrar com os alegres, e chorar com os que chorão*, para a effectiva e mutua complacencia e ajuda na prosperidade, ou desgraça da Humanidade. Agora acrescentarei aqui algumas observações em confirmação do alli exposto.

O Regedor da Sociedade, para mais segurar a execução da Ordem Moral, *independente do uso da razão*, fez entrar na Constituição do homem o dote da *sensibilidade reciproca*, ao qual se tem dado o nome grego de *Sympathia*. Esta sensibilidade he mais ou menos viva em cada pessoa, conforme á seu temperamento; mas he universal em toda a Especie Humana, e se manifesta ainda nas comunidades dos salvagens a respeito dos individuos que não considerão inimigos. O mesmo Ente Supremo, até para exprimirmos tal sensibilidade, nos deo privativos órgãos e signaes, como o das lagrimas, do riso, do canto.

Pelo dote da Sympathia, ninguém pôde ser indifferente e insensivel ao bem ou ao mal dos outros: em virtude delle, não só mostramos compaixão aos que soffrem dôr, e es-

tão em perigo de vida, mas até, instinctiva e instantaneamente, corremos a prestar-lhes o auxilio que está em nosso alcance. Por igual dote sentimos complacencia em ver o contentamento, prazer, e a prosperidade dos outros homens, quando não estamos corroidos das vis paixões da vingança e inveja, que obstatão desenvolver esse cordial sentimento. Em hum e outro caso, só obramos por interno impulso de amor á Humanidade, sem algumas vistas de interesse.

Esta verdade he reconhecida pelos mais acreditados Poetas, conhecedores do coração do homem, e que porisso sabião em suas composições dramaticas mover os affectos dos espectadores e leitores, pondo a Moral em acção, e fazendo a todos ouvir a voz da Natureza unisona em todos os peitos. *Terencio* fazia enternecer a todos, sempre que nos Theatros Romanos o Actor dizia: — *sou homem: tudo que he humano, não me he estranho* = *. *Horacio* na sua Arte Poetica deo a regra de excitar a reciproca sensibilidade do povo, fazendo apparecer nos rostos de todos o pranto ou o riso, quando alguns chorão, ou se riem **. *Juvenal* bem notou, que a Natureza nos declarou o seu designio, dando-nos a ternura de coração, que se manifesta nas lagrimas ***. A nossa sensibilidade he patente com toda a força nos annos da

* Homo sum: nihil humani à me alienum puto.

** Uti videntibus arident, ita flentibus adflent

Humani vultus.

*** Mollissima corda

Humano generi dare se Natura fatetur

Que lacrimas dedit.

innocencia; ella porém na idade adulta he mais intensa e extensa nos que já experimentarão fortuna adversa; e por isso *Virgilio* bem exprime o natural sentimento, de que — aprendemos a socorrer aos desgraçados, depois de tambem termos experimentado os males da vida — *. Sem duvida nos homens de continua prosperidade se acha frequentemente dureza de coração. Em fim he apheorismo de Moral Universal, que o *miseravel* he causa *sagrada*; e por isso causa horror o insulto ao *desgraçado*.

Hum Moralista anonymo da França ** diz que “quanto alguém he mais favorecido dos bens da fortuna, tanto menos he disposto a socorrer aos que não a tem. Os pobres tirão mais socorros de outros pobres, que dos ricos. Parece que os homens não são compassivos, senão pelos males que em parte experimentão.” — Outro Moralista do mesmo Paiz diz, que “a vista do infortunio tem sobre a maior parte dos homens o effeito da *Cabeça de Medusa*, á cujo aspecto a fabula finge que os corações se mudão em rochedos ***.”

Eis duas authoridades contrarias! Se os pobres são os maiores auxiliares de outros pobres pela sensibilidade reciproca (o que he verdade) como em todos os paizes a maior parte dos homens vivem em pobreza e necessidades, que são os grandes estímulos e fiadores do geral trabalho, cujos productos accumulados constituem a riqueza; he evi-

* Non ignara mali, miseris succurrere disco.

** Les Mœurs. Part. II. Cap. IV. Art. II.

*** Esprit. Dics. III. Cap. XIV.

dente, que o principio da *sympathia*, e de mutua ajuda, opéra com incomparavelmente maior extensão que a dureza d'alma, que se attribue aos ricos, os quaes são, comparativamente, raros. Sem duvida os pobres com seu trabalho, e do seu pouco, executão a Lei da *Sympathia* com tão boa vontade, como a vivia pobre do Evangelho, que dava no templo a sua esmola, á que o nosso Salvador deo a justa valia, dizendo, que dava mais que a avultada offerta dos ricos, visto que *estes davão da sua superfluidade, e ella da sua penuria.*

Convem aqui notar, que a Divina Providencia tem prevenido os máos effeitos da dureza dos ricos em sua arguida pouca *sympathia* aos pobres, até pelo expediente do proprio egoismo, e interesse particular; pois, onde ha governo regular, e liberal, que dá plena segurança ás pessoas e propriedades, e franca circulação aos productos do Geral Trabalho, a opulencia tem, como a luz do Sol, humna (por assim dizer) força excentrica e diffusiva, para se desparzir na maior possível esphéra; e, em consequencia, os ricos tem o maior estimulo de empregar os fundos, e fazer girar os seus capitães nas direcções mais importantes á si, e ao Estado; do que necessariamente resulta o darem obra e man-tença aos pobres industriosos, que são os mais dignos de soccorro; e nisso lhes dão o premio de seu trabalho, e auxilio mais honrífico, porisso mesmo que não he gratuito. Os effeitos da geral *sympathia*, e mutua complacencia na prosperidade, se manifestão em hum *bom dia*, quando o Sol illumina montes e valles, e parece que o Eterno dá

Festa celeste ás suas creaturas sensiveis, e toda a Natureza visivel se mostra rindo-se aos homens. Então a alegria assoma em todas as faces. O mesmo se vê em Divertimentos e Passeios Publicos, parecendo os individuos de todas as classes transbordando em prazer, e communicando-se contentamento reciproco. Essa mutua complacencia se nota nos Campos dos Lavradores, Fabricas de Artistas, Aquartelamentos de Soldados, Vias de Marujos, em tempos de paz e activa industria. Eis humna das Solidarias Garantias da Ordem Moral!

O *Phenomeno da Sympathia* he mais notavel na adversidade. Os que tem navegado, são testemunhas do sobresalto e alvoroço de todos que se achão á bordo dos Navios, quando algum dá a voz = *homem ao mar*. Então todos concorrem por instincto, sem hesitação, a lançar cabo e bote, affm de dar soccorro ao miseravel que luta com as ondas: todos bradão que se anime, e não esmoreça; e se he salvo, congratulão-se mutuamente; e se submergió-se, consternão-se com profundo sentimento. O mesmo se observa em naufragio, quando se vê em porto, rio, ou praia; e igualmente em incendio, precipicio, terremoto, alluvião, ou out. o desastre de imminente perigo de vida. Se em terra succede rixa, ferimento, ou morte, não ha pessoa, que, estando proxima, não concorra ou grite, para se acudir e salvar o atacado, ou caído. Parece que o Auctor da vida confiou a vida de cada pessoa dos reunidos esforços do Gênero Humano, e constituiu a cada homem o guarda de seu proximo, por injuncto interno, instantaneo, e irresistivel. O que assim

não pratica, he censurado, e arguido por egoista e cobarde, que á nada se arrisca pelo bem de seus semelhantes. Mas a generalidade dos homens he compassiva, com energico e effectivo empenho, ou, pelo menos, desejo forte, de fazer o bem, e prevenir o mal de todos de quem não tem offensa.

Esta sympathia não he o effeito do amor, mas de especial affecto da alma, e mero tributo á Humanidade. Prestamos essa sympathia ainda áquelle que reconhecemos ser digno objecto de odio. Até os grandes malvados, que por seus enormes crimes são justamente condemnados ao patibulo, excitão a nossa sensibilidade; nenhuma pessoa de coração mavioso deixa de condoer-se da sua sorte; e jamais se anima a ir ver as suas agonias, quando vão soffrer a pena ultima. Então só o consideramos como *pessoa miseravel*.

Os de coração duro chamão a essa sympathia *fraqueza*. Porém até os maiores tyrannos, a não terem o coração de monstro, ainda dando ordem para a execução de morte, não a presencião. *Tacito* faz o contraste entre Nero e Domiciano, dizendo, que, ao menos, aquelle Despota *ordenava matanças, mas não as via*. * Elle tambem nota a singularidade do horriavel caracter do Imperador *Vitelio*, que derribou do Imperio Romano ao Imperador Othão, a quem debellou na batalha dos Campos Bedriacenses na Italia. Depois da batalha, fazendo os circunstantes reflexões de sympathia, compadecendo-se de tan-

* *Nemo dolare insit, non aspectavit.*

tos miseraveis alli mortos, e retirando o rosto do espectaculo horroroso, só aquelle Tyranno *não voltou olhos*, nem se horrozou de tantos milhares de homens sem sepultura.*

Outro semelhante exemplo de monstruosidade se conta na insensibilidade de Bonaparte, que, em hum das suas mais sanguinarias victorias, olhando com complacencia para o theatro da carnificina, disse que "*bella mortandade!*" sinto ter-me vindo hum instante de sensibilidade, pois tende a fazer-me menos guerreiro."

Vê-se pois que a sympathia he dote universal, e a falta de misericordia, e de mutual complacencia e ajuda da especie Humana, he corruptela da sociedade.

Esta corruptela principalmente se originou de tres causas: Instituição de Captiveiro; Systema de Monopolios; Frequencia de guerras, que habituão aos ricos, e ainda aos pobres, a verem com olho frio os males da Humanidade, e serem quasi insensiveis ás misérias, ás agonias, e torturas de seus semelhantes, não abominando a cruza dos violentos, e até fazendo, como no Imperio Romano, Divertimento Publicos de Gladiadores, e Espectaculos de Leões para ataguharem os criminosos.

* Inde Vitellius Cremoram flexit, & spectato munere Cæcinæ, insistere Bedriacensibus campis, ac vestigia recentis victoriae illustrare oculis, concepit. Factum atque atrocis spectaculum: intra quadragesimum pueræ diem lætæ corpora, trunci artus, putres virorem equorumque fœtore, infecta tabo humus, protitis artibus ac fragilis, diu vastitas: nec minus inhumana pars viæ..... (Et crani quos varia sors rerum, lacrymarum & misericordia subit: at non Vitellius flexit oculos, nec tot milia insperitum civium exhorruit: latius ulcro, & tam propinquæ scitis ignavis. — Hist. Liv. II. Cap. LXX.

CAPÍTULO XII.

Da Benevolencia Natural.

A Benevolencia he huma affeição do espirito, e virtude de sentimento, (não de raciocinio) mais geral e preponderante do que se pensa na sociedade civil: ella he a *Grandé Corregedora* do Egoismo. Parece que o Summo Benefeitor, dando-nos essa affeição natural, quiz que os homens fossem imitadores da Divina Bondade, fonte de todo o bem perfeito.

A Benevolencia significa o desejo de fazer bem aos nossos semelhantes. Esse desejo não he simples acto de vontade esteril, ou da que os metaphysicos chamão *velleidade*, a qual vem a ser o primeiro e fraco impulso do animo, quando intentamos fazer externa acção util ao proximo, ao Publico, ao Genero Humano: ella tende a manifestar-se em visivel effeito benefico.

A experiencia mostra que, quando alguem tem constante desejo de fazer algum bem á outro, logo se esforça em descobrir os meios de effectuillo; e muitas vezes lhe occorrem os effcazes expedientes. Portanto a Benevolencia Natural tende á *Beneficencia Effectiva*, e até absolutamente desinteressada, só pelo *prazer de fazer bem*. Nem sempre está na possibilidade de alguns individuos fazer beneficio aos outros; mas sempre está na faculdade de todos o querearem conferillo, e esturem promptos, quando se offereça occasião, a *praticar os bons officios*.

Nos casos ordinarios, onde não ha con-

ficto de vida, e de graves interesses entre homem e homem (pois então he usual a preferencia da nossa existencia e utilidade á existencia e utilidade dos outros) o natural instincto da benevolencia nos impelle a fazer hums aos outros o bem que podemos, sem vistas de interesse, nem esperanças de retribuição. Parece que á esse respeito a *Natureza fez a escala das affinidades na razão directa das distancias* do centro de movimento, isto he, do individuo a quem o Creador confiou o deposito da vida, para ser o seu guarda, e o promotor da propria prosperidade, e melhora de condição: depois o desejo do bem se diffunde á consorte, filhos, pais, parentes, amigos, patricios, cidadãos, allia-dos, e por fim ao Genero Humano. Em todo o tempo e paiz se verificou o proverbio = *a caridade começa por si mesmo*. = A inversão desta ordem só acontece em casos extraordinarios, e por-virtude heroica.

He Regra Experimental, que, em porção que alguma pessoa tem superiores meios de bem fazer aos outros, tanto mais energica e generosa he a sua beneficencia. Eis os factos que o comprovão.

A *Comunhão de bens* se acha em todas as tribus de salvagens, quando a Natureza produz abundantes fructos silvestres, e os homens pela industria da caça e pesca suprem a communidade com os necessarios á vida. Nesse estado, todos são reciprocamente benevolos, sendo indifferente, quem desfructou mais, quem trabalhou menos. Só depois de crescer a população, e esta se desproporcionar aos meios de subsistencia, he que se reconhece a necessidade do Trabalho

Geral, e do Direito da Propriedade, que faz cessar a primitiva communhão.

A *Hospitalidade gratuita* he de prática universal dos povos pastores e agricolas, onde ha super-abundancia de gados e cereaes. Ainda nos paizes assás povoados, e cheios das artes da paz, que multiplicão os bens da vida, a beneficencia hospitaleira he muito extensa nos campos, e não deixa de ser vasta, ainda que menos visivel, nas Cidades. O negar-se a hospitalidade he contra o Direito das Gentes, e summamente odioso: mal se acha essa crueza em povos barbaros, desacostumados á communicação da Humanidade, que porisso tem os estrangeiros por inimigos.

As *Doações entre vivos* forão sempre tão frequentes nos Estados civilizados, que no Imperio Romano se fizeram leis para restringir as immodicas e inofficiosas. Estas Legislação existe nos Reinos da Europa, e entre nós. Ella suppõe a preponderancia da Beneficencia nas pessoas ricas, ou abastadas. Se taes liberalidades fossem raras, não valeriam a pena da attenção dos Legisladores.

As *Fundações de Estabelecimentos Pios* são outra prova de benevolencia e beneficencia dos ricos, que se estende á posteridade.

A *Assistencia quotidiana*, comque os abastados socorem aos indigentes, he, na somma total, incommensuravel. Quem poderá calcular, á quanto montão os pequenos e diarios bons officios das pessoas compassivas e prestadias!

A *Censura severa*, que se faz aos ingratos, prova o justo receio, que o vicio da ingratidão tende a desgostar os benefeitores, e a diminuir a extensão dos benefeícios; pois

só Deos he o que dá perfeitamente de graça.

A *Inecceiva infamante*, comque no Theatro os Dramaticos fazem ridiculos e odiosos os avarentos e egoistas, prova, que a Humanidade só se apraz dos actos e caracteres dos benefeicos e generosos.

A *Prática philanthropica*, pela qual todas as pessoas dão seus recituarios aos doentes e conselhos aos afflictos, e ás vezes com feliz effeito, he não inattendivel amostra da reciproca benevolencia dos homens, a qual muito contribue a multiplicar os bens, e diminuir os males da vida.

O *Empenho Cordial*, comque as pessoas constituidas em dignidade, e favorecidas da fortuna, costumão dar favor e auxilio aos que implorão o seu patrocínio, afim de exercerem a sua influencia para recomendarem o merito desvalido, e promoverem ao Serviço do Estado os habéis e dignos da confiança publica; concorre a completar a demonstração da Beneficencia Effectiva nas classes superiores, que até fazem *ponto de honra* em se distinguirem nesta Virtude. Porisso, quando se praticão taes actos por capricho, parcialidade, e venalidade, ha geral indignação dos homens bons; e então com justa razão se argue o Governo de corruptela, e se agolira decadencia e ruina ao Estado; pois, como bem observa *Bacon* no seu *Ensaio Politico* sobre a Grandeza dos Estados, hum das principaes causas das Revoluções dos Povos he a indigidade dos Empregados Publicos.

A *Honra Mercantil*, que, no actual, progressso da Civilisação, creou a *moeda nova do Credito*, tem facilitado os expedientes de

bem fazer, para mais activa e geral communicação da Humanidade, e cambio de equivalentes dos productos da universal Industria. Ella promove efficaçamente a melhora de condição, e ainda a fortuna, de muitos indivíduos da carreira do Commercio, por consignaões, empréstimos, fianças, garantias; até havendo-se já feito proverbial nas Praças a nobre phraseologia de aceitar, e endossar letras por *honra da Firma*. Não obstante a vulgar opinião, que em Negociantes só o *interesse* he a *mola real* de seus actos, com tudo frequentemente se vêem lances de desinteresse e generosidade, em concordatas de credores, á beneficio de seus deveres de boa fé, rebates e ainda perdões de dividas, magnanima sustentação de credito á amigos para não cahirem em fallimento; e, (o que mais he) ostentarem, por via de regra, *ponto de honra* em não serem denunciante e accusadores ainda dos collegas da corporação suspeitos de levantamento com a fazenda alheia. Grande parte das Casas de Commercio de maior credito originou desses beneficos elementos.

As *Invenções caritativas* da — *Vaccina* de Werner; *Sôpa economica* de Rumfort; *Escola de Lancaster* para pobres; Instituto de ensino de mudos e surdos de Sicard; Salvação de afogados; Ventiladores de Navios; Purificaões de Hospitales; Lanterna preventiva de explosão em minas de *Dary*, &c.; procederão (além de sociedades de Beneficencia) do desinteressado Espirito de Benevolencia, que ainda honra a Especie Humana.

A *Caridade Legal* attesta a Efficaz Beneficencia dos Governos Paternaes, (deriva-

da da Benevolencia da Natureza) que tem feito Regulamentos de Contribuição dos abastados em socorro dos necessitados. Nisto se distingue o Governo de Inglaterra, que ainda continúa na observancia dos *Estatutos dos pobres*, da sua intitulada Rainha *Mãe Isabel*, não obstante os clamores dos sophistas deste seculo, que tem proposto no Parlamento a abolição de taes *Estatutos*, pelas razões capciosas, de que, importando já a Collecta de tal Contribuição acima de oito milhões esterlinos (72 milhões de cruzados) grande parte se dissipa pela má administração; e esse subsidio, afluxando a industria do povo, dá atractivo para imprudentes cazamentos dos pobres; de que só resulta população excessiva, e miseravel, que expõe o Estado á perigos de convulsões. Objecções semelhantes se tem feito contra os Hospitales; porém o mal seria incomparavelmente peor, se o Governo não desse exemplos de *Caridade Legal*, que he, por assim dizer, a *Financieira Mor*, que (em parte corrigindo a extrema desigualdade das condições) suppre o *Defreit* dos provimentos necessários á pobreza, e doença, onde he frouxa a *Caridade Christã*.

C A P I T U L O XIII.

Confirmação da Doutrina antecedente.

D *Ugald Stewart*, celebrado Professor da Sciencia Moral na Universidade de Edimburgo no seo *Esboço da Philosophia Moral* na Parte II. Cap. I. Sessão VI. diz:

“ He impossível ver a huma acção boa, sem sentir na consêquencia huma affecção benevola, seja de amor, seja de respeito, para quem a faz. Como todas as affecções benevolas incluem hum sentimento agradável, toda a acção boa dévé ser huma fonte de prazer ao espectador. Além disto, outros agradáveis sentimentos de ordem, de utilidade, de paz de espirito &c., vem com o tempo a serem associadas com a geral idéa de conducta virtuosa.

Estas qualidades nas boas acções, que excitão agradáveis sentimentos no espirito do espectador, formão o que alguns Moralistas tem chamado — *Belleza da Virtude*. —

Tudo isto se pôde applicar, *mutatis mutandis*, á explicação do que se entende por *Deformidade do Vicio*.

A nossa percepção de Belleza e Deformidade Moral claramente se distingue das nossas percepções das mesmas acções como rectas ou injustas.

As emoções ou sentimentos de prazer e de pena, que se excitão na contemplação da moral belleza e deformidade das acções, são mais intensas que as produzidas pela percepção de fórmulas materiaes.

Qualquer que seja a opinião que se adopte sobre esta questão especulativa, *não pôde haver disputa sobre o facto*, isto he, que as acções boas, e as pessoas virtuosas, formão o mais delicioso de todos os objectos que o espirito humano contempla; e não ha no Universo tão poderosos encantos, como os que sentimos na cultura das qualidades moraes que constituem a perfeição e felicidade da nossa natureza.

A acção virtuosa, sendo executada por outra pessoa, não somente excita em os nossos espiritos huma affecção benevola para com ella, ou huma disposição a promover a sua felicidade; mas tambem nos imprime o sentimento do *merito* de quem as pratica; e immediatamente conhecemos, que os virtuosos são objectos proprios de amor e estima, e que he moralmente recto, que recebão o competente premio. Sentimos que somos chamados a fazer conhecer no mundo a sua dignidade, afim de lhes procurar o favor e respeito que merecem; e, se consentimos deixar no segredo taes acções, logo a consciencia nos argue a injustiça de supprimir a *natural linguagem do coração*.

Pelo contrario, quando vemos hum acto de egoismo, de crueldade, de oppressão, ou de qualquer acção má, sejamos, ou não, os soffredores, não sómente somos inspirados com aversão e odio contra o delinquente, mas tambem achamos difficil impedir que logo não se manifeste a nossa indignação contra elle. Por este Natural impulso do espirito, o Creador impoz freio contra as más paixões dos individuos, e fez provisão, ainda antes do estabelecimento das leis positivas, para a boa ordem da sociedade.

Quando ohramos boa acção, reconhecemos pela consciencia que fizemos bem, e que adquirimos titulo á estima e benevolencia de nossos semelhantes; igualmente temos a evidencia da percepção, de que gozamos da approvação das invisiveis testemunhas da nossa conducta. Dahi provém, que temos não só o *sensu do merito*, mas tambem o *prospecto do premio*, olhando ao futuro com

augmentada confiança e esperança de felicidade.

Os sentimentos do remorso que acompanha o testemunho que a consciencia nos dá da culpa, envolve de igual maneira o *sensu de demérito*, e o temor de futuro castigo.

Porém ainda que o nosso senso de Mérito e Demérito deve convencer a verdade da *conexão que Deus estabeleceu entre virtude e felicidade*, não se deve por isso concluir que, em particulares occasiões, elle haja de interpor miraculosa interposição a favor do virtuoso. Sem dúvida he experimentado facto, que a virtude, ainda neste mundo, he a *estrada directa da felicidade*; mas não he menos certo, que a *Divindade governa por leis geraes*; e por tanto, quando o virtuoso mallogre as suas naturaes expectativas de prosperidade temporal, deve resignar-se á sua sorte, com a perspectiva da futura recompensa.

He por isso erro do vulgo o esperar, que a boa ou má fortuna seja sempre, em todas as circumstancias, connexa com as boas ou más acções. Mas esse mesmo erro e prejuizo, (que alias he a fonte de tanto desgosto na vida humana, mas que tem prevalecido sempre em todos os seculos, e paizes) dá viva illustração do commun sentimento da natural conexão entre a idéa da virtude e mérito, e o seu proporcional premio. „

C A P I T U L O XIV.

Da Utilidade Universal.

David Hume he o Escriptor que mais se tem empenhado em estabelecer por Base da Moral Publica a *utilidade universal* de certos actos humanos, que, ou immediatamente, ou nas suas consequencias, se experimenta serem conducentes ao Bem Commun do *Genero Humano*. Elle se esforça a demonstrar-lo no tomo II. dos seus *Ensaaios*, — *Inquirição dos Principios da Moral* — Secção V. e seguintes. O systema he plausivel; porém precisa de explicações.

Na verdade, he pensamento natural o attribuir o louvor que todos os homens dão ás *Virtudes Sociaes*, á *utilidade* que dellas deriva o Genero Humano. Nos actos ordinarios da vida, sempre appellamos para a circumstancia da utilidade, em estimar, ou desprezar, approvar ou desapprovar qualquer acção ou cousa.

He opinião geral, que, não se póde fazer maior elogio á qualquer pessoa, do que pela *sua utilidade* ao Publico, e pela enumeração dos serviços que tem feito á sua Nação e á Humanidade. Até damos o nome de *virtude* á qualidade útil dos vegetaes; e por isso tambem na linguagem usual dizemos *virtudes das plantas*.

Por essa razão, quando vemos os homens fazendo actos, e tendo habitos, contrarios ao Bem Commun da Sociedade, e perigosos ou prejudiciaes ás pessoas que com elles vivem e tratão, os que praticão taes actos, ou tem taes habitos, vem a ser objectos de desapprovação,

e communicação á todo o espectador os mais fortes sentimentos de desgosto e odio.

As virtudes sociaes tem natural belleza e amabilidade, antecedentemente ao uso da *razão*, e á todo os preceitos da Educação: ellas por si memas se recommendão á estima ainda da parte menos instruida do Género Humano, e atrahem o seu amor. A *utilidade das virtudes sociaes* he a principal circumstancia, donde provém o seu merito; pois o seu fim, e natural tendencia, he promover o que he de geral beneficio ou prazer. Ellas agradão, seja por considerações de interesse proprio, ou por motivos mais generosos de interesse publico.

Sem duvida o Estadista, ou patriota, que faz assignalados serviços ao nosso proprio paiz, e em nosso tempo, he objecto de mais apaixonado affecto, pela sua proxima ou immediata influencia no Bem Commun da Nação, do que os que fizerão iguaes serviços em distantes seculos, e remotos paizes; porque o bem que resulta de sua generosa virtude, he menos connexo com nosco, e, sendo, em razão da distancia, mais escuro, não nos faz tão viva impressão, e, em consequencia, não nos affecta com igual sympathia.

Acrescentarei as seguintes observações do mesmo *David Hume*. — Considerando-se os principios da Constituição do Homem, e a diaria experiencia e observação, reconhece-se, que as virtudes sociaes são uniformes, e principalmente se originão do *natural sentimento da benevolencia*, que nos impelle a attender aos interesses do Género Humano; e que he impossivel que humna creatura tal como o homem seja totalmente indifferente ao

bem ou mal de seos semelhantes, e que, não tendo algum seu interesse proprio e immediato em opposição, não deseje promover antes a felicidade, que a miseria da sociedade.

Quando se vê em historia antiga alguma generosa acção, he impossivel, que, sendo por nós approvada, não excite applauso e admiração. A virtude posta em tal distancia, he como a estrella fixa, que supposto, vista pelos olhos da razão, se considere como o sol no meridiano, contudo não faz impressão nos sentidos com todo o seu esplendor e calor. Mas ponha-se essa virtude mais perto de nós em tempo e lugar, ou sendo exercida por pessoa de nossa parentela e amizade, logo excita a sympathia a mais viva, e a nossa approvação a mais entusiastica.

O termo *Moral*, envolve a idéa de algum *sentimento commun* á todo o Género Humano, e que recommenda o seu objecto a *General Approvação*, influindo em que quasi todos os homens, concordem ou discordem na mesma decisão sobre o bem ou o mal de tal objecto; ou em outras expressões; o termo *Moral* envolve algum sentimento tão comprehensivo e universal, que se extenda ás mais remotas Nações, como objectos de estima ou censura, conforme se ajustão ou reprimão á alguma estabelecida Regra de Direito.

Em todos as divisões de Moralidade, o que principalmente temos em vista he a circumstancia da *utilidade publica*; e, quando se excitão disputas sobre os nossos deveres, não se pôde decidir a questão com maior certeza, do que inquirindo-se, se que parte

está o verdadeiro interesse do Genero Humano.

Quando se commettem attentados, a geral reflexão he: Que seria do Genero Humano, se prevalecessem taes praticas? Como poderia subsistir a Sociedade coim taes desordens?

Por tanto a *Utilidade Universal* he da essencia da Moralidade, e a medida da Justiça. Com razão se diz, que os Principios da Moral são *Principios Sociaes*, porque são Universaes, vista a universalidade de sua operação à bem do Genero Humano: elles, por assim dizer, formão o Partido da Virtude, e Ordem contra os vicios e desordens, que são os seus inimigos.

Ainda que por tempos prevaleça alguma opinião falsa sobre a moralidade de algum acto, pela superficial apparencia da sua rectidão; com tudo, depois de maior experiencia, e melhor raciocinio sobre as consequências de tal opinião, uteis ou perniciosas à Humanidade, os homens retractão os seus primeiros sentimentos, pondo mais justos marcos ás raiaes do bem e mal.

C A P I T U L O XV.

Reflexões sobre a Doutrina da Utilidade Universal.

NA Parte I. Cap. XIV. já fiz algumas ponderações sobre a doutrina de Hume, que bem refutou o *Systema Egoistico*, em que se calunhia a constituição Humana, considerandose o interesse individual como o unico mo-

vel dos actos de todos os homens, e que a intitulada *Virtude* he só palliada *hypocrisia*, conta de conveniencia, e mero calculo prudencial do amor proprio. Agora farei mais algumas reflexões.

A utilidade universal sem duvida he o criterio da *Pura Moralidade*, e deveria ser o motivo das ações dos homens, para terem ellas a approvação que em todo o paiz se dá á Virtude. He eminentemente virtuoso o que pratica o bem como seu reconhecido dever, por consideração da utilidade universal, e, consequentemente, em obediencia á Vontade de Deos, que a destinou.

Porém a maior parte dos homens não tem o espirito tão comprehensivo, que lhes faça conhecer e avaliar essa utilidade universal; e muito menos, quando obrão o seu dever, ou quando approvão os actos dos outros que praticão seus deveres, costumão ter em vista essa universal utilidade. Ainda os homens de vasta comprehensão de entendimento, raras vezes obrão, ou approvão, acção boa por esse motivo sublime. De ordinario, os homens os mais virtuosos, e que obrão, como se diz, por espirito publico, ou amor do Bem Publico, ou Bem Commum, apenas tem em vista o interesse de seu Paiz, e não o do Genero Humano.

Os Legisladores que decretão a justiça em suas Leis, deverião com especialidade consultar aquella utilidade universal. Elles assim o protestão em seus Tratados e Actos Diplomaticos; porém, de facto, é só contemplão a utilidade do Estado respectivo, que muitas vezes considerão, por interesses mal entendidos, estar em conflicto com a utilidade universal.

He todavia de complacencia á Humanidade, que nos Paizes mais civilisados se achão admittidos varios usos e costumes de reconhecida utilidade universal, especialmente no Commercio, quanto as Leis do Cambio, Seguro, Naufragio. O mesmo igualmente se observa nos mais essenciaes deveres da Moralidade. Porisso nos Estados mais cultos da Europa, o viajante, sahindo de huma Nação para outras, parece só mudar de casa á casa do proprio paiz, achando, em todas, iguaes praticas das virtudes sociaes, além da commum urbanidade, e cortezia, fé nos tractos. *

He tambem de notar, que ainda nos homens que exercem boas acções só por motivo de bem publico, ainda que tenham vista a utilidade Nacional, com tudo a approvação da acção, e do agente, não tem por medida a *effectiva* utilidade Nacional, e ainda menos a quantidade do ganho que della resulta á Nação; pois muitas vezes, em certas occorrencias, não resulta proveito, antes danno, ao Paiz, que só lucra na *força do bom exemplo*.

Quantos tem perdido batalhas pelejando heroicamente pelo Estado, tendo antes só resultado da sua virtude maior vingança do vencedor? Todavia os martyres patriotas sempre são celebrados em festas religiosas, orações funebres, historias.

Sem duvida, não só o vulgo, mas tambem os Estadistas avalião o merito das acções

* Até na Jurisprudencia do Imperio Romano os contractos ordinarios da vida, se intitulão *contractos de Direito das Gentes*.

heroicas pelo seu bom successo. Porém esse não he o Juizo do Genero Humano. Quem, por exemplo, achará mais veneravel a *Cicero*, que teve a felicidade de destruir a Facção de Catilina, do que a *Caio*, que, succumbindo a usurpação de Cesar, se mostrou recto entre as ruinas da Republica? * Quem dirá ser mais virtuoso o que salvou o naufragante, ou o que, na tentativa de salvar ao amigo, ou estranho, tambem perdeu a vida?

Portanto o merito do virtuoso só se commensura com o seu desejo, e effectivo exercicio, de satisfazer á seu dever, ainda que muito mais se realce, se tambem destinou a utilidade universal.

C A P I T U L O XVI.

Doutrina de Braun sobre o assumpto.

B *Raen*, no analyse que fez da theoria de *Hume* no Vol. IV. das suas *Leituras* sobre a *Philosophia do Espirito Humano* —, na *Leitura 77 e 78* contesta a opinião, que a *Utilidade Universal* seja o constituyente, e a medida da Virtude. Reconhece a verdade importante, que Deos estabeleceo *harmonia entre a virtude e a felicidade*; mas nega que alguma pessoa seja virtuosa, só pela razão de fazer acção util ao Genero Humano; e ainda menos, que o seu merito esteja em exacta pro-

* *Nihil habet Jupiter in terris pulchrius, quàm ut spectet Catonem, partibus non semel fractis, tamen inter publicas ruinas relictum* — Senec.

porção á mera vantagem physica que resulta de sua virtude, e que esta cresça, ou diminua, na razão do augmento ou diminuição de tal vantagem. Diz mais, que ha, comparativamente, mui pequeno numero de acções virtuosas á que se applique a *medida da utilidade*, e ainda he menor o numero daquellas á que tal medida se applique em exactas proporções.

He, na verdade, facto indubitavel, que as acções virtuosas tendem sempre, em maior ou menor gráo, á utilidade do Genero Humano. Mas a questão he, se, quando damos *approvação* ás *acções boas*, fazendo-as, ou vendo, lendo, e ouvindo feitas por outro, temos em vista essa utilidade?

Apellando para o *testemunho da consciência*, deve-se confessar, que não; porque tal approvação he instantanea, sem prévio exame, e discurso. O mesmo he na desapprovação a respeito das *acções má.* A *viveza da emoção* que o espirito sente na approvação, ou desapprovação, não lhe dá tempo para raciocinar, se são uteis ou nocivas ao Genero Humano. Antes, quando usamos de raciocinio por calculo de consequencias, e experiencias de utilidades, a viveza da emoção he ja deminuida; pois essa operação do entendimento presuppõe serenidade do espirito.

Ainda os mesmos philosophos, que alias recebem maior prazer, quando considerão por seus raciocinios, e exames dos experimentados bons resultados, a relação que a virtude tem com a utilidade transcendente ao Genero Humano, bem que por isso tenham maior motivo para adorar a bondade do Crea-

dor, que estabeleceo essa relação; com tudo, nos communs actos da vida, tambem dão a sua approvação ás acções virtuosas, e desapprovação ás viciosas, pelo identico instantaneo e vivo impulso dos mais homems, e só por força do natural e immediato sentimento da (por assim dizer) *approbabilidade* de ou *reprobabilidade* de taes acções. Esta *prioridade da approvação*, em todos os seus grãos, á qualquer pensamento de utilidade da acção, se verifica tanto no mais ignorante idiota, como no maior sabio, que conhece a *coincidência das relações entre a virtude e a Utilidade Universal da Especie*.

Demais: Quando alguem faz alguma acção evidentemente virtuosa, especialmente se he heroica, e de vantagem transcendente ao Genero Humano, ou ao Estado em que vive, não só se excita no espirito dos outros o sentimento da *admiração*, mas tambem o da *veneração*: estes dous sentimentos são de classes diferentes.

O Inventor de huma Machina não he util por si, mas pela machina inventada, e seus effeitos são (conforme a sua importancia) de proveitos incalculaveis á Sociedade, e á Positividade. Um ponto de utilidade, que pessoas houverão mais uteis do que, por exemplo, os Inventores do Arado, do Molinho, do Navio, do Astrolabio, da Typographia, da Machina Fatorialia, das Bombas de Vapor? Todavia, só os admiramos como Engenhosos, mas não os veneramos por Virtuosos. Se os dotados de tão extraordinarios talentos, nas diligencias de seus inventos, não forão, intencional e directamente, empregados com o unico fim do Bem do Genero Humano, jámais, por Juizo

da Humanidade se canonizão de Santos, como os Martyres da Religião. Os Patriotas, que se sacrificarão pelo Estado, ainda que alias a utilidade que resultasse da sua virtude seja incomparavelmente inferior á daquelles Inventores, são venerados por Heróes.

O que he veneravel nas acções, he alguma cousa mais que a sua utilidade. A *moral excellencia*, e só a *moral excellencia*, he a que excitâ a universal approvação da acção virtuosa, ainda que a quantidade da utilidade physica da mesma acção seja limitada, e ainda *no evento* nenhuma.

O mesmo *Hume* reconheceo esta verdade quando, explanando a sua doutrina, disse: “ Ainda que os entes inanimados possam ser *virtues*, como os homens, com tudo não merecem o nome de *virtuosos*. Os sentimentos excitados pela utilidade são, *nos dous casos*, *mui differentes*; a respeito dos entes inanimados, a utilidade não he ligada com approvação, estima, affecto, como o he a respeito dos homens. ”

C A P I T U L O XVII.

Das Regras Geraes.

William Paley nos seus = *Principios da Philosophia Moral e Politica* = tom. I. cap. IV. e VIII., diz:

“ O methodo de conhecer a Vontade de Deos pela luz da natureza sobre qualquer acção he — inquirir a tendencia da mesma acção em promover, ou diminuir, a felicidade do

Genero Humano —. Esta Regra funda-se na racional vel presumpção, que Deos deseja a felicidade de suas creaturas; e consequentemente, que lhe são agradaveis as acções que correspondem á essa Divina Vontade, e desagradaveis as que a contrarião. ”

Mas, para se conhecer a Divina Vontade, deve-se attender, não ao immediato effeito de qualquer acção, mas á sua *geral consequencia*, benefica, ou malefica ao Genero Humano, ou ao Estado em que vivemos. O Direito das Gentes, o Direito Publico, e o Direito Civil, devem-se fundar nesta Base.

A *geral consequencia* de qualquer acção se póde avaliar, perguntando-se, qual seria o certo resultado, se a mesma acção fosse geralmente permittida, ou tolerada? A razão de se prohibir ou castigar alguma acção sempre deve ser em proporção do mal, que resultaria da tolerancia e impunidade das acções da mesma sorte. Isto se aclarará com alguns exemplos.

O particular effeito de forjar alguém *moeda falsa*, he que o recebedor terá a perda do valor de tal moeda, cujo damno em hum ou poucas não *he grave*; porém a *geral consequencia* he de *mal immenso*; porque o povo perde a confiança da moeda legal, e o Estado pôe-se em perigo de ver parar o giro do Commercio.

O particular effeito da falsificação de hum Letra do Banco Nacional he para o recebedor a perda do importe de tal Letra, que póde ser tenue; porém a *geral consequencia* he de mal inculcavel; pelo deservito do Estabelecimento com que está ligado Bem Commun da Nação.

O particular effeito de furtar carneiro, boi, cavallo em pasto aberto, pôde ser de pouco damno ao dono: porém a *geral consequencia* he de mal extensissimo; por descorçoar a criação de gados, e por isso impossibilitar-se o supprimento do Publico em artigo de tanta importancia, na quantidade necessaria á subsistencia e industria do povo.

O particular effeito do arrombamento de casa, com morador, ou sem elle, he talvez só a perda de alguns castiçaes, e trastes de prata, que o ladrão achou: porém a *geral consequencia* he de mal transcendente, pela falta de segurança dos Cidadãos, ou perda da liberdade de não poderem deixar o seu domicilio sem perigo de roubo.

O particular effeito do Contrabando pôde ser inconsideravel, sendo pouca a quantidade e valia da fazenda; porém a *geral consequencia* he de enorme prejuizo; pelo desfalecimento da Renda do Estado, e ruina dos Negociantes de boa fé, que pagão os Direitos.

O particular effeito de faltar o prisioneiro de guerra á sua *palavra d'honra*, talvez não seja de importancia alguma, sendo elle pessoa que não valha a pena de ser guardada: porém a *geral consequencia* he de summo prejuizo á Humanidade; porque arrisca-se a *não dar-se quartel* aos prisioneiros de guerra, e cessar a mitigação dos males das hostilidades, que mais humanos usos tem introduzido na Lei das Nações civilisadas.

Do exposto de manifesta a importancia das Regras Ceraes, e o fundamento que devem ter, para a certeza da Moral Publica, e Justiça civil. O Governo Humano deve nella ter por modelo o Governo Divino. O

Regeador da Sociedade sustenta o Systema Physico por Leis Ceraes, destinando o Bem Universal de suas creaturas, ainda que, em alguns casos singulares, os individuos soffrão pela exenção de taes leis.

Por isso nos Estados mais cultos ha Leis que, á primeira vista, parecem duras, rigorosas, iniquas, e que se executão com extrema severidade; taes principalmente são as relativas a manter a *Segurança das pessoas, o Direito da propriedade, e a Verdade nos contratos*, bases do Edifício civil. A sua exemplar execução talvez em alguma circumstancias involva iniquidade; mas esta se compensa com a Utilidade Publica. *

A Legislação de Inglaterra nisto se distingue. O que apontou arma de fogo, ainda que a não dispare, contra outro Cidadão, tem pena de morte; porque (ahi se diz) *pois em perigo a vida*. O que furta animal tem tambem pena ultima, não pelo valor do furtto, mas para que não se furtem animaes. O que commette falsidade de qualquer sorte, ainda em escripto particular, que pôde ser por *endosso* circulação no paiz, he punido capitalmente, a fim de se engrandecer o Creditto Nacional. A pena se executa ainda contra as pessoas mais respeitaveis da Igreja Anglicana.


Não ha muitos tempos, em que o Doutor Dodd, Capellão da Rainha, muy estimado d'ElRey Jorge III, e do Publico, por ser excellente Pregador, e Fundador de duas

* *Ubi est aliquis ex iniquo omne magnum exemplum; quod utilitate publica contra singulos rependitur.* — Tacit.

Pios Estabelecimentos, pelos quães contrahio dividas, vendo-se vexado a pagar varias Letras, procurou obter, por via de hum Corretor de grande reputação, quatro mil libras esterlinas de hum Capitalista, com o falso titulo de ser para beneficio do Conde de Chesterfield, e na qualidade de seu Tutor, que já não era. Isto fez sem animo de fraudar, mas só por especulação de ganhar, por *comprou de fundos*, para satisfazer as suas dividas, e reembolçar o dito Capitalista em poucos mezes. Mas logo por hum acaso se descobrio a falsidade; e, sendo processado o Reo, não querendo accusallo o Conde, e sendo reposta a quantia recebida, ainda que o Juizado, reconhecendo as virtudes do mesmo Reo, o recommendasse á clemencia do Rei, este não deo o perdão, para salvar a *Virgem Pura da boa fé* que deve haver nos contractos. O Reo, excitando a commiseração do Povo, confessou no patibulo, que reconhecia haver commetido o *maior crime* na Opinião Nacional; que elle fraqueara na virtude, quando lhe chegou a *hora da tentação*, e que só esperava o perdão de Deos, confutando na Promessa do nosso Salvador = *os misericordiosos alcançardão misericórdia*.

C A P I T U L O XVIII.

Da Moralidade Legal.

 Onrém distinguir a *Moralidade Natural* da *Moralidade Legal*; aquella he a estabelecida pelo Author da Natureza, e demonstrada pelos communs instinctos e sentimentos.

do Genero Humano, e experimentada utilidade universal; esta he a introduzida pelos Legisladores da cada Nação, que pôde ser arbitraria, e de mero capricho, e despotismo; ou, ainda, sendo de boa intenção, pôde ser erronea, por desconhecimento, e falso calculo, do genuino Bem Publico, ou Interesse Nacional.

Por isso os Moralistas bem notão a differença, para imputação das acções, entre as acções *naturalmente más*, e as que se tachão de más só porque são prohibidas pelas Leis positivas dos diversos Estados.

Sobre a Moralidade Natural, a *Voz da Consciencia* he sempre forte para arguir o transgressor. Sobre a Moralidade Legal, que frequentemente he contraria aos ditos communs instinctos e sentimentos, e á utilidade universal, muitas vezes he iniqua e absurda: de ordinario, só a *Prudencia*, e não a *Consciencia*, he a que dicta a observancia das Leis.

Ainda nos Estados mais civilizados, e de Governos sabios, se achão volumes sobre volumes de Leis revogadas, ou inexequiveis, á muitas das quaes se derão razões especiosas de interesse publico, mas que realmente tiverão occultos motivos de interesse particular, e sendo muitas outras feitas por força de circunstancias, que depois se alterarão. Esta multidão de Leis tem sido huma das causas da irreverencia e insubordinação dos povos, que, com o progresso das luzes, tem reconhecido, que a liberdade Civil, e o Direito da Propriedade, tem soffrido restricções desnecessarias á boa ordem civil, e porisso, quasi sem escrupulo, violão, e desprezão taes

Leis. Isto especialmente se nota nos Regulamentos da Economia e Renda Publica.

Sobre este objecto he tão fraca, ou nulla, a probidade dos povos, que, ainda nos Paizes mais bem morigerados, se infringem com devasidão as respectivas Leis; e até a sua infracção já veio a ser objecto de *seguro regular* nas Praças de maior commercio; muito principalmente em tempo de guerra, em que o contrabando he de maior interesse. O premio, e o risco, he para os seguradores e segurados *culculo de probabilidades*; achande-se cordiaes cooperadores da Liberdade do Commercio, ainda nos paizes inimigos; o amor do ganho então vence o amor da patria.

O mais he, que, se assim não fosse, os males da guerra seriam maiores.

Porém sempre isso he triste, e lamentavel; pois taes praticas tão usuaes, desmoralizão as Nações, pela facilidade dos perjurios, e connivencia dos Depositarios da Authoridade Publica; passando já em proveitinho, que nas Alandegas e Casas de Despacho da importação e exportação dos Genseros Mercantis, *Juramentos e Certificados* são *Atigos baratos*.

Eis hum exemplo, por muitos outros que se podião enumerar. Em Inglaterra he prohibida a exportação das lãs, com o bem intencionado, e apparentemente plausivel, pretexto de segurar o emprego dos fundos dos Capitalistas, e o trabalho do povo, na Grando Manufactura dos Lanifícios Nacionaes, em que o Paiz tem humna das suas principais fontes de Industria e Riqueza. Mas o lavrador sincero, que não sabe calcular in-

teresses do Estado, só vê na criação dos carneiros o producto de seu honesto trabalho; e portanto se considera com direito de vender a sua lã a quem lha paga melhor, sem considerar, se he Nacional, que a destinada para fabricalla no paiz, ou Estrangeiro, que intenta exportalla. He impossivel que tal lavrador se persuada que cometto acção má em vender livremente o fructo do seu suor.

He notorio que raro será o cidadão que se pèje de usar artigos de contrabando, ainda não sendo elle contrabandista. Quando alguns Governos fizerão a tentativa de attacar o contrabando na propria pessoa que delles usa, ou mandar prender as fazendas da *tomada*, a voz da Humanidade, da Nação, da Decencia, abateo o furor dos Estadistas. Os mais habéis tem estabelecido a Regra de só impôr nos Genseros — Direitos moderados —, em modo que não se excite a tentação, e o lucro não valha o risco do contrabando.

He vão empenho dos Legisladores fazer Moralidade phantastica, á que o senso commun repugna. A variedade e discrepancia das opiniões dos Estadistas a respeito do Regulções Economicas, e a guerra de hums Estados contra os outros, ainda no tempo de paz e amizade de seus Govenos, (cada hum pretendendo ou dissimular o o contrabando reciproco) tira dos espiritos do povo o respeito á (por assim dizer) *moralidade forcada*, que o Author da Natureza não gravou nos corações dos homens.

Concluirei citando a *Penseem* no seu Tratado de *Educação* tom. III. pag. 6, que tem razão no seguinte reflexão = “*Tem-se dito que a consciencia he a obra dos prejuizos* =

com tudo sei pela minha experiencia, que ella se cõstina em seguir a Ordem da natureza contra todas as Leis dos homens. Em-hora se prohiba isto ou aquillo: os remorsos nos arguem fracamente, se as leis humanas vedão o que a Natureza ben ordenada permite.”

C A P I T U L O . XIX.

Da Moral da Razão.

N A Parte I. Cap. XVII. fiz a distincção das duas classes de Deveres Moraes; mostrando, que a 1.^a classe comprehende os deveres á que somos impellidoes executar só por impulso dos instinctos e sentimentos, e cummuns do Genero Humano, por immediata direcção de Author da Natureza; como o amor dos pais e filhos; a gratidão dos benfeicidos aos benfeitores; a sympathia, e benevolencia aos nossos semelhantes: a 2.^a classe comprehende os deveres dictados pelo uso da razão, quando, usando os homens da faculdade de raciocinar, e experimentando os bons ou máos effeitos de certos actos nas suas consequencias immediatas e remotas, que trazem Utilidade Universal, ou ao Genero Humano, ou, ao menos, á Communidade de que são parte, ou alias danno e ruina, formão Regras Gerais de conducta. Pertence á esta classe todo o systema de Justiça Política, com que se formou o Estabelecimento do Governo Civil, e Culto Religioso, o Direito de Propriedade, e de seus traspassos, por contracto, testamento, e ou-

Ainda que pareça haver o Author da Natureza confiado a execução dos Deveres Moraes principalmente da *forte impulsiva*, e sempre energica, em todo os paizes, dos ditos instinctos e sentimentos; com tudo deixou ainda muito á *Razão* do homem para a regencia desses instinctos e sentimentos, a fim de não exorbitarem do seu fim cobhecido.

O amor do *seco* he dever moral; porém a Razão o dirige, para que não se faça del-le abuso. O amor da *prole* he dever Moral; porém a Razão dicta ser indulgente aos filhos, sem preterir a sua boa educação, e disciplina. A compaixão aos infelizes he dever moral; mas o Legislador, e o Juiz, dever ter fortaleza, e não misericordia cruel, para impor, e fazer executar, penas justas contra os malfétores, que, violando a lei, provocão o seu fado. Exercer beneficencia he dever moral; mas a Razão obsta o dar indistinctamente esmolla á vadios, e ter liberalidade com parasitos, e máos.

He porém não menos de advertir, que a Razão tem sido Guia mui fallivel nos Deveres Moraes, quando se exerce só com *principios abstractos* nos negocios comprehendidos da sociedade civil. Ella só póde alumiarnos tendo ante si o Farel da Experiencia, e não *limitada experiencia*, mas humna experiencia que manifestão o verdadeiro, e pericamamente bem ou mal do Genero Humano.

Os maiores erros, e os mais cruéis attentados de Proscripções, Perseguições, Giverras, por motivos civis e religiosos, tem tido, apologistas acerrimos, cada hum reclamando

da sua parte a *Pezão*, bradando alias a Natureza contra as suas sanguinarias Decisões pelos instintos e sentimentos naturaes da sympathia e benevolencia. Isto tem sido can- sa de se attribuir a Religião as sem-razões e ignorancias dos homems. O Poeta Lucrecio, discipulo do Alhão Epiureo, assim o fez * : mas, referido o pranto geral dos Espectado- res do Theatro de Athenas, sempre que se representava o Sacrificio de Iphigenia pelos manes de Achilles, e navio condemnado o fanatismo, não advertio, *que as lagrimas do Pe- re erão as Sentenças da Natureza contra a Superstição.*

E não tem os presumidos de philoso- phos péjo de blazonarem de sua *Hição pura*, quando nas actuaes inculcadas *laes do se- culo*, ainda não tem podido convencer aos Legisladores, e Estadistas dos mais illustra- dos paizes a desistirem de perseguição por opinões politicas e religiosas? Cada Partido dá a sua *Hição* por medida da verdade. Que poder superior decidirá a *Grande Lição*, de que tanto depende o socego do Genero Hu- mano, e o progresso do melhoramento da Sociedade?

C A P I T U L O . XX.

Reflexões do Escripior da Moral Universal.

Ainda que já na Parte I. Cap. 21 preca- resse os leitores contra algumas doutrinas

Religio pepercit scelerosu atque impia fœcia.

do Escripior da *Moral Universal*, com tudo não será inutil expor aqui varias suas reflexões sobre a Consciencia, Sympathia, e Benevolencia.

Este Escripior no tom.I. Cap. XIV da- quella obra, em que trata dos *Effeitos da Consciencia na Moral*, diz:

“ *Por huma Lei constante da Natureza, e mdo não pôde gozar de felicidade pura no mundo. As suas riquezas, e o seu poder, não o protegem contra si mesmo: nos momentos lucidos que as suas paixões lhe deixão, se elle entra no seu interior, experimenta as accusações de huma consciencia perturbada com horrorosas pinturas que a imaginação lhe apre- senta. O assassino, quando acorda de noite, figura-se-lhe ver a sombra chorosa da pes- soa a quem matou; vê cheios de horror os olhos do Publico, que brada por vingança; vê os Juizes severos que pronuncião a sua sentença de pena ultima; vê em fim o appare- lho do supplicio, que reconhece ter justamen- te merecido. Este espectaculo imaginario he algumas vezes tão affictivo em pessoas dota- das de huma imaginação forte, que se tem visto a culpados offerecerem-se ao castigo da Justica, e buscar nos tormentos e na morte hum *asyllo contra os remorsos*, de que se sen- têm continuamente assaltados. Taes são os terriveis effeitos da desesperação em alguns malvados, que o horror de suas malféitorias reduz á impotencia de se reconciliarem com- sigo mesmo.*

“ Todavia he erro erer, que a conscien- cia obre de hum modo tão poderoso sobre to- dos os culpados. Ella nada diz aos espiritos estupidos; só falla de passagem aos espiritos

frivolos e dissipados; e calla-se inteiramente na tempestade das paixões. Em vão a consciência se oppõe ás más inclinações fortificadas pelo habito; este dá aos máos huma necessidade imperiosa, que os torna surdos aos seus brados.

“ Muitos commettem o mal, e persistem até o fim da vida em vícios e desordens de que raras vezes se remordem e arguem; outros não cuidão em reparar o mal, senão quando a consciência os atormenta assiduamente. A repetição das feidas que ella nos faz, forçõ-nos, não só a arrependermos, mas também a destruir, quanto em nós está, o mal, cuja idéa nos cércia, e que nos tem feito odiosos ás pessoas com quem vivemos. Reparando o mal, o homem se propõe reconciliar-se consigo mesmo, e com os seus semelhantes.

Por *justa castigo da Natureza* ha crimes, que não se podem reparar de modo algum. Como se dará a vida á hum amigo, que alleguem por delirio de colera matou em duello! Como hum tyranno, que por seus attentados fez infeliz por seculos a hum povo inteiro, se poderá reconciliar com sigo mesmo? Acalmará os remorsos o conquistador, cuja imaginação lhe faz ouvir os clamores das Nações assoladas? Como apaziguará a consciencia o Estadista, que por seus conselhos perdidos aniquilou a felicidade de seus concidadãos?

“ *A boa consciencia he a recompensa da Virtude*: ella consiste na segurança de que as nossas acções nos devem attrahir estima, louvor, e affecto das pessoas com quem vivemos. Temos direito de viver contentes de

nós mesmos, quando temos a certeza de que os outros o estão, ou devem estar. O que *constitue a verdadeira bemaventurança* he a paz da boa consciencia, e a permanente tranquillidade de espirito.

“ *Consciencia esclarecida* he a guia do homem moral: ella só pôde ser o fructo de *hum grande experiencia*, de *hum perfeito conhecimento da verdade*, de *hum raço cultivado*, e de *hum recta Educação*, que tenha convenientemente modificado o temperamento proprio a receber boa cultura... *Esta consciencia he infinitamente rara*, e não se acha senão em pouco numero de pessoas escolhidas, de bom natural, imaginação viva, e coração mui sensível.

“ *Consciencia erronea* se acha no maior numero de homens: esta consciencia julga de modo não conforme á natureza das cousas, ou á verdade. Isso provém das *opiniões falsas*, que os individuos tem formado por si, ou recebido dos outros. Não ha vicio que não perca a sua deformidade, quando predomina em seu favor alguma opinião falsa, sendo approvada pela sociedade em que vivemos. Em paiz de dissolução de costumes, e povo corrompido, ninguém se péja de libertinagem, e nem ainda de adultério. O soldado não se envergonha da rapina onde não ha disciplina. Fanáticos com zelo de consciencia cega por idéas falsas da religião e virtude, instigão aos outros, e elles commettem atrocidades e crueldades sem remorso, nem compuncto, contra aquelles que não tem as mesmas opiniões e seitas. *Falso ponto de honra* tem extinto o senso intimo do horror ao homicidio nos deuses mortíferos.

" A Vergonha he hum sentimento doloroso, excitado em nós pela idéa do desprezo que reconhecemos ter merecido.

" O Remorso he o temor produzido pela idéa de que as nossas acções são capazes de nos attrahir o odio e o resentimento dos outros.

" O Arrependimento he a dor interna de ter feio alguma cousa, cujas consequências presentinos serem desagradaveis, ou peigosas para nós mesmos.

" Os humens communmente não tem vergonha, nem remorso, nem arrependimento, das acções, que vêem authorizadas pelo exemplo, e toleradas ou permitidas pelas leis. Esses sentimentos só se excitão a respeito das acções que são de *universal desapprovação*, ou lhes podem attrahir castigos.

" Só as reflexões profundas e segundas a respeito das relações immutaveis e deveres da Moral, podem esclarecer a Consciencia, e nos mostrar o que devamos evitar ou fazer, independente das noções falsas, que achamos estabelecidas.

" A consciencia não falla senão aos que *então em si mesmos*, que raciocinão sobre as suas acções, e que tiverão huma educação conveniente a lhes fazer nascer o desejo de agradecer, e o temor habitual de se fazerem desprezar ou aborrecer. Taes pessoas são as que sentem vergonha, remorso, arrependimento, logo que fazem o mal; então ellas se correm, pelo temor de tornarem a experimentar os *sentimentos dolorosos*, que até as forçãõ a detestar a si mesmas; pois então vêem a si proprias com os mesmos olhos, com que são

vistas pelas outras

" A Consciencia pois, longe de ser humã qualidade innata, ou inherente á Natureza humana, vem a ser huma *disposição adquirida*, que não pôde ser senão o *fructo da experiencia*, da *imaginação*, *guida pela razão*, da attenção do homem ás suas proprias acções, e da providencia de seu influxo sobre os outros, e da reacção destes sobre nós mesmos.... O coraçõ do homem he como hum *tubua vaza*, mais ou menos disposto a receber as impressões que se lhe fizerem.... Como poderia alguem ter a consciencia de haver feito huma acção injusta, se não tivesse idéas claras de justiça?.... He necessario ter muitas experiencias, e fazer reflexões ainda mais multiplicadas, para descobrir, e prever, as influencias da nossa conducta sobre os outros, ou para presentir as suas boas ou más consequências, que muitas vezes são remotas.

Das expostas reflexões se manifesta reconhecer o Escripitor da *Moral Universal* a extensão, e força do testemunho e poder da consciencia, ainda nos homens mais factuosos: basta, que esta *censura* inexorável exerça a sua jurisdicção em approvar as acções boas, e condemnar as más, na generalidade dos individuos, para se demonstrar a Ordem Moral estabelecida pela summa Sanctidade da Divina Providência no Governo da Sociedade. Centesto porém a decisão do mesmo Escripitor, que a *consciencia esclarecida* he só de *pouco numero* de homens, que sabem raciocionar por calculo de experiencias e remotas consequências dos actos humanos.

Por ventura não se pôde com verdade dizer, que tem *boa consciencia*, e *esclare-*

ciã consciência, como de illuminação da Divindade, quasi todos os individuos da nossa Especie, que, por interno e irresistivel impulso, exercem as *virtudes sociais*, como da fidelidade dos conjuges, amor dos pais, filhos, parentes; concordia dos amigos, e patrieias; gratidão dos beneficiados &c. Por ventura precisa-se de sabios raciocinios, e longas experiencias, para toda a pessoa reconhecer ser de seu dever adorar a Deos, obedecer ao governo estabelecido, não fazer tumulto no povo, não commetter homicidio voluntario, perjurio, furto, adulterio, engano, injuria, calunnia, difamação?

Eis a summa da Lei Moral, para cuja evidencia basta ter o menor entendimento, e não ter o coração corrupto como os malvados, que bebem o crime como *agaa*. Quem não se compraz de que outros digão em *sua consciencia*, e innocente singeleza, como o nosso Salvador disse de hum probo compatriota — *ahi vem o Israelita em que não ha dolo?*

A boa e esclarecida consciencia do Genaro Humano se vê na uniformidade e universalidade com que em Theatro (que he bom Licéo de Moral, sendo convenientemente regulado) todos os entendimentos e corações, tanto do velho, e moço, como dos ignorantes e doutos, se excitão com emoções instantaneas em mostrar aplauso á virtude, e horror ao vicio, com humã imparcialidade unanime; porque então ahi não ha confictio de interesses particulares, e só se vê a Natureza Humana na scena da vida, amando o bem, e odiando o mal, em qualquer seculo, paiz, e grão de civilisação.

Os presumidos de superior intelligên-

cia, e que influirão em más Legislações e Governanças, são os que tem confundido o senso commum do Genaro Humano em objectos dos Bons Costumes, e ou tem forçado, ou seduzido os povos á praticas e crueldades em materias de Religião e Politica, á que rehetta a consciencia dos que o Livramento appellida *pobres de espirito*.

C A P I T U L O XXI.

Continuação das Reflexões.

O Mesmo Escripitor da Moral Universal no tom. I. Cap. VIII, em que trata da *Compaixão*, assim diz:

“ Compadecer-nos dos males dos homens, he sentir o que elles sentem; he padecer com elles; he participar de suas penas; he, de alguma modo, pôr-se em seu lugar para experimentar a situação penosa que os atormenta. Assim a compaixão no homem he hum *dispositão habitual* de sentir, mais ou menos vivamente, os males com que outros são affictos.

“ Alguns Moralistas, para explicarem as causas desta *sensibilidade*, que interessa os homens nas penas de seus semelhantes, tem recorrido á humma certa *Sympathia*, isto he, á humma *causa occulta e chimérica*, que não pôde explicar cousa alguma. Deve-se procurar a verdadeira causa da compaixão na organisação do homem, na sua sensibilidade, em humma memoria fiel, em humma imaginação activa. O que tem órgãos sensiveis, sente vivamente a dor, e depois se recorda da idéa

dolorosa, que então lhe foi excitada: em tal pessoa, a sua imaginação pinta-lhe com força essa dôr à vista do homem que sofre, e padece igual sensação penosa, a qual em pessoas mui sensíveis se manifesta até por desmaios e convulsões.

“O effecto natural da dôr que então experimenta vivamente essa pessoa á vista do soffrimento de outra, he o procurar os meios de fazer cessar a situação afflictiva que se lhe communica. Do allivio dado ao padecente, resulta tambem real allivio á pessoa que lhe deo o socorro; e vem a ser hum *prezer doce*, que a reflexão, ainda mais augmenta pela idea de *ter feito bem* ao proximo, de haver merecido o seu reconhecimento, de ter hum coração terno; cuja disposição todos os homens desejão achar em seus semelhantes, e cuja falta faz crer, que tal pessoa insensivel he mal conformada.

“Sendo os homens mui variados pela organização, e pela força da imaginação, não podem ser susceptíveis de sentir com igual vivacidade os males de seus semelhantes. Há pessoas para quem a compaixão he nulla, ou não he tão forte, que os determine a fazer cessar as penas que outras soffrem. Ha muitos que, em razão de sua riqueza, e de viverem prosperos, endurecem a coração, sendo insensíveis aos males alheios. Os infelizes e indigentes são os mais compassivos. Alguns Moralistas tem erido que a compaixão he a base de todas as virtudes moraes e sociaes. Mas ella he rara no mundo, que está cheio de multidão de homens insensíveis, e de homens cubicosos, que olhão sem piedade para a miseria dos povos, depois de

lhes terem por suas extorsões reduzido á miseria.

“Para ser alguem habitualmente disposto a se compadecer, e socorrer os desgraçados, não basta ter hum coração sensivel, que he *dom da Natureza*, mas tambem he preciso cultivar assiduamente essa sensibilidade natural.” &c. &c.

Ainda que o deduzido no Cap. XI. assaz forneça a refutação desta doutrina vaga e incoherente, farei todavia as seguintes reflexões.

Se a *Sympathia* he *dom da Natureza*, com que razão este Escriptor a ridiculariza, dando-lhe o baldão de *causa occulta e chimerica*? O mesmo podia elle dizer da força centripeta e centrífuga, da virtude magnetica, da electricidade, da attracção, do galvanismo, que aliás tem sua *causa final*, e vaesta *agencia universal*, produzindo tão admiraveis effectos physicos. O mesmo tambem elle poderia dizer do instinto ou *dom do canto*, *pudor*, e *resentimento*, que tanto influem na vida humana, e que todavia he, mais ou menos, vivo, e mais explicita e constantemente se desenvolve, conforme aos temperamentos, habitos, e educação dos individuos. O Egoista, o insentimental, o cruel, são detestados, e lavidos por monstros da Especie. Ha pessoas de hum e outro sexo, que invocávamos por descaradas, sem ponderar, sem vergonha, e de cara estanhada, cujas faces não se corão sendo comprehendidas nas maiores infamias e torpezas: dir-se-ha por ventura esta verdade, que esse he o caracter commun da Humanidade? inteiramente falso. São raros os insensíveis aos males alheios; rarissimos al-

da mais são os Domicianos, que a Natureza fez de face sanguinaria, e de cruel rubor no rosto, para, segundo diz Tacito (*), ser assim premunido contra o pudor na execução de carnicieiras.

Como he sentimental a Lei Evangelica, onde o nosso Salvador declarou = *benaventurados os misericordiosos, pois alcançarão também misericórdia* = ?

C A P I T U L O XXII.

Objeções contra o Testemunha e Poder da Consciencia.

DEpois de ter estabelecido directas provas das doutrinas da Moral Publica, fundadas em *factos*, de que cada individuo tem a evidencia em si mesmo, ou em diaria experiencia, e monumentos certos da Historia, parece superfluo propor e refutar objecções vulgares. Mas, por seguir o methodo didactico dos Escriptores que tratão de materias que tem sido controvertidas, indicarei e discutirei as que se tem inculcado, em ar de triumpho, pelos pseudo-philosophos do seculo. Se a *Consciencia* fosse a *Voz da Natureza*, executora da Ordem Moral de seu Author (objectão os duvidosos) ella seria a infallivel guia para a certeza da rectidão ou malicia das acções, e a Regra Universal e constante em todos os seculos e povos. Mas

(*) Seneca: *Ille rubor, quo se contra pudorem munitur.*

isso he contrario á todo o corpo da Historia da Sociedade civil, e das viagens á paizes salvagens, barbaros, e incultos.

Os salvagens são em toda a parte insentimentaes em malfazer, — sem a menor compaixão nas torturas com que tirão a vida á seus inimigos, sem horror aos cadaveres que matão e comem. Elles até matão aos pais velhos; não tem péjo das acções mais torpes; não respeitão as proprias mulheres; não se abstém dos fructos dos trabalhos alheios; estão em continua guerra de exterminio das tribus circunvizinhas.

A exposição das crianças, e o infanticídio se tem praticado, e ainda se pratica, sem commiserção, nem remorso, em varios paizes antigos, e modernos. Na China até he particular officio de mulheres, que vivem de garrotear e afogar meninos expostos nas ruas e margens dos rios.

A Republica dos Lacedemonios, que tanto prezava as virtudes civis, até premiava aos que fuzião furtos de industria, e permitião a luita, brago á brago, de pessoas nuas de ambos os sexos.

Desde tempo immemorial, se tem reduzido á escravidão os prisioneiros de guerra, e authorizado o tráfego de escravatura, dando as Leis o direito de vida e morte aos senhores contra os escravos, que erão, e são, cruelmente tratados, ainda nos mais cultos Estados. Ainda hoje existe em grande parte d'America a Lei do captivoiro dos Africanos, e de seus oriundos; e, apesar de se advogar a Causa da Humanidade no Parlamento de Inglaterra, e o Governo Inglez se empenhar na Abolição do Tráfego de Escravatura nos Ca-

binetes dos Grandes Monarchas da Europa, não a tem obtido senão parcial e illusoriamente.

A poligamia he commun na Ásia e Africa.

Nos Estados mais civilizados he que se tem mais inventado instrumentos de tortura, e destruição da Humanidade, e até se tem feito a *Arte da guerra* huma sciencia sublime, que exige o conhecimento profundo de muitos ramos scientificos, e cujo principal emprego he resolver o PROBLEMA — *destruir o maior numero de homens dadas, no menor tempo possível.*

O fanatismo e a superstição tem occasionado perseguições, guerras, cruzadas, opiniões religiosas e politicas. Em Hespanha e Portugal, o Rei e o povo costumavão assistir aos chamados *Actos da Fé*, a verem por gossos, e sem remorso, aos Judéos e Hereges condemnados á fogueira.

Tem-se feito longos Catalogos de usos barbaros e supersticiosos de diferentes povos; causando admiracão aos que vivem no gremio da Christandade, que povos e governos hajão adoptado, e ainda observão, taes usos, sena que as suas consciencias em nada se accussem, antes directamente arguão aos que tem diversas crengas e práticas: desorte que parece ser toda a *Moral de crengão americana*, variando conforme aos grãos do Equador.

Em todos os paizes, ainda da Christandade, se tem forjado pelos Casuistas huma *Moral rigorosa, arbitraria, e cerebral*, com falsos casos de consciencia, que tem dado frivolos

zem de *consciencia timorata*, por acções innocentes, e até fazendo do essencial, indifferente, e do indifferente, essencial á causa da Virtude. Elles dão tantas regras sobre a consciencia verdadeira e duvidosa, que tirão todo o credito á mesma consciencia(*).

Onde pois (dizem os libertinos) está o *Testemunho e Poder da Consciencia*? Logo esta só se funda em prejuizos da *Educação*. Todos estes argumentos se convencem de sophismas, em quanto se não convencerem de falsos os incontestaveis factos expostos nos capitulos antecedentes. Darei com tudo algumas respostas ás objecções.

Os *monstros phisicos* não são os padrões da creação, nem se devem allegar por *modelos da natureza*. Bem disse *Aristoteles* = o que he natural, deve-se considerar nas cosas que operão conforme o seu perfeito estado, e não nas que se achão corruptas =. Os salvagens são os monstros da *Especie humana*, que até deformão a sua *physiognomia*. Ainda assim, os communs instinctos e sentimentos da Humanidade não são nelles de todo extinctos. Muitas das suas communidades tem crescido em população; isso prova, que taes instinctos e sentimentos sempre operão, com acção mais ou menos extensa e viva. He facto certo, que o Estabelecimento dos Europeos no Brasil foi originariamente devido á hospitalidade dos salvagens á alguns nautifragantes, ainda que praticassem crueldade com outros, seja porque os reputassem ini-

(*) Na Encyclopedia da Franga se dão no *Artigo Consciencia*, doze *Racões*.

migos, seja porque soffressem alguma violência. Em fim o Estado salvagem he o mais demonstrativo argumento do *pecado original*, que reduzio os homens á condição de *sembrutos*.

O deshumano uso de expor e matar as crianças, em parte, se origina da ignorancia e lascivia dos povos, que produzem filhos sem meios de subsistencia, e, em parte, pelo respeito á Moral Publica, temendo as multas nos paizes civilisados a perda da honra apparecendo com filhos illegítimos; o temor da infamia soffoca a voz da Consciencia, que todavia he impossivel que não lhes morda e remorda, pela atrocidade do facto.

Os Lacedemonios, por estarem cercados de povos ferozes e bellicosos, estimavão sobre tudo o estratagemas e valor, como as principaes virtudes do Estado: porisso tolleravão o furto de industria, para acostumar a sua gente á vigilancia, e astucia na guerra. Tendo a Instituição da communidade dos bens, não tinham as mesmas razões de tanto respeitarem o direito da propriedade.

A Lei do captivo foi na origem o effeito da preguiça, violencia, e desconfiança dos povos rudes. Os que não se quizerão sujeitar á Lei do Creador = *comercis de trabalhos*, = e preferirão viver á custa do suor alheio, occasionalarão resistencia, e guerra. Então o vencedor, pensando ter direito de tirar a vida ao inimigo, com falsa razão creô, que lhe faria graça em reduzi-lo á escravidão, para o obrigar ao trabalho, como em premio da victoria. Ainda hoje o trafico da escravatura d'Africa se continúa por titulo de *resgate*, para libertar os negros do despotismo de seus tyrannos. e conferir-lhes o beneficio do

Gremio do Christianismo. Razões egoisticas tem soffocado, mas não extincto, a *Voz da Consciencia*. O espirito da Lei Evangellica muito influio na Lei das Nações modernas, para não fazerem escravos aos prisioneiros de guerra. Em todos os paizes da Europa quasi geralmente se tem condemnado o captivo, e o Commercio de sangue humano. A Causa da Justiça e Humanidade he já adovogada pelos mais pios e doutos homens da Christandade. O Moralista Seneca diz, que até no Imperio Romano os *maes senhores erão apontados com o dêdo*; e os Imperadores, que merecerão o titulo de Delicias da Humanidade, fizeram leis favoraveis contra a tyrannia domestica. Que maior brado da Consciencia no povo e Governo!

A invenção das torturas, e dos instrumentos mortíferos da guerra só prova a ruina da Constituição dos homens, que naturalmente se horrorisão da effusão de sangue, e da vista de padecente, e enjaver.

A Humanidade hoje se compraz da Victoria da Religião e da Philosophia em abolir o uso dos tormentos da antiga e diabolica Jurisprudencia criminal, e na confederação das maiores Potencias da Christandade em Manter entre si a Paz. Assim seja sincera a que ora se intitula SANTA ALLIANÇA.

C A P I T U L O XXXIII.

Do Interesse Pessoal.

Escriptor das reflexões dos Cap. XX. e XXI. nega haver *Benevolencia desinteressada* dos homens, pois, (diz) *seria effeito sem cau-*

sa. Elle no tom. I. da sua Obra da *Moral Universal* assim decide com tom dogmatico no Cap. VI.

“He indubitavel que todos os individuos da Especie Humana não obrão, nem podem obrar, se não por interesse. A palavra *interesse* assim como a palavra *paixão*, não apresenta no espirito senão o *amor do bem*, e o *desejo de felicidade*. Portanto não se deve arguir aos homens o serem *interesseiros* (o que significa terem necessidades e paixões) se não quando tem interesses, paixões, e necessidades, prejudiciaes, tanto á si, como aos outros homens, á cujos interesses os seus não se ajustão.

“Os homens são bons, ou máos em consequencia de seus interesses. Tanto fazendo o bem, como fazendo o mal, não obramos se não pela vantagem que pensamos resultar de nossa conducta. A idéa do *bem-ser*, ou do interesse ligado á prazeres, ou á objectos contrarios á nossa propria felicidade, constitue o que se chama *interesse mal entendido*: elle he o manancial dos erros e desvarios dos homens, que, por falta de experiencia, reflexão, e razão, muitas vezes *descobrem* com extremosamente os seus *verdadeiros interesses*, e só attendem, e satisfazem ás *necessidades imaginarias*, e ás *paixões cegas*, por suas ignorancias, por suas preoccupações, por suas effervescencias de phantasia desordenada.

“O *interesse pessoal*, e as paixões que elle excita, só são disposições censuraveis, quando são contrarias ao *bem-ser* daquelles com que vivemos; isto he, quando nos fazem proceder a procedimento, que os incomoda, ou prejudica; visto que os homens não approvão se

ção o que lhes he util; porisso o seu interesse os obriga a arguir, aborrecer, e desprezar tudo o que contraria á sua tendencia á felicidade.

“O *Interesse* he louvavel e legitimo, quando tem por objecto cousas verdadeiramente uteis á nós mesmos, e aos outros. O *amor da virtude* não he senão o nosso interesse ligado ás acções vantajosas ao Genero Humano. Se hum *interesse sordido* he o movel do avarento, hum *interesse nobre* anima o homem benéfico: elle quer ganhar a affeição, a estima, a ternura daquelles que podem participar dos effeitos de sua generosidade.

“Sacrificar o seu interesse, significa sacrificar hum objecto, que agrada, e que se ama, á hum objecto que ainda mais fortemente se ama, ou que dá maior agrado. Hum amigo se resolve a sacrificar parte de sua fortuna por seu amigo, porque este amigo lhe he ainda mais caro, que a porção de bens que por elle sacrifica. O entusiasmo he a paixão por hum objecto, que alguem olha unicamente, com humna *sorte de embriaguez*, que o impelle a sacrificar por elle tudo, e até a si proprio: ainda neste caso, o homem se sacrifica pelo seu proprio interesse.

“Obrar sem interesse, seria obrar sem motivo. Qualquer pessoa intelligente, isto he, que se *propõe* a sua felicidade em cada instante de vida, e que sabe empregar os meios proprios a conduzir á este fim, não pôde hum só instante perder de vista o seu interesse: para que este interesse seja louvavel, deve sentir, que, havendo-o a Natureza posto na Sociedade, o seu verdadeiro interesse exige, que se mostre util e agradavel á seus

za. Elle no tom. I. da sua Obra da *Moral Universal* assim decide com tom dogmatico no Cap. VI.

“He indubitavel que todos os individuos da Especie Humana não obrão, nem podem obrar, se não por interesse. A palavra *interesse* assim como a palavra *paixão*, não apresenta no espirito senão o *amor do bem*, e o *desejo de felicidade*. Portanto não se deve arguir aos homens o serem *interessados* (o que significa terem necessidades e paixões) se não quando tem interesses, paixões, e necessidades, prejudiciaes, tanto á si, como aos outros homens, á cujos interesses os seus não se ajustão.

“Os homens são bons, ou máos em consequencia de seus interesses. Tanto fazendo o bem, como fazendo o mal, não obramos se não pela vantagem que pensamos resultar de nossa conducta. A idéa do *bem-ser*, ou do interesse ligado á prazeres, ou á objectos contrarios á nossa propria felicidade, constitue o que se chama *interesse mal entendido*: elle he o manancial dos erros e desvarios dos homens, que, por falta de experiencia, reflexão, e razão, muitas vezes *desconhe com* extremosamente os seus *verdadeiros interesses*, e só attendem, e satisfazem ás *necessidades imaginarias*, e ás *paixões céegas*, por suas ignorancias, por suas preoccupações, por suas effervescencias de phantasia desordenada.

“O *interesse pessoal*, e as paixões que elle exalta, só são disposições censuraveis, quando são contrarias ao *bem-ser* daquelles com que vivemos; isto he, quando nos fazem ter procedimento, que os incomoda, ou prejudica; visto que os homens não approvão se

não o que lhes he útil; porisso o seu interesse os obriga a arguir, aborrecer, e desprezar tudo o que contraria á sua tendencia á felicidade.

“O *Interesse* he louvavel e legitimo, quando tem por objecto cousas verdadeiramente uteis á nós mesmos, e aos outros. O *amor da virtude* não he senão o nosso interesse ligado ás acções vantajosas ao Genero Humano. Se hum *interesse sordido* he o movel do avarento, hum *interesse nobre* anima o homem benefico: elle quer ganhar a affeição, a estima, a ternura daquelles que podem participar dos effeitos de sua generosidade.

“Sacrificar o seu interesse, significa sacrificar hum objecto, que agrada, e que se ama, á hum objecto que ainda mais fortemente se ama, ou que dá maior agrado. Hum amigo se resolve a sacrificar parte de sua fortuna por seu amigo, porque este amigo lhe he ainda mais caro, que a porção de bens que por elle sacrifica. O entusiasmo he a paixão por hum objecto, que alguem olha unicamente, com hum *sorte de embriaguez*, que o impelle a sacrificar por elle tudo, e até a si proprio: ainda neste caso, o homem se sacrifica pelo seu proprio interesse.

“Obrar sem interesse, seria obrar sem motivo. Qualquer pessoa intelligente, isto he, que *se propõe* a sua felicidade em cada instante de vida, e que sabe empregar os meios proprios a conduzir á este fim, não pôde hum só instante perder de vista o seu interesse: para que este interesse seja louvavel, deve sentir, que, havendo-o a Natureza posto na Sociedade, o seu verdadeiro interesse exige, que se mostre útil e agradável á seus

sermelhantes; porque os entes que o cercão, e que são sensíveis, amantes de seu bem-ser, e interessceiros, igualmente como elle, não contribuirão á sua felicidade senão em vista da propria felicidade que delle esperão. Daqui se manifesta, que *sobre o interesse* he que a Moral deve fundar solidamente os seus preceitos para os fazer effeazes. Ella deve provar aos homens, que o seu verdadeiro interesse exige, que *sigão a virtude*, sem que, não podem ter felicidade na terra.

“ Ainda que hajão pessoas que levão o seu desinteresse á ponto de mostrarem benevolencia aos ingratos, e á pessoas, que já-mais conhecerão, ou mal conhecerão, com tudo essa mesma benevolencia não he desinteressada; porque provém da *compaixão*; e o homem compassivo dá allivio á si proprio fazendo bem aos outros.

“ Examinando-se ao homem tal como a natureza o fez, reconheceremos, que elle não poderia subsistir, se perdesse de vista o amor de si mesmo: em quanto tiver os seus órgãos sãos, e bem constituidos, elle não pôde aborrecer a si sem ser indifferente ao bem ou ao mal que lhe acontece, e não pôde impedir-se o desejar a felicidade que não tem, e temer o mal de que se vê ameaçado: não pôde amar os entes da sua especie, senão em quanto os acha favoraveis aos seus desejos, e dispostos á contribuirem a sua propria conservação e felicidade. He só com vista á si mesmo que tem affeição aos outros, e se une com elles.

“ Amamos ao amigo em razão do prazer, que causão ao nosso coração, a sua presen-

na, se ama ao filho, e lhe prodigaliza os seus cuidados, ainda á custa da sua propria saúde e vida, he porque experimenta prazer vendo a esse filho querido &c.

“ Se algumas vezes o amor de si parece não ter parte alguma em nossas acções, he porque o coração se turbou, e o entusiasmo os embriaga; então o homem não racionalisa, não calcula; e, na desordem em que se acha, he capaz de sacrificar a si mesmo ao objecto de sua predilecção; e delle se enamostra, porque entende achar no mesmo a sua felicidade. Eis a razão porque a amizade sincera tem ás vezes levado a algumas pessoas a quererem morrer por seus amigos.

“ Quando misturamos as nossas lagrimas com as das infelizes, enternecemos-nos sobre nós mesmos; quando choramos sobre as cingzas das pessoas que amavamos, e que nos causavão grande prazer, choramos por nós mesmos. O heróe que dedica e sacrifica a vida na batalha, he por amor da gloria, e temor da ignominia: expõe-se ao perigo, por não ficar deshonrado, o que a sua imaginação lhe figura como a maior desgraça: pelo fogo da phantasia não considera, se vai ter a morte, e que não colherá os fructos da honra na qual está habituado a fazer consistir a sua felicidade.

“ Todas as paixões, interesses, vontades, e acções do homem, não tem por consanto objecto, senão o *satisfazer ao amor que tem por si mesmo*. Eis o amor proprio, tanto censurado por alguns Moralistas;

CAPÍTULO XXIV.

Refutação do Barão d' Holbach.

NÃO se contesta, que o *amor de si*, ou o *amor-proprio*, he de instinto e sentimento natural á todo o homem; e consequentemente, que he de seu dever e interesse guardar o *posto da vida*, que o Creador lhe confiou, e procurar o *melhoramento de condição*, e a sua prosperidade progressiva, com tanto que seja sem exclusão, nem offensa, de seus semelhantes: esse movel está em constante operação nos negocios ordinarios da vida.

Porém não he menos certo, que temos moral obrigação de tambem fazer aos outros o bem positivo que podermos, ainda com grave detrimento de nossas pessoas e propriedades, e até, em caso urgente, de sacrificar a vida pelo Bem Commum, e salvação da Patria.

Tachar-se tal benevolencia, e heroicidade por *sorte de embriaguez*! Eis a maior injuria que sepodia fazer á Humanidade: he espantoso vêr repetir-se tão iniqua sentença pelo Escriptor da Moral Universal. Isto só basta para considerar a doutrina egoistica do Barão d' Holbach abaixo de toda a refutação: os seus melhores refutadores serião os milhares de patriotas, que, em temor de invasão de seu paiz, se vão offerecer para soldados voluntarios, e tem por brazão, que o seu General os mande para a primeira linha de batalha, como o melhor pôsto de honra.

O que por extremo scandaliza, he o que elle diz sobre o desvelo da mãy ao fi-

Iho, qualificando-o de mero pessoal interesse, e calcio de prazer: contra isso oppo-nho as seguintes reflexões, do Professor Bracun na sua *Lectura* 77 da *Philosophia do Espirito Humano*.

“ Por ventura a mãy que passa noites sobre noites sem dormir no berço de sua criança, jámais, por hum só momento, pensa, que he para o bem da *Sociedade do Genero Humano*, que ella trabalha para conversação desse pequenino ente, que lhe he tão caro por si mesmo, e cujo desamparo, ainda quando nenhum ente no universo sentisse danno, lhe pareceria hum crime da mais horrida atrocidade? Porventura podemos negar o nome de *virtude desinteressada* á sua paciencia, ternura, vigilancia, só porque á tal mãy talvez occorra o pensamento de ter algum prazer, e proveito da vista e existencia desse filho? Não: a Natureza a impelle á todos os sacrificios, independente de considerações de interesse; e ella executa cordialmente o seu dever por mero sentimento, e não por algum raciocinio, em que avalie a geral vantagem do amor materno, como principio que opéra, e continúa a operar, em todas as familias do Genero Humano.

“ He certo que o homem sente prazer no exercicio de seu dever; e sente pena, quando não pôde satisfazer ao seu desejo de felicidade dos outros: mas isso não destroe a *natureza desinteressada da virtude*; a delicia que o homem benevolo sente no desejo da felicidade de seus semelhantes, he prova, e convincente prova, que o *homem não he egoista*: esse generoso desejo he an-

terior á acção virtuosa: aliás inverteríamos toda a *regra da razão*, suppondo, que o effeito he o que dá occasião á causa, e não a causa a que produz o effeito. Sim: o virtuoso sente delicia nos sacrificios que faz: mas he huma delicia, que elle não trocaria por cousa alguma, excepto pela noticia de que o sacrificio fôra de vantagem ao amigo por quem o fez.

Desde a mais alta antiguidade os melhores conhecedores da natureza moral do homem, e abalisados Poetas dramaticos, poseram a virtude e o vicio em acção e scena, onde só fallão o coração, e a consciencia do genero Humano, sem conflicto do amor-proprio, ou interesse de cada individuo. Luctão vê-se, que o homem não he, por sua Constituição, *Egoísta*, mas imparcial Juiz das boas e más acções, e amante da Virtude, só por amor da Virtude, e da Humanidade, com intenso prazer de ver os triumphos da Probidade, e iníma dôr de ver os tropheos da Malícia.

A corrupção moral que mais tem prejudicado os pregoeiros do *egoísmo*, tem obrigado os Legisladores a Organizar Força Publica, para sustentar o Interesse Nacional, e Social contra o seu terrivel inimigo o *interesse particular*.

Concluírei com as seguintes observações de *Dugald Stewart* no seus *Elementos da Philosophia Moral*, Parte II Secç. VI.

“As *Enoções* que se excitão pela contemplação do *justo*, ou *injusto*, no proceder dos homens, são diferentes, tanto em grão como em genero, das que são produzidas pela serena consideração da nossa felicidade.

excitadas pela moral conducta dos outros; porque tal he a influencia da illusão do amor de si, que poucos homens são capazes de julgar com perfeita imparcialidade a respeito de suas proprias acções. As *Enoções* excitadas pelos caracteres delincados nas *Historias* e *Novellas*, são algumas vezes ainda mais poderosas, do que aquellas que esperimentamos á vista de qualidades semelhantes manifestas no circulo das pessoas com que tratamos; pois então o nosso juizo não he tanto influído por parcialidades, e preocupações. As representações nos Theatros dão as mais favoraveis oportunidades para observar os seus effeitos.

“Como toda a especie de entusiasmo opera com efficacia maior, quando os homens se achão em ajuntamento, os nossos sentimentos moraes se manifestão em mais vasta extensão no Theatro do que no gabinete. Em virtude de sua reunião, ainda a mais leve inclinação de virtude e vicio que o Poeta indica, levanta em transportes as paixões dos Espectadores; e até tórça a dar lagrimas involuntarias aos homens da maior reserva e deencia.

“Ainda que os philosophos tenham mostrado, que o senso do dever, e a illustrada attenção á nossa propria felicidade, conspiram, em muitas occasiões, a dar a mesma direcção á nossa conducta, de sorte que seja fôra de toda a duvida, que *a vida virtuosa he a verdadeira sabedoria*; com tudo não he menos certo, que esta verdade não he obvia ao senso commun do genero Humano, mas he só deduzida de huma vista extensamente comprehensiva dos negocios da socie-

dade, e da exacta investigação das mais relevantes consequências das nossas diferentes acções. Pela experiencia e reflexão he que aprendemos a conhecer, que a virtude he o expediente de promover a mesma nossa prosperidade temporal; e consequentemente, que as *Grandes Lições da Moralidade* que são obvias á capacidade de todo o Genero Humano, não lhes pôdem ter sido suggeridas meramente pela attenção á seu proprio interesse.

“ Isto fortemente se confirma pela consideração do primeiro periodo da vida humana, em que apparecem os nossos sentimentos moraes: na idade da innocencia se manifestão os mais sábios juizos do justo e injusto, antes que as crianças tenham o uso da razão, e sejam capazes de formar idéa geral de fidelidade.

“ Alguns licenciosos Moralistas tem ousado affirmar, que os motivos ainda das acções boas em todos os homens são fundamentalmente os mesmos; e que o que communmente se chama Virtude, he mera Hypocrisia.

“ Porém a desagradavel impressão que tal representação da natureza humana deixa no espirito, dá sufficiente refutação da mesma. Porque razão entendemos que ha humanas classes e qualidades de acções mais excellentes e meritorias de que outras? Porque consideramos, que a soberba, a vaidade, o egoismo, são motivos menos dignos para a nossa conducta, que o desinteressado Patriotismo, a generosa Amizade, e o constante caracter de observarmos, o que cremos ser o nosso *dever*? Porque a nossa especie nos parece menos amavel no systema

se proprio, do que pelo *Interesse Publico*.

“ Ainda dado, (mas não concedido) que seja verdadeira a pintura que se tem feito da depravação da Humanidade, ou do feroz caracter egoistico do homem, que nada faça de bem se não com o olho em si, a tristeza e angustia que ella deixa no espirito são sufficientes a demonstrar, que o Creador nos formou para o amor, e admiração da Excellencia Moral, e por isso temos a mais deliciosa sensação na contemplação da Virtude propria e alheia: Tal he a Lei da Natureza.

C A P I T U L O XXV.

Da Existencia de Deos.

ETERNO! ETERNIDADE!

UIS as *Primeiras Verdades*, as mais interessantes, que, sendo incompreensíveis, se mostram incontestaveis, pela simples razão, de ser absurdo que o TUDO viesse do NADA.

Existimos, sem saber como entramos neste Estupendo Theatro de cousas visíveis: certamente não fomos a causa de nós mesmos: nenhum de nós pôde imaginar sem absurdo, que he filho de huma serie de Pais sem fim. Logo existe hum *ULTIMO NECESSARIO*, hum Ser Supremo, que he a Eterna Causa das causas, e o Pai Universal, de Immensa Magestade, que crea o Genero Humano, e o *GRANDE TODO* visível, e invisível. O mesmo raciocinio singelo se pôde applicar á tudo que existe fóra do homem. Isto dicta a Luz da razão; mas a Luz da

Revelação nos assegura desta verdade pela mais authentica Declaração, qual se vê na primeira linha do primeiro Livro da Escrip-tura Sagrada:

No principio Deos creou o Céo e a Terra.

Na recente admiravel Obra da intitulada *Encyclopédia Metropolitana*, de que já tem sido varias Partes impressas em Londres, bem, e com originalidade, se nota, que esta Declaração he tão sublime para Demonstração da Omnipotencia Divina, (ainda que menos avertida) como a da outra linha indicada por Longino no seu *Tratado do Sublime* = *Faça-se a luz, e foi feita a luz.*

Não se podendo duvidar, que existe hum *Ente Necessario*, he de evidente consequencia, que elle tambem he Unico; e por tanto he absurdo que haja mais de hum *Deos em essencia* *, pois não teria a qualidade de *Ente Necessario*.

He quasi ignominia litteraria o ter-se na Christandade escripto livros sobre livros para convencer aos honens da *existencia de Deos*, quando alias todos vem no proprio entendimento, mais ou menos, a *Estampa da Divindade*; sendo, ainda só por instincto, o mais rude salvagem hum *animal religioso*.

O Author da Natureza deo só á esta sua favorita creatura, o *homem*, o singular dote de *olhar ao Céo*, e delle esperar o bem

* Isto porém nao he incompativel com o mysterio da Santissima Trindade, que constitue a Deos *Trino* em pessoas, cuja imagem vemos (por assim dizer) em immatura no espirito humano, que tem as tres potencias de *Entendimento*, *Memoria*, *Verdade*, ineffavelmente coexistindo na uni-

que precisa, e evitar o mal que lhe sobrevém.

Mas, por desgraça da Humanidade, e para accumulada prova da decadencia de sua original constituição, a *Estampa da Divindade* tem sido nella tão escurrecida, ou eclipsada, que, ainda nos povos adelantados em civilisação, a idéa da *Unidade de Deos* apenas se acha, segundo os monumentos historicos, em poucos honens de mais esclarecido entendimento, predominando, ainda hoje, a *idolatria* quasi em todos os seculos e paizes, que não são instruidos com a Lei Evangelica.

O mais lamentavel he, que muitos dos intitulados *philosophos*, que foram cabeças de seitas, ou duvidarão da existencia de Deos, ou positivamente a negarão, ou contradictoriamente desconhecerão a sua Providencia, o Intervenção no Governo da Especie Humana.

Até nos que viverão no Governo Theocratico do Povo Israelitico (que primeiro teve a Revelação do Ente Supremo, mas que frequentemente recabria na *idolatria* dos povos vizinhos, não obstante o rigor de sua Constituição Política, que punia os idolatras com a pena de morte) não faltarão athéos, de que dá testemunho o Rei de Israel.

Os antigos e modernos philosophos não derão jámais humda demonstração da existencia de Deos, que esteja ao alcance de todos os entendimentos, como este *Governo inspirado deo no Psalmos XVIII*:

“Os Céos narrarão a gloria do Deos; e o firmamento publica quasi segão as obras de suas mãos. — Hum dia annuncia esta verdade á outro dia, e humda noite dá della conhecimento á outra noite. — Não he esta in-

obras o convencem. He verdade, que superficial philosophia inclina o espirito do homem para o atheismo; mas profunda philosophia inclina os homens para a religião, cujo capital dogma he a crença em Deos, e a adoração e observancia de sua Vontade. Quando alguém olha só para as *causas segundas*, espalhadas aqui e alli, pôde algumas vezes parar nellas, e não inquirir a Primeira Causa de tudo; mas logo que vê e adverte na cadeia de *causas confederadas*, e entre si unidas para hum fim, necessariamente recorre á Divindade e Providencia.... Os que negão a Deos, destroem a nobreza do homem; pois certamente o homem, quanto ao seu corpo, he humna especie de bruto; e se elle não se assemelhasse á Deos pelos seu espirito, seria humna creatura baixa e ignobil. Elle igualmente destroee a magnanimidade e perfectibilidade da natureza humana. Quando o homem está seguro da divina protecção e favor, ganha fé e força; o que a natureza humana por si não pôde alcançar. Assim o atheismo, sendo à todos os respetos odioso, tambem he execravel; porque priva a natureza humana do meio de se exaltar sobre a humana fragilidade. O que acontece aos individuos, se verifica das Nações. Roma cresceo ao mais vasto imperio, de mui tenues principios, pela superioridade de Religião, (ainda que alias deformada com os erros da Idolatria), crendo que humna Intelligencia Infinita presidia ao Governo do Mundo.

He bem notado pelo Moralista *Stewart*, que todos os maiores Inventores nas Artes e Sciencias forão homens religiosos, e crentes

da de naturaes talentos, nada inventarão á bem da Humanidade, e se manifestarão ser meros *sophistes*; parecendo que não são capazes das emanações da verdade, que só podem vir do Eterno PAI DAS LUZES.

Se ha tanto *mal moral* no mundo com a crença da existencia de Deos, que sempre, mais ou menos, enfrea o maior numero de homens para não cometerem os maiores delictos; que seria do Genero Humano, se todos os Povos e Governos fossem athéos especulativos, e praticos? Elles tratarião a seus semelhantes como a simples animaes, cujas vidas, por paixões violentas, serião muitas vezes tentados a destruir sem remorso, suppondo que todos recahirão no horroroso NADA.

C A P I T U L O XXVI.

Observações sobre a origem da crença em Deos.

Em-se dito que o *temor* foi o que fez os primeiros Deoses; e que o *polytheismo*, isto he, a *pluralidade dos Deoses*, donde se originou a idolatria, ou o culto dos Idolos, he mais natural ao homem que o *theismo*, ou a crença de hum só Deos; e que por isso todos os povos tem sido idolatras e supersticiosos, procurando propiciar a Entes Superiores com práticas frivolas, absurdas, e sanguinarias.

Sem dúvida, depois da decadencia da primitiva constituição do Homem, e esquecimento nas tradições patriarchaes sobre a Divindade, he natural, que a idéa da *Omnipo-*

tenção se existasse no espirito ainda do mais rude salvagem. Tem-se visto aos mais ferozes, quando ha trovão, e cabe raio, dobrarem o joelho, como submettendo-se á Poder invisível, que está sobre as nuvens.

A pluralidade dos Deoses especialmente se originou da idéa da *bondade* dos incognitos Entes Superiores: por isso se acharão estabelecidos o culto do Sol, como a visível causa da iluminação, fructificação, e alegria da Terra; o culto dos Rios, Fontes, pelos seus transcendentes benefícios; o dos Bois, pelos seus bons serviços á agricultura, e mantença; dos legumes, como entre os Egypteos, que o satyrico Latino *Juvenal* chama com ironia *santas gentes*, por até lhe nascerem Deoses nas hortas. * Os povos de mais bronco entendimento, tiveram tambem por Deoses as *serpentes* e os *crocodillos*, por temor de sua mortífera qualidade.

Porém tudo isso nada prova, senão, depois da ruina do primeiro estado, a dificuldade de se elevar o espirito humano ao conhecimento da Causa das causas.

Na verdade, se só vissemos a materia inerte, sem movimento, nem concerto de partes nas suas multiplicadas relações, seria talvez impossivel ter o espirito a convicção da existencia de Deos, e de hum só Deos. Porém, vendo moção, porporção, e ordem, de tantos objectos nos Deos, e Terra, nos he não menos impossivel deixar de convencermos, que existe hum MOTOR e Ordenador de suauma potencia, intelligencia.

* — *Oh sanctas gentes, quibus hec nascuntur in hortis Viminia!*

Que ha *designio* no Universo, isto, ha *signal de Intelligencia*, que proporcionou meios á fins, he patente á todos os olhos em grande multidão de cousas. De muitas não conhecemos as chamadas *causas finaes*; porém, com o progresso das Sciencias Naturaes, estamos descobrindo a razão de cousas, que antes ignoravamos.

Se vissemos pela primeira vez a hum Relógio apontando, e dando horas, de modo sempre regular, e constante, quem não seria convencido, que fóra de tal Relógio existe alguma pessoa intelligente, que lhe deo o movimento, e ajustamento tão harmonico das partes? Que diriamos, se ainda mais vissemos (o que ainda não se verificou) que tal Relógio continha em si outro igual relógio mais pequeno, porém em tudo igual ao maior, e esse pequeno a outros menores semelhantes, e sem numero? Teriamos esclamado, e sem hesitação, instantaneamente exclamaríamos: Quanto he poderoso, e engenhoso o author desta machina!

Ora isto he o que cada homem vê em innumeraveis obras que palpamos da Natureza, como na flôr, na semente, no ovo, no ovario de tantos vegetaes e animaes terrestres, e marinhos, de que temos conhecimento, e que contém em si, em miniatura invisivel, todas as plantas e animaes da especie respectiva. Affecturemos, á vista de taes maravilhas, não nos convencer, que existe, por assim dizer, hum Relógioeiro Divino, que fez taes machinas com sua infinita potencia e intelligencia?

Quando vemos Livros, Quadros, Machinismos, Edifícios, Cidades, nenhuma pessoa,

que não tenha *perdido a razão*, pôde dizer, que forão feitos por *acaso*, e do *nada*, mas sim por homens que tinham poder e saber para formar e pôr em ordem tantos artefactos. Quem, entrando á primeira vez em Theatro, ao levantar-se a cortina do mesmo, sendo logo todos os sentidos assaltados com tanta variedade de luzes, e cousas, que apparecem no Scenario, não se extasiaria, dizendo — Grande e mui engenhoso he o Architecto desta Obra!

A Sabedoria e Bondade Divina nos fez nascer já á vista do seu Magnifico Theatro da Creação, gradualmente acostumando aos recém-natos a supportar a *acção da luz*: talvez não seria possível á fraqueza dos nossos órgãos sustentar a subita apparencia do Maravilhoso Scenario. Por isso os céegos de nascimento, a quem se fez a *operação da catacta*, precisão de estar dias na escuridade, para poderem recobrar a vista, sem confundir as cores, distancias &c. Concluirei com a observação de hum Philosopho da França, Mr. *Liderot*, que he citado pelo Professor *Braun* na sua *Philosophia do Espirito Humano* Leitura 77.

“ Os milagres da Natureza são expostos aos nossos olhos antes que tenhamos assaz desenvolvido o uso da razão para tirarmos luz delles. Se entrassemos no Mundo com a mesma *razão* com que imos á *opera*, e á primeira vez que entrassemos nesse Grande Theatro, rapidamente se levantasse (por assim dizer) a *Cortina* do Universo, assumbrados da grandezza de tudo que vissemos, e de todos os obvios *designios* ali manifestos, não seriamos capazes de negar a nossa homenagem

sem ao Poder Eterno, que nos preparou tal Espectaculo. Mas actualmente quem pensa de maravilhar-se do que temos diariamente visto com uniformidade no curso da vida? A maior parte dos individuos da Especie humana, totalmente occupada com os cuidados de adquirir a subsistencia, falta o tempo para estudo especulativos; o levantar o sol, unicamente serve de chamar os jornalheiros ao trabalho; e a mais bella noite com toda a sua serenidade he *muda para elles*, e somente lhes diz que he o tempo do descanso.”

Outro eloquente Escripitor da mesma Nação diz: “ os impios se encantão com a gloria dos principes e conquistadores, que fundão pequenos imperios na Terra; e todavia não sentem a omnipotencia da MÃO, que poz os fundamentos do Universo. Elles admirão a pericia, e industria dos que levantão palacios, que humma tempestade pôde derribar; e não reconhecem sabedoria nos arranjos dessa, incomparavelmente mais esplendida, OBRA, que as revoluções dos seculos tem respeitado, e continuarião a respeitar, até a epocha em que o seu Creador a aniquile. Em vão com tudo se jactão de que *não vêem a Deos*: isso acontece porque procurão o *Ente*, que he *Perfeita Santidade*, em hum coração que está depravado pelas suas paixões. Mas, para o reconhecerem, basta olharem para si mesmos, e elles *O acharão em toda a parte*; e se ainda assim recusarem dar assenso á verdade da existencia de Deos, só o seu coração servirá a *única cousa do Universo* que não proclame o *Auctor da sua villa*.

Dos Atributos Moraes de Deos.

De Deos, he melhor crer que saber. * Tal era a opinião do Historiador do Imperio Romano Tacito. Alguns Philosophos tem tido igual parecer, por considerarem ser só da soberba e vaidade do homem o pertender investigar os attributos de Deos, pois que hum delles de certo he a *incomprehensibilidade*.

Porém, ainda que a finita intelligencia do homem não seja capaz de comprehender a Infinita Essencia Divina, todavia, por natural instincto, e irresistivel curiosidade, no progresso da civilisação, em todos os tempos e paizes, os homens, que tiverão maior desvanço, e engenho, não sendo forçados aos assíduos trabalhos da sociedade, se tem emmerado em achar e seguir alguns vislumbres dos vestigios desse adorado Ente, que habita á Luz Inaccessivel, como diz o Apostolo das Gentes.

Dos attributos physicos de Deos nada direi nesta obra, porque isso especialmente pertence á Theologia, e Philosophia Racional. Taes são a Omnipotencia, a Omnisciencia, a Immensidade. Tanto mais que, para o reconhecimento de taes attributos, nos que estão

* *De Deo scitius est credere quàm scire.* Porém essa affectada modestia, ou antes supina e reprehensivel incunna de hum ente racional, foi a causa de ser Tacito arguido de blasphemio contra o Providencia, vendo as tyrannias de varios Imperadores, ainda contra os mais sabios e virtuosos Romanos; chegando a dizer, que parecia a Divindade só ter por objecto a vingança, e não a melhora dos homens — *hominum, diis non curae esse, sed ultionem.*

firmes na creença na existencia de Deos, não ha, nem pôde haver, a mais leve dâvida.

Os estudiosos das Obras e Leis da Ordem Physica, tem intuitiva, e mais comprehensiva, evidencia da Omnipotencia.

Os Astronomos conhecem, que só Infinita *Mão Invisivel*, e Toda-poderosa, he capaz de dirigir pelo incommensuravel espaço do Empyreo, e Ceo dos Ceos, a innumeravel multidão de Astros, Comêtas, e Estrellas, (que são outros tantos, e maiores Sóes), sem nenhuma extraviar de sua assignada orbita e carreira, nem ter a menor confusão e encontro, por virtude da Lei das contrarias, mas equilibradas, *Forças, centripeta e centrifuga*.

Os Naturalistas vem a Divina Omnipotencia na incalculavel variedade de entes visiveis dos chamados tres *Reinos da Natureza*, e com especialidade nos ineffaveis phenomenos da animalisação, e vegetação, com que se renova periodicamente o Theatro annual. Isto obrigou ao celebrado Linnéo a exclaimar com o Prophetta Rei em hum dos Psalmos — *Oh Senhor! Quão magnificas são as tuas obras!*

Presentemente a intitulada *Anatomia comparada* tem enriquecido a sciencia humana com assombrosos conhecimentos da Omnipotencia, Omnisciencia, e Immensidade Divina.

Porém todos os homens, ainda do mais curto entendimento, não deixão de formar solidas, ainda que mais grosseiras, idéas sobre taes attributos: basta attendermos para as trovoadas, Ventanias, Aluviões, Transbordações de Rios, Força das Marés, subitas produções de milhares de milhões de insectos e vermes, cada hum sendo de especiei natural, economia, e vida.

Sobre os *Attributos moraes de Deos* he que os estudiosos, e ainda os mais pios se tem aventurado á discórdia de opiniões, por não poderem conciliar com elles a existencia de tanto *mal physico* e moral, que consternão a Humanidade. Estes *Attributos* são os que mais directamente interessão ao Genero Humano, por influirem na sua felicidade. Tães são a *Divina Santidade*, *Omnipresença*, *Bondade*, *Justiça*.

Sobre a *Santidade Divina*, he desnecessario fazer reflexões; pois deve-se considerar como a Essencia da Divindade a *VIRTUDE*, a qual consiste no *Amor da Ordem Eterna das cousas*, sem que possa admitir no Universo creado ainda o menor eclipse da Infinita Perfeição do Creador.

Não se pôde dar melhor prova da Santidade Divina do que a Inspiração da *Virtude*, que se acha em todos os homens; de sorte que até o maior scelerado, por mais que o queira, não pôde, (sem mentir á propria consciencia) deixar de venerar, admirar, e amar a *Virtude*, ainda no inimigo, e ter a maior delicia em fazer elle alguma acção virtuosa.

Deve pois toda a Humanidade prostrar-se ante a Divindade, com adoração em espirito e verdade, invocando a Deos como a Igreja Catholica o — SANTO DOS SANTOS.

C A P I T U L O XXVIII.

Da Omnipresença de Deos.

Sendo Deos hum Espirito de infinita intelligencia, e potencia, hum dos seus attri-

butos se mostra ser a *Omnipresença*, isto he, a sua *Presença em toda a parte*, de sorte que nada pôde ser occulto á sua comprehensão, e em nenhum lugar se deixão de sentir os effeitos da sua immensa soberania.

Ainda que a intelligencia do homem seja infinitamente pequena à respeito da *Intelligencia Divina*, com tudo pôde fazer clara, ainda que não adequada, idéa da *Omnipresença de Deos*, reflectindo sobre alguns effeitos do espirito humano, pelo seu influxo no proprio corpo physico, e ainda mais no corpo social.

Experimentamos a acção vivificante do nosso espirito, bem que não occupe espaço, em todos os membros do corpo, e ainda fôrta delle. Hum pai de familias activo, que sabe pôr ordem á sua casa, e conciliar a seus concidadãos, infunde tal respeito em seus filhos, criados, amigos, conhecidos, e não conhecidos, que todos o reverencião, e o tem como presente, sem ainda em sua ausencia, e grande distancia, ousarem offendello em palavra e obra. Assim hum Soberano se mostra presente, e obedecido na vasta esphera de seu Estado, e ainda respeitado, e temido de rivaes e inimigos Estados independentes.

A intelligencia dos homens tem descuberto varios meios de communicação da Humanidade até ás extremidades da Terra, não só pela navegação, mas tambem pela *muda letra* da escriptura, em maneira, que, ao receber-se hum carta, gazêta, obra literaria, se excita em todos os espiritos dos que leem ou ouvem, quasi tão viva imagem do escriptor, e dos successos, ediscursos, como se fôsse presente, e tudo passasse aos proprios olhos.

Note-se ainda mais o effeito da Literatura, que se mostra (por assim dizer) *com-presente* á toda Humanidade, dos contemporâneos, e vindouros até a mais remota posteridade, produzindo resultados iguaes de prazer, instrucção, moralidade, como na epocha em que o Escripitor existio, leccionou, e deo a luz a sua obra.

O Commercio tem de mais produzido o effeito maravilhoso das Letras de Cambio, pelas quaes as ordens nelleas dadas em hum paiz por hum Negociante de credito, e por grandes sommas, são executadas nas Praças as mais remotas, por onde se faz a giro cambial, e onde á final se destina o pagamento, com tal pontualidade, como se os contrahentes estivessem no mesmo lugar, e isso com humma força moral de *ponto d'honra*, qual muitas vezes não tem humma Lei do mais poderoso Imperador.

Eis a *sombra da Omnipresença de DEOS*. Se o espirito do homem pôde fazer cousas tão prodigiosas, o que não operará o Espirito Divino, para fazer sentir a sua virtual presença, e continua acção, na immensidade do Creado?

A convicção da Omnipresença de Deos he de summa importancia na Ordem Moral; por constituir hum principio religioso, que muito serve de freio aos homens para não a violarem. Hum pio Moralista * assim expõe esta materia:

“Dois são os effeitos, que o senso da Divina Presença deve produzir nos homens:

* Blair Serm. Tom. III. S. X.

hum he, restringillos do vicio, e o outro he, animallos á Virtude. A perpetua presença de tão poderosa e veneravel testemunha, he humma das mais pavorosas considerações, que se podem dirigir aos dissolutos. Ella remove toda a segurança, que imaginem dar aos crimes pelo segredo. Ella agrava a culpa dos mesmos, por serem commettidos á face do Altissimo; e porisso dá terror ao coração do maior criminoso no meio de suas malfeforias. Quando este principio de religião aterra e enfraa o malfefitor, tambem produz outro effeito, qual he o de confirmar e confortar os homens bons na prática de seu dever.

“A creença da Divina Presença opéra sobre os homens como incitamento á virtude. A experiencia mostra, que a presença de pessoa a quem muito estimamos e reverenciamos, por exemplo, do Soberano, do pai, do amigo, cuja approvação solicitamos ganhar, sempre exalta as faculdades moraes do homem, e melhora e apura o seu comportamento. Por isso os antigos Moralistas derão a regra á quem pertende avantajarse em virtude, o propor-se por modelo alguma pessoa de eminente dignidade, para ter o habito de obrar, como se a visse, e ella fosse presente. Só algum desalinhado será insensivel e indifferente á approvação e estima de seus semelhantes. Poucos ha, que, ao menos nas partes mais conspicias da sua vida, em que estão certos que os olhos do publico estão fixos, sobre elles, que não procedão com decoro, e como exige o seu officio. Ora, que comparação tem a observação do publico, e a presença dos homens mais poderosos e sabios, com a presença da Divindade, que constan-

temente nos cerca? O homem que realiza no seu espirito esta Augusta Presença, sente constante incentivo a proceder com dignidade: elle se vê posto em hum theatro illustre. O ter ao Omnipotente por espectador e testemunha de sua conducta, he muito mais do que se todo o Mundo estivesse á roda de nós para nos observar. Os homens que nos vêem, frequentemente errão em seu juizo pelas falsas apparencias das acções, e nem sempre fazem justiça ás pessoas de hum caracter de probidade rigida. Mas Deos he sempre imparcial, e incapaz de errar no juizo do merito: nenhuma virtude secreta se lhe pôde esconder.

Muito se podia explanar neste assumpto: porém o exposto he sufficiente. Concluirei com a observação do Rei Psalmista no Ps. LXV. — Povos de toda a terra! levantai gritos de jubilo á Deos — Elle he o que tem por si mesmo hum Imperio Soberano e eterno, e *cujos ollos são applicados a ver as Nações*. Aquelles pois que o irrião, não se exaltam em si mesmos. —

C A P I T U L O XXIX.

Da Bondade de Deos.

A Inquirição da Bondade de Deos he a mais interessante de todas as questões e doutrinas da Moral Publica.

Se os homens só tivessem a certeza dos Atributos Divinos, — *Omnipotência, Omnis-ciência, Omnipresença* —, mas não fossem convencidos da *Bondade de Deos*, sentirão a

necessidade de o adorar e temer, mas não e poderião considerar como o Protector e Beneficor da Especie Humana, nem terião a confiança que o filho tributada á hum Pai terno, e subdito ao Soberano benigno, que se gloria do titulo de *Pai da Patria*, e de ser digno do constante amor de seu Povo, porque effezadamente procura a sua felicidade. Infelizmente sobre a Bondade de Deos he que, não só os impios, mas ainda os crentes na Divina Perfeição, tem excitado controversias, vendo tanta miseria e malicia no Mundo, e, aparentemente, promiscua a sorte dos bons e máos.

Foi sempre o queixume, desde a mais alta antiguidade, dos intitulados philosophos: — Se Deos he bom, porque existe o mal physico e moral? Se quiz, e não pôde exterminallo, não he Omnipotente: se pôde, e não quiz, he Malevolo: se nem pôde, nem quiz, he Impotente, e Iniquo. Eis como os sophistas raciocinão, e blasphemão!

Reservando para o Capitulo ultimo desta Parte II. expor a *origem do mal*, e desvanecer os sophismas dos que ousão contender com o Altissimo, como se fossem seus Dictadores ou Conselheiros na Constituição e Administração do Mundo, aqui proporei algumas provas directas, e de irresistivel evidencia, da Bondade de Deos.

A primeira de todas as provas he o *decreto da Creação*. Existindo Deos desde a Eternidade, sendo sufficientissimo á si proprio; e de nada carecendo; não se concebe, que outra pudesse ser a razão de crear o Universo, senão para dar á cada creatura a perfeição, e felicidade, de que a respectiva n

tureza he susceptible, e quanto era compativel com o equilibrio de todas as partes do Grande Todo, ou Systema dos entes visiveis e invisiveis.

Prescindindo de enumerar os signaes da divina bondade á todas as suas creaturas sensiveis, e que he, com especialidade, patente em muitos animaes nos seus armamentos, vestidos, e meios de conservação; pois isso exigiria volumes para transcripção das observações dos Naturalistas; o que bem manifesta a verdade do Rei Psalmista = *a misericórdia de Deos está sobre todas as suas obras*. *

Bastará aqui advertir, que o Creador beneficiou a muitas especies das mais uteis, pondo-as de baixo da protecção do homem, que as amansa, cria, defende de seus inimigos, prepara-lhes os pastos, e segura os alimentos, e vasta multiplicação; o que sem tal protecção lhes seria impossivel. — Restringi-me-hei á demonstração da Bondade de Deos relativamente aos homens.

Eis hum Extracto do que tenho lido de mais instructivo neste assumpto, nas obras de Escriptores menos conhecidos entre nós,

* No Brasil he digno de se notar hum exemplo da Bondade Divina ao pequeno animal quadrupede, conhecido pelo nome vulgar de *Gambá*, á que os Naturalistas derão o nome de *Viverna muscipalis*, por lhe ter o Author da Natureza dado na propria pelle hum balza, onde traz os filhos. Vê-se outro no pequeno passaro chamado *João de Barros*, que forma a sua casa de humma perfeita abobeda de barro, com humma parede no meio, que divide a sala em dous quantos, sendo hum recatado, para não serem expostos ao ar os filhos,

mas dignos de serem estudados, *Paley*, e *Brown*, á que varias vezes me tenho referido, e com especialidade de *Thomas Balguy*, que fez humma obra expressa sobre a *Divina Benevolencia*.

Logo que o homem entra na scena da vida, acha providenciadas por Deos no amor paterno, e no espirito social, fontes de amizade, e de supprimento das necessidades physicas. Não ha quem não se enteneça, e se encha de affecto, á vista de humma criança, e lhe procure o bem que está em seu alcanse. Nos primeiros annos da infancia e meninidade, parece que os meninos só vivem do prazer, tendo, no geral, quasi sem interrupção, saude, ou breves doenças. Os seus innocentes brincos, e a sua estremada alegria, dão não menos gozos a quem os vê. Em todas as idades do homem ha certos prazeres que lhe são privativos: a dôr, a atribulação, he, quasi sempre, de breve tempo. O trabalho he agradavel, sendo da escolha do individuo, e com a justa proporção do descanso. A industria preferida produz intensidade de alegria, quando he regular e fructifera, como ordinariamente acontece. Todos os sentidos tem sua particular sensação agradável. Que immensa esphera de delicia todos achão na vista dos Ceos, dos campos, e ainda das cidades cheias de obras dos engenhos e braços dos homens!

Como ente sensivel, e de orgãos delicados, o homem he tambem sujeito á sensações dolorosas; mas tal he a Bondade do Creador, que até deo ao corpo a occulta *força vital reparadora*, (que os Medicos chamão a *virtude curadora da Natureza*) com que,

ainda sem auxilio da arte, ella tende a salvar as feridas ainda graves, e as desordens das nossas intemperanças, e paixões violentas; e, dando-nos, alémdisto, viva memoria dos prazeres, quasi que nem nos deixa a reminiscencia das dôres. Quão inculcaveis são as delicias, que a maior parte do Gênero Humano á cada instante experimenta nos sentidos, coração, e entendimento! Que apreciavel, e immenso he só o bem da saude!

Os homens são desatentos e injustos no calculo dos bens: não recenceamos innumeraveis gozos habituaes que nos são ordinarios, só porque estamos accostumados a possuillos sem os advertir; assim como acontece aos physicos, que quasi só considerão os phenomenos extraordinarios, e menos analysão o seu curso perenne.

Huma grande causa da nossa insensibilidade á Bondade do Creador he a mesma extensão e profusão dessa Bondade. Prezamos mui pouco os bens que participamos em commun com os outros homens, isto he, com a generalidade da nossa Especie: só nos excitamos para cubigar e procurar os que se reputão *felicidades*, e que se imagina consistirem nas riquezas, honras, e superioridades sobre os outros. Os *communs beneficos* da Natureza inteiramente desapreciamos. Todas as *graves communs beneficos* são na realidade as *grandes cousas*: elles são os que merecem ser contadas por *benções da Providencia*, e, por assim dizer, são as unicas dignas do seu cuidado.

O pão de cada dia, o descanso de cada noite, o ordinario uso dos nossos membros, e

munos de vestido, e domicilio; são dons do Creador, que não admitem comparação com as outras qualidades de bens da fortuna. Como quasi todos os homens possuem aquelles bens, os deixamos fóra da conta dos Beneficios Divinos; elles não excitão sentimento delicioso, não movem gratidão. Nisso o nosso juizo he pervertido pelo nosso egoismo. Na verdade taes dons do Benefeitor celeste deião-nos causar maior satisfação, pela sua mesma diffusão, communnidade, barateza.

Porém só aspiramos á *distincção* no gozo, e assim limitamos em estreito compasso as vistas da Beneficencia do Creador, e mui injustamente. Nos mesmos bens que são tão communs, que não admitem distincção, he que melhor se reconhece a Divina Benignidade.

Demais: quando Deos creou a Especie Humana, ou desejou a sua felicidade, ou a sua miseria, ou foi indifferente á huma e outra cousa.

Se elle tivesse desejado a nossa miseria, teria formado os nossos sentidos com tal organisação, que fossem outras tantas fontes de dores, como são instrumentos de prazeres; ou nos poria entre objectos tão mal proporcionados aos nossos orgãos, e movimentos, que, em vez de nos darem satisfação e delicia, só occasionassem offensas e torturas; por exemplo; podia fazer que tudo que vissemos, fosse desagradavel; o que provassemos, fosse amargo; o que tocássemos, fosse delovoso; cada sensação do offacto, fosse nauseaa; cada som, fosse discordia. Mas tudo he pelo contrario.

O Mundo abunda de signaes de *designio*,

e Plano intelligente do Espirito Creador : quanto melhor os conhecemos, tanto mais claramente descobrimos ser o fim benefico ao homem. Sem duvida existe mal; porém não se mostra, que este fosse o objecto do designio. Por exemplo: os dentes forão feitos para comer, não para doer: talvez a dor de dentes seja accidentalmente inseparavel do *designio*: embora se chame *defeito* no designio (o que he falso); mas *não se pôde dizer que seja o objecto delle*.

Quando se descrevem os instrumentos d'agricultura, ninguém dirá, que, por exemplo, o inventor da foice não tivesse por objecto directo o benefico de segar a seara, não obstante que, por accidente, tambem possa cortar a mão do lavrador: o *designio* do inventor foi benefico, ainda que o effeito possa em algumas circunstancias ser nocivo. Quando porém se descrevem os instrumentos de tortura, logo intuitivamente se manifesta, que o designio do inventor, e o objecto da invenção, foi o fazer mal, e causar dôr, e morte. Vê-se que o directo fim de suas machinas foi pena, e miseria. Mas nada disso se acha nas obras da Natureza. Nenhum anatomico jamais descobrio hum systema de organisação destinado a produzir dôr, e doença: nenhum, explanando as partes do Corpo Humano, pôde dizer, — esta he para irritar; esta para inflamar; este canal he o que conduz areias á urétra; esta glandula he para separar o humor que forma a gota. Quando não se conhece bem o uso de alguma cousa, o mais que se pôde dizer pela nossa ignorancia, he, que tal cousa he inutil; mas ninguém suspecta, que fosse posta para incom-

modar, atormentar, malíazer. Antes de *Harvey*, nenhum anatomico, vendo o revendo, até que elle mostrou, que erão destinadas para o fim benefico da *circulação do sangue*.

A Divindade accrescentou prazer ás sensações animaes, muito além do que era necessario para a manutenção da vida, e quando alias este fim se podia conseguir pela operação da dor. Ella fez *provisão* de grande variedade de objectos, não necessarios á vida, e que só servem para nos accumular prazeres. Basta notar a variedade de fructas, especiarias, hortaliças, com que se recreia o paladar; o que tudo mostra, que o Creador, não só nos destinou a segurança da subsistencia, mas tambem as doçuras da vida, e a prosperidade temporal, que resulta aos homens de multidão de naturaes sensações agradaveis.

Hum exemplo basta para aclarar este assumpto. Deos determinou, que o alimento fosse necessario á vida animal; e, para esse effeito, formou no Corpo Humano órgãos para procurar, receber, e digerir as substancias alimentarias. Porém isso se poderia obter sômente pela sensação penosa da fome. Para que pois accrescentou prazer ao acto da comida? Para que deo aos homens tambem delicia em saborearem o que comem, com orgão, e sentido especial para a percepção do prazer? Isto só se pôde explicar pela *Bondade do Creador*.

Humas das evidentes provas da Bondade Divina he a immensa provisão de beneficii: que destinou á Humanidade pela Lei Natural da Sympathia e Benevolencia, expostas

nos antecedentes Capítulos. Outra prova resulta do *dote da esperança*, pelo qual toda a pessoa, pela constituição humana, almêja, e está constantemente na expectativa, não só de libertar-se do mal o mais afflictivo, e nos mais desesperados casos, mas até de subir á melhor sorte. Tem sido notada pelos Moralistas a geral insaciabilidade dos homens de todos os bens terrestres; a *esperança da boa fortuna* tem sido menos avertida, e he talvez ainda mais universal.

Stewart faz as seguintes reflexões:

“As Leis Geraes da Natureza são de tendencia benefica aos homens, e os inconvenientes que dellas se originão, são acidentaes, e só em algumas occasiões. Destes mesmos não inconsideravel parte se deve attribuir aos obstaculos que as Instituições humanas oppoem á ordem de cousas recommendada pela mesma Natureza.

“Aquellas Leis são as que regulão os mais essenciaes interesses do Genero Humano. Que rico provimento he feito pelo Criador para os nossos gozos, nos prazeres do entendimento, da imaginação, do coração? Quão pouco elles dependem do capricho da fortuna! Do orgão do *offacto*, por exemplo, que perfumes existem no reino vegetal; do *gosto*, que infinita profusão de cousas gratas ao paladar existe na terra, ar, agua; do *ouvido*, melodias das aves; da *vista*, todas as bellezas e glorias da creação visivel?

“Não se deve omitir entre as provas, e marcas da Bondade Divina, aquella attributo da Constituição do homem, que chamamos *habito*. Tão grande he a influencia do *habito* na condicção de vida, por

mais dura que seja, que o habito não reconcilie gradualmente o homem á sua sorte, e que este com o tempo não se mostre mais contente que os chamados *felizes*, que o commun das gentes olha com inveja. Pelo *poder de acomodação* ás circumstancias externas, Deos proveo, em parte, o remedio para os males que occasionalmente resultão da operação das Leis Geraes.

Recommendo em fim a lição das observações do pio Naturalista da França, *Bernardin de S. Pierre* nos seus *Estudos da Natureza*, (que são mais conhecidos) especialmente no tomo I, em que indica muitas provas da Bondade de Deos, tiradas do espectáculo do Universo, e refuta objecções dos Athéos, Pírronios, e Libertinos, contra a Justiça da Divina Providencia: elle bem lamenta, que os homens, e os seus Governos, são os que tem muito encurtado os beneficios do Criador, pelas suas mesquinhas e falsas Economias Politicas, com que tem vedado a communicação da Humanidade, e o seu franco e leal exame, e troco dos productos da respectiva terra e industria.

C A P I T U L O XXX.

Da Providencia de Deos.

DOS incontestaveis dogmas da Existencia, e Omnipresença Divina, se deduz, por necessaria consequencia, a importantissima verdade da Moral Publica, a *Providencia de Deos*, isto he, o constante Acto da Suprema Intelligencia, e Soberania, com que o *Ser Eterno* preserva, e rege o Universo, para se

preencherem os fins da sua criação, pelas *Leis Geras*, que estabeleceu na Constituição do Mundo.

Preservar he continuar a existencia dos entes creados; a mesma Virtude Creadora he a que sustenta essa existencia: he evidente que, desde o momento em que ella fôse retirada da Natureza, esta se aniquilaria; porque nunca esta existio, nem podia existir, por si mesma: seria o maior absurdo dos absurdos o imaginar, que Deos creasse Ceos e Terra, e ordenasse a multiplicação do Genera Humano, para os deixar em abandono, e sem governo.

Sendo esta verdade quasi de *intuição*, he humna das que tem sido mais controversada, ainda por philosophos que reconhecem a existencia da Divindade: os principaes motivos da dúpida são os seguintes.

1.º Depois de estabelecer Deos as *Leis Geras* do Universo, sendo por sua essencia IMMUTAVEL, deve necessariamente deixar obrar as *Causas segundas* na regularidade preordenada, sem intervir mais em turbar a Ordem, que ao principio decretou; pois se assemelharia aos Soberanos da Terra, que, por ignorancia, inconstancia, e arbitrariedade, mudão as Leis fundamentaes, ou regulamentares, do Estado, e se intronchem em alterar o curso ordinario das cousas, que bem se regulão pelo equilibrio da balança da acção e reacção dos interesses dos individuos, quando o Governo dá por Leis geraes igual protecção á todos os subditos; havendo porisso já passado em proverbio, com

tenções mal applicadas, os negocios innocentes ou indifferentes dos individuos, o *Mundo vai de si mesmo*.

2.º Sendo Deos de Grandeza infinita, he indecente imaginar, que desça da Supereminencia de seu Throno Altissimo, a olhar e governar as suas creaturas, que são huns entes *infinitamente pequenos*, e ainda muito menos as deste Globo que habitamos, que he, por assim dizer, hum *ponto* a respeito do espaço immenso, em que estão os innumeraveis entes visiveis, e invisiveis do Universo.

3.º Existem tantos males, e desordens no physico e no moral neste Mundo, que parece impossivel, que ao governo delles presida hum Regedor de tanta subedoria, potencia, e bondade, que se mostrão inseparaveis da Essencia Divina; pois, por senso comum dos homens, se considera qualquer Estado não ter Governo regular, e sabio, quando ou nelle ha anarchia, ou se commettam muitas maldetorias, e com impunidade.

O antigo philosopho *Epicuro*, que negou a existencia de Deos, sendo convencido de seu erro, todavia negou a Providencia Divina; e não teve para esse novo erro outro motivo mais do que o dizer, que era insupportavel a idéa de humna Divindade em toda a parte *presente*, e sendo esse *sculptor* no Senhor sempre testemunha, e regente de todos os actos dos homens, a quem dia e noite tenessemos *.

Outros achão insuperavel difficuldade em

* *Impossibile in cervicebus nostris sculptorem Dominum invenire et eocum tinuerimus. Cuius enim non timemus*

conciliar-se a Providencia de Deos, dirigindo os successos humanos; com o dote sublime da *liberdade dos homens*; pois, ou o Governo Divino não teria certo influxo, e effeito, se os homens com seu livre arbitrio podessem fazer abusos violando a Ordem Moral; ou, se o directorio da MÃO INVISIVEL fosse efficaç, serão elles meros *automatos*, ou marionetas, que se impellem pela força do exterior regulador, e motor, e então as acções da Humanidade deixariam de ser *moraes*, e seriam *mechanicas*, destituídas de *merito*, e *demerito*; e portanto tambem serão vãs todas as idéas que temos da Virtude, e Malicia, Rectidão, e Iniquidade.

Devemos confessar neste assumpto, que a profundidade da Divina Sobedoria na administração do Universo, e com especialidade no Governo do Genero Humano, excede toda a nossa comprehensão, bem que hãjam exuberantes motivos para a adoração, e acção de graças ao Ente Supremo. Todo o homem moral não deve ter o orgulho temerario de pertender decyphrar os arcanos de mysteriosa Divina Direcção da Sociedade: mas tambem não se deve extraviar da pia crença de todos os povos de consideravel gráo de civilisação, de que muitas vezes o Regedor do Universo manifesta a sua extraordinaria e sobre-natural Interposição para beneficio, ou castigo dos Estados, e individuos, de Soberranos, e subditos, e que sempre he exacta a regra — o *homem põe, e Deos dispõe*.

omnia providentem, et cogitantem, et animadvertentem, et omnia ad se pertinere putantem, curiosum, et plenum ne-

Rara será a pessoa de longa vida, que não se recorde de varios proprios casos, em que foi salvo de imminente risco de perder a sua existencia, ou soffrer algum grande mal, por sobrevir, ainda no trance o mais desesperado, algum não pensado feliz accidente. Então ainda a pessoa menos moral, como por interno e irresistivel impulso, levanta os olhos, e as mãos, ao Céo, attribuindo a sua salvação á Providencia Divina: e isto, no geral, não só fortifica nos entendimentos e corações o instincto, e estimulo religioso, mas tambem dá animo aos atribulados, e ameaçados de morte, ou damno irreparavel, para não desesperarem de beneficio immediato da Providencia. Isto particularmente se tem observado nos *perigos de mar*: e tem-se escripto colleções de casos, em que, não havendo o menor raio de esperanza de evitar submersão, e naufragio, sobreven tempo sereno, e auxilio, que produz as que se dizem *Salvações Providenciales*.

Á Sagrada Escripura contém mui instructivos exemplos á esse respeito. Basta aqui lembrar: 1.º a salvação de Moises, sendo recém-nato exposto no Rio Nilo, e criado pela filha do Rei do Egypto, que, depois foi o Libertador do Povo Hebréo, a quem tirou da *Casa da Escravidão*, e foi tambem o legislador de sua Nação, que, ainda hoje dispersa, dá testemunho da Divina Providencia: 2.º a salvação de Mardocheo (contra quem *Aman*, o valido do Rei Assuero, havia, por calumnioso conselho, obtido Decreto de morte, com extirpação de todo a Gente Israelitica), só pela supplica da formosa Esthér, e subita jealousy do Rei contra o impio Ministro: foi

depois honrado com toda a sua Nação, perdendo a vida com ignominia o cruel inimigo.

Para formarmos, ainda que remota, conjectura dos expedientes com que Deos exerce a sua providencia com *Leis Geraes* da Ordem Physica e Moral, às vezes interpondo a sua acção sobrenatural em casos particulares, por motivos, e á fins, dignos da sua Sabedoria, e sempre dirigindo, pelos meios ordinarios, a marcha das cousas inanimadas, e os successos da Humanidade; será sufficiente observar dous phenomenos.

Existem *monstros*, especialmente nos reino vegetal, e animal: porque causas elles se formão, os philosophos não distinctamente explicão. Logo he possível, que, não obstante as Leis Geraes da Constituição da Ordem Physica, a acção destas se interrompa em alguns casos, fazendo-se combinações extraordinarias, sem com tudo da hi se poder inferir *deformidade* em a Natureza, e *mutabilidade* no Creator. Ora, se podem haver apparencias *monstruosas*, sem haver razão de arguir-se a sabedoria e constancia do Plano do Universo, e das suas Leis Geraes; porque não se reconhecerá a possibilidade de *operações miraculosas*, e *salvações providenciaes*, pela interposição extraordinaria do Divino Poder, em benefício da sua mimosa creatura terrestre, e quando alias todos esses phenomenos deverião ser arranjados desde a criação pela Bondade de quem tem a suprema arte de extrahir o bem do mal? O Príncipe dos Apostolos nos assegura: = tudo que existe, *foi preordenado por Deos*.

Considere-se a differença entre — o Governo Despótico, e Absoluto, e — o Governo Sa-

bio, e Constitucional. No Governo *despótico*, não se sabe governar senão com violencia e terror; e no *absoluto*, senão com parcialidade e capricho. Contudo estes Governos não tem estabilidade, e são expostos a soffrer contranões e fataes revezes. Porém taes desordens não se vêem, onde os Chefes do Estado são probos, e os Governos sabios, e Constituciaes, em que só predomina o imperio das leis. Onde os subditos se habituão a cumprir seus deveres, o Soberano he incomparavelmente mais seguro, e poderoso; pois, com occulta e insensivel superintendencia, sem turbar a justa liberdade dos povos, sem destruir, antes favorecer, invisivelmente, as suas industrias, promovendo a Instrucção Publica, e o Culto Religioso; governa bem os espiritos, ainda nas maiores distancias, e até nos Reinos Estrangeiros, pela *influencia*, *amor*, *respeito*; conseguindo assim natural supremazia, e obtendo os seus fins, e interesses, sem força nem injuria dos cidadãos e Estados, que porisso não se queixão de québria de sua Liberdade, nem offensa da sua Independencia.

Isto ainda mais se evidencia no influxo e predomínio adquirido pelos Chefes de Seitas, e sabios da primeira ordem, que, do fundo de seus conclaves, sem patrocínio, sem exercito, sem intriga, diffundem as suas opiniões em vasta esphéra, e por toda a Terra, em milhões de espiritos, sem levemente attentarem ao livre arbitrio de qualquer individuo. Essa especie de imperio he sobre todos os imperios. Estes Thaumaturgos não trocariam a sua sorte pela dos maiores Dynastas do Mundo.

O Moralista *Seneca* diz: estes Sabios souberão achar o quanto mais podião com seu descanso e estudo, do que os outros homens com o seu suor e trabalho. Elles nos seus escriptos legarão á posteridade os documentos com que a Sociedade bem se ordene em todos os seculos; todos os vindouros lhes abaixão a cabeça, e os venerão como inspirados do Céo.

Ora, se os homens com sua tão limitada intelligencia podem fazer estes prodigios de governo regular, politico, e literario, sem attentarem á liberdade de seus semelhantes, como o não poderá fazer, com incomparavelmente maior extensão e efficacia, o Regedor do Mundo, que conhece os penetraes de todos os espiritos, e sabe docemente inclinar os corações dos Principes, e de todos os poderosos da Terra, para onde lhe apraz. As anomalias e as irregularidades apparentes que os homens pertendem achar no Governo da Divina Providencia, provão que não tem em vista a Advertencia que Deos fez na Sagrada Escriptura = Quanto o Céo dista da Terra, tanto as vias de Deos são superiores ás vias dos homens —.

Recordando aos Leitores o já ponderado no Cap. II. da *Ordem Moral*, concluirei com a seguinte doutrina do insigne *Blair* * (que tenho por vezes citado) applicavel ao tempo e paiz em que vivemos.

“ Deos ás vezes permite o temporario ascendente dos máos, como útil instrumento de disciplina e correccção dos virtuosos. As

tempestades que a ambição e soberba excitão no Genero Humano, são permittidas com a mesma intenção, com que elle excita as tempestades nos elementos, a fim de expellir da atmosphera os vapores pestíferos, e purificalla da corrupção com que todas as cousas se infectão pela inercia.

“ A Mão Divina he visivel nos grandes effeitos que apparecem na Sociedade civil, Quando commoções, e guerras abalão a Terra; quando Faeções se enfurecem, e intestinas divisões embrulhão os reinos, que antes erão florentes; á primeira vista parece, que a Providencia tem abandonado os negocios das Nações ás desordens das paixões humanas. Contudo, do meio desta confusão, muitas vezes resurge a Ordem, e dos males passageiros se derivão vantagens permanentes. Por taes convulsões, as Nações se excitão e levantão da perigosa lethargia, em que a superabundancia da riqueza, a longa paz, e a progressiva effeminacção dos costumes, a haviam abysmado. Então ellas parecem reviver para bem discernirem os seus interesses, e aprendem a tomar as convenientes medidas para segurança e defeza contra os seus inimigos. Em consequencia desse excitamento, corrigem-se os prejuizos inveterados; descobrem-se as occultas fontes de perigo; desperta-se o Espirito Publico; e forma-se mais extenso e exacto conceito da Felicidade Nacional. As corrupções em que todo o Governo he sujeito a cahir muitas vezes, só se rectificão pela fermentação no Corpo Politico; bem como os humores nocivos do corpo humano são expellidos pelo choque da febre. As tentativas contra a sabia, e bem estabelecida, Cons-

tituição civil tendem, em fim de conta, a fortificalla; e as desordens da licenciosidade, e facção ensinão os homens a melhor apreciarem os bens da tranquillidade, e legal protecção.”

C A P I T U L O XXXI.

Da Immortalidade da Alma.

Intitulado *bello espirito* da França, hum dos *espiritos fortes* do seculo passado, que tanto affectou de ser superior aos prejuizos do vulgo, sendo perguntado, que opinião tinha sobre o *espirito humano*, respondeo — *eu penso, eu sou corpo; não sei mais nada* —. Todavia mostrou em seus escriptos estar firme na creença da existencia de Deos, e da immortalidade da alma, como as columnas da Religião. Outro seu antagonista literario, não menos celebre pelo *espirito sceptico*, e *amor de parador*, sendo consultado sobre o assumpto, disse — Deos he justo; os bons terão premio em futuro estado; *não me importa a sorte dos máos* —. Eis como hum e outro sophista evadirão a questão de tanta importancia!

O 1.º (tanta he a força da verdade!) no seu Poema da Religião Natural assim se explica:

De Deos a existencia sempiterna.

Quanto he creado accelama em mutuo accôrdo.

Ninguem o comprehendendo, nem o ignora.

Seu Poder annuncia a voz do Mundo;

Do coração a voz dicta adorando.

Consultai Zoroastre, Solon, Minos;

Por Senhor, Juiz, Pai, Deos adorarão.

Eis dogma excelso, necessario ao homem!

Eis da Sociedade o vinculo sacro,

E da Santa Equidade a base firme!

Do malfeytor he freio, alvo do probo.

Pregêe a Deos o sabio, Reis o temão.

Oh da Terra soberbos oppressores!

Se do innocente os prantos não ouvistes,

Do Leo o Vingador segura a pena.

E tu, sophista estulto, que arrogante

Dos crimes ao perverso a estrada arreins,

Do nescios argumentos que bens tiras?

Serão os filhos teos mais docéis, caros?

Mais fieis, proveitosos, os amigos?

A Esposa mais leal? Rendeiro astuto

Pagar-te-ha melhor, em Deos não crendo?

Temor sempre, e *esperança*, homens aguarda.

Sim, Platóo, dizes bem; alma não morre;

Deos he quem nella aspira, e exalta a mente;

Delle vêm o futuro presentirmos,

Dos falsos bens desgosto, horror ao *Nada*;

Para seculos sem fim nos arremonsa.

Dest'Orbe, e sentidos meus, os grilhões quebro,

Da vida, e Eternidade as portas abro.

Eternidade; Oh Nome pavoroso!

Oh luz, Oh nuvem, profundezas horribel!

Quem sou? Onde vim! para onde parto?

A que novo Clima, á que Estancia occulta,

O momento da morte me arrebatou?

Sorte qual he do espirito, á si ignoto!

Que preparaís abyssos tenebrosos?

Tartamos:.... Deos he justo: sou d'Elle obra.

Propria imagem estampou-me: amei virtude.

Vingará causa sua: os máos sós tremão,

A creença na immortalidade d' alma he tão geral em todos os povos, como na exis-

tencia do Deos, ainda antes do uso da razão. Nos paizes adiantados em civilisação estes dogmas do seu symbolo religioso foram inculcados nas obras populares dos maiores poetas, que descreverão o estado feliz ou infeliz dos homens depois da vida; tendo os bons eterno descanso no lugar de delicias, á que derão o nome de *Campos Elysios*, e os máos eterno tormento no lugar de miseria que appellidarão *Tartaro escura*.

Ainda os philosophos que desdenharão essas antigas tradições, e seguirão a seita de Epicuro, que negava a existencia de Deos, ou a sua Providencia, reconhecendo as mui diferentes, ou oppostas naturezas da — *substancia immaterial*, que *pensa*, e tem em si a *força motora* —, e da *substancia material*, que he inerte, e só recebe movimento estranho; opinavão, que, com a dissolução do corpo humano, os seus elementos componentes se separavão, e entravão para a terra a formar novas combinações; mas que o espirito que os animava, tornava para as regiões celestes, donde emanara. Isto até admittio *Lucrecio*, commentador de Epicuro, no seu Poema da *Natureza dos Deoses* Liv. II. vers. 998. *

Até os selvagens fazem honras á seus mortos em funeraes, e sepulchros. A India Americana vai mugir leite dos proprios peitos sobre o cadaver de sua criança na sepultura, pensando que assim o amamenta na outra vida. Os Ethiopes enterrão com muitas

* Cedit item retro de terra quod fuit ante,
..... et anod misum est es aetheris oris;

cerimonias, e pompas a sua gente falecida. Tudo isso presuppõe a commun opinão de novo estado de existencia dos homens depois da morte. Como porém, segundo hum proverbio philosophico, *a corrupção do optimo he pessima*, esta sandavel opinião tem, pela ignorancia e malicia, degenerado á ponto de ter sido causa das horribilidades dos sacrificios humanos. Porisso os Reis Africanos, principalmente na *Costa de Guiné*, ainda hoje tem a prática barbara, á queahi se chama *costume*, de, quando morre o Rei, matarem-se em festa solenne a muitos meninos, e adultos, para irem levar-lhe novas das Exequias, e da saúde e felicidade de seu successor, o parentes.

Pela luz da razão, a immortalidade da alma se deduz de sua natureza espirital. Todo o homem tem em si a evidencia, de que *o ente que em nós pensa*, he *espirito*, isto he, huma *substancia unica* e indivisivel, totalmente distincta do nosso corpo, bem que á elle *unida* na vida mortal. O *senso intimo* nos manifesta, que esse *principio pensante*, que anima o corpo, he o *identico*, que tem existido dentro delle por toda a duração dos annos em que tem vivido, não obstante todas as mudanças, doenças, e accidentes, que o mesmo corpo tem soffrido, ainda com perda de algumas partes, e de membros principais. A cabeça do maior sabio, que até a velhice accumulou indiziveis conhecimentos, não cresce com tal accumulagão, que não occupa espaço, sendo inexplícavel o como tantos conhecimentos co-existão no espirito.

Os *phenomenos da cogitugão*, que todos experimentamos, são milagres incomprehensi-

tencia de Deos, ainda antes do uso da razão. Nos paizes adiantados em civilização estes dogmas do seu symbolo religioso foram inculcados nas obras populares dos maiores poetas, que descreverão o estado feliz ou infeliz dos homens depois da vida; tendo os bons eterno descanso no lugar de delicias, á que derão o nome de *Campos Elysios*, e os máos eterno tormento no lugar de miseria que appellidarão *Tartaro escuro*.

Ainda os philosophos que desdenharão essas antigas tradições, e seguirão a seita de Epicuro, que negava a existencia de Deos, ou a sua Providencia, reconhecendo as muitas differentes, ou oppostas naturezas da — *substancia immaterial*, que *pensa*, e tem em si a *força motora* —, e da *substancia material*, que he inerte, e só recebe movimento estranho; opinavão, que, com a dissolução do corpo humano, os seus elementos componentes se separavão, e entravão para a terra a formar novas combinações; mas que o espirito que os animava, tornava para as regiões celestes, donde emanara. Isto até admittio *Lucrecio*, commentador de Epicuro, no seu Poema da *Natureza dos Deoses* Liv. II. vers. 998. *

Até os selvagens fazem honras á seus mortos em funeraes, e sepulchros. A India Americana vai mugir leite dos proprios peitos sobre o cadaver de sua criança na sepultura, pensando que assim o amamenta na outra vida. Os Ethiopes enterrão com muitas

* Cedit item retro de terra quod fuit ante,
In terram; sed quod missum est es aetheris oris,
Et rursus caeli fulgentia templa recestant.

cerimonias, e porras a sua gente falecida. Tudo isso presuppõe a commun opinião de novo estado de existencia dos homens depois da morte. Como porém, segundo hum proverbio philosophico, *a corrupção do optimo he pessima*, esta saudavel opinião tem, pela ignorancia e malicia, degenerado á ponto de ter sido causa das horribilidades dos sacrificios humanos. Porisso os Reis Africanos, principalmente na *Costa de Guiné*, ainda hoje tem a prática barbara, á que ali se chama *costume*, de, quando morre o Rei, matarem-se em festa solenne a muitos meinos, e adaltes, para irem levar-lhe novas das Exequias, e da saúde e felicidade de seu successor, e parentes.

Pela luz da razão, a immortalidade da alma se deduz de sua natureza espirital. Todo o homem tem em si a evidencia, de que *o ente que em nós pensa*, he *espirito*, isto he, hum *substancia unica* e indivisivel, totalmente distincta do nosso corpo, bem que á elle *unida* na vida mortal. O *sensu intimo* nos manifesta, que esse *principio pensante*, que anima o corpo, he o *identico*, que tem existido dentro delle por toda a duração dos annos em que tem vivido, não obstante todas as mudanças, doenças, e accidentes, que o mesmo corpo tem soffrido, ainda com perda de algumas partes, e de membros principaes. A cabeça do maior sabio, que até a velhice accumulou indiziveis conhecimentos, não cresce com tal accumulção, que não occupa espaço, sendo inexplicavel o como tantos conhecimentos co-existão no espirito.

Os *phenomenos da cogitação*, que todos experimentamos, são milagres incomprehen-

veia. O mesmo espirito ora medita sobre hum pequeno objecto da terra, e de subito se lança a contemplar a immensidade dos Ceos, ou reverte instantaneamente a considerar a historia do passado, ou no mesmo momento se aventura a calcular probabilidades do porvir, e discorre sobre a verosimilhança de es-tado futuro.

He notado, e notavel, que, à proporção que os homens avançam em sabedoria, parecem menos communicar com o seu proprio corpo, e serem pouco sensiveis, e, ás vezes, indifferentes, ás cousas externas, á que os outros homens dão tanto valor. Porisso até são tachados de *homens abstractos*, como se vivessem absorptos e concentrados em seus espiritos. Particularmente os Astrónomos parecem que só vivem no Céo, continuamente empenhados em achar, mais e mais longe, novos Mundos, arrastando os olhos com Telescopios, convencendo-se cada vez mais, que o que ora vemos, he, comparativamente, hum atomo do GRANDE TODO.

Em boa razão pois se póde concluir, que, ainda que o corpo seja necessario *temporariamente* á existencia do homem neste theatro do Mundo visivel, para os fins da Economia do Creador, contando he antes hum carcere e obstaculo ao desenvolvimento e exercicio de sua possivel intelligencia e perfectibilidade; e que, dissolvido elle com á morte, o espirito continuará a existir, ao menos com a somma de conhecimentos que possuia. O corpo vem a ser como orgão, ou outro instrumento de melodia, do qual o *musician* extrahia pela sua habilidade os sons sendo el-

les desconcertados, tal Musico tambem com isso perdera a sua habilidade?

Se huma criança fosse, desde a nascença, guardada em hum aposento, que só tivesse huma fresta, donde lhe viesse a luz para ver o que esta dentro e fóra do mesmo aposento, naturalmente se capacitaria, que tal fresta, e as paredes do aposento, erão necessarias á visão dos objectos: todavia isso era hum erro; pois, fechada a fresta, e abatidas as paredes, elle-veria incomparavelmente melhor, e maior numero de cousas, que antes nem suspeitava haver.

Ninguém, sem se expor ao ridiculo, dirá, que os actos de espirito tem alguma das qualidades conhecidas dos corpos: não ha coexistência vermelha; discurso cheiroso; metade de idéa; quarto de reminiscencia; terço de vontade. Por metaphora se diz — transportes d'alma, affectos doces, paixões fogosas, raciocinio profundo, juizo solido, conhecimento extenso, espirito duro: mas seria irracional o dizer-se, que as faculdades do *ente que pensa tem longitude, latitude, profundidade*. Ainda que não saibamos decyfrar o enigma da mysteriosa natureza deste *ente*, tudo he forcoso reconhecer, que os seus prodigiosos effeitos são absolutamente diversos, e até oppostos, de todas as substancias corporeas conhecidas, e que portanto o seu destino he tambem mui differente.

Os materialistas, que alias são tão orgulhosos, e ostentadores de luciferina soberba, jaetando-se das *luzes da razão*, não tem péjo de se igualarem aos brutos, não esperando outra vida depois da morte: tendo por invencivel demonstração contra a immortalida-

de d'alma a apparente correspondencia da fraqueza das faculdades intellectuaes com a decadencia da saude, da idade, e da desorganisação do cerebro, que occasiona a loucura. Estes são os proclamadores do *somno eterno*, que tanto apregoarão os Athéus na Revolução da França, e com que infuirão na horrivel destruição de vidas, com que se aviltou a Humanidade, e se poz em perigo toda a sociedade civil, com o ameaço de decomposição dos Corpos Politicos, que tinham elevado a Civilisação á tão sublime altura.

Se a alma não fosse immortal seria de inferior natureza á qualquer substancia corporea. He verdade incontestavel, que hum *atomo da materia* não se aniquila no Universo, não obstante a continua dissolução, e recomposição dos elementos de que os corpos se formão. Como pois se pôde presumir que, com a dissolução do corpo humano, se aniquile o espirito que o vivificava? Que razão se pôde assignar para tal proceder da Divindade? — Nenhuma.

Os philosophos mais esclarecidos, e pios tem colligido muitos argumentos da immortalidade d'alma, que, na sua reunião, dão á todos os espiritos rectos completa evidencia de tão importante verdade. Indicarei algumas.

Para que a Natureza fez ao homem capaz de elevar seus pensamentos á Divindade, se todas as nossas esperanças se havião de terminar neste Mundo? Para que nos deo potencias intellectuaes, com que o espirito se exalta á contemplação de espaço e tempo infinito, se a nossa sorte havia de ser a mesma das hestas. que não tem entendimento?

Porque os homens tem insaciabilidade de conhecimentos, e vêem dentro de seu entendi-mento hum *Typo* infinito de grandeza, com o qual comparado qualquer ente, e numero de entes, tudo lhe parece *infinitamente pequeno*, achando sempre humma Imagem de perfeição superior á toda a cousa assignavel?

He principio mui certo que — *a Natureza nada fez em vão* —. Para que tem todos os homens natural desejo de immortalidade, e anticipações do futuro, inspiradas pela *esperanza*, que he o balsamo de nossas feridas e tribulações? Para que temos naturaes terrores de futuro castigo, quando sentinos os remorsos do mal-fazer?

A Natureza concedeo exacta acomodação á todos os animaes, dando-lhes privativos instinctos, e potencias sensitivas, que fazem contrastes com o desconforto em que fez nascer os homens, nós, desarmados, e dependentes de auxilio dos pais, e semelhantes, dando-lhes alias faculdades tão eminentemente superiores, com capacidades de gozos celestes, e altivos pensamentos de perpetua felicidade, havendo na Constituição do homem principios de progressiva e illimitada perfectibilidade? A obvia conclusão dessa differença, he que o Creator teve o *designio* de enviar os homens á futuro estado, sendo o presente mero preparatorio para ser provada a sua fidelidade ou infidelidade á quem lhes deo a vida.

Como se explicará o amor da gloria, e de viver na memoria dos homens, actuaes, e vindouros, se, sendo aniquilados, não hão de sentir os effeitos do seus applausos, ou vituperios?

He experimentado, que ás enfermidades da velhice, e as dores nas doenças perigosas, os infortúnios em tempos adversos, * tem a tendência de fortificar e melhorar os nossos hábitos moraes, e confirmar-nos nos princípios religiosos; isto he inoncilavel com a idéa da aniquilação na morte.

A discordancia entre os nossos sentimentos e juizos moraes, e o curso dos negocios humanos, em que muitas vezes prosperão os viciosos, e são opprimidos os virtuosos, impelle a esperar futuro estado, a fim de exacta retribuição de máos e bons.

Isto he o que dicta a nossa razão fraca: mas a Religião Christã he que nos dá a solida garantia da Immortalidade da Alma, com a Sanção Evangelica da Sentença do nosso Salvador á seus Discipulos, tenerezas das perseguições do Mundo =: Não temaes á quem tira a vida do corpo, mas á quem, depois da morte, póde condemnar a alma á prizaão de fogo =. Alegrai-vos e exultai, que a vossa recompensa será copiosa no Céo =. O que perseverar até o fim, terá salvação.

O Author do Poema da *Henriada*, não obstante ser hum dos inimigos da Religião Christã, contando, reconhecendo que a crença do futuro castigo dos máos era geral no espirito dos povos, tambem seguiu o exemplo dos antigos, e modernos Epicos, introduzindo hum Episodio sobre a *região tartarica*, e nella poz os improbos, personifi-

* *Rebus in adversis acris animadvertunt animos ad,*
Rebus in adversis acris animadvertunt animos ad,

cando-os com os nomes dos maiores Delictos, pelos seus males incommensuraveis ao Gero Humano, como a Inveja, Soberba, Lascivia, Ambição, Tyrannia, Hypocrisia, o Fanatismo, e o que intitulou (isto muito escandalizou aos *Egoistas*)

De todos crimes Pai, o INFERESSE.*

Os incorrigiveis incedulos tem levando o seu delirio ao excesso de dogmatizarem, que a doutrina da immortalidade d'alma, foi invenção dos Politicos; a fim de que os povos, com os terrores de imaginarios castigos em outra vida, se submettessem nesta ao jugo dos Governos, e aos trabalhos necessarios á Sociedade.

Mas, quando assim fosse (o que he falso, pois os Legisladores não descobrião esse segredo, mas se valerão da crença que acharão em todos os povos) isso mesmo seria nova prova de ser a doutrina da justa retribuição em estado futuro, verdadeira, o de inspiração celestio, attenta a sua universalidade, e reconhecida experiencia de ser

Là gît la sombre Envie, à l'œil timide et louche,
 Versant sur des lauriers les poisons de sa bouche.
 Le jour blesse ses yeux, dans l'ombre étincelante.
 Triste amante des morts, elle hait les vivans.
 Elle aperçoit Henri, se détourne et soupire.
 Après d'elle est l'*Orgueil*, qui se plaît et s'admire;
 La *Forbèse*, au teint pâle, aux regards abatus;
 Tyran qui cède au crime et détruit les vertus;
 L'*Ambition* sanglante, inquiète, égarée,
 De trônes, de tombeaux, d'esclaves entourée;
 La tendre *Hypocrisie*, aux yeux pleins de douceur,
 (Le ciel est dans ses yeux, l'enfer est dans son cœur,
 Le faux Zèle étalant ses barbares maximes,
 Et l'*Intérêt* enfin, père de tous les crimes.

favoravel á boa ordem da Sociedade. O erro não produz bem, nem a falsidade brota fidelidade.

He incontestavel que a crença na *existencia de Deos*, e *immortalidade d'alma*, muito influe nos homens, que não são de todo perversos, para se absterem de vícios, e crimes secretos e ardilosos, que estão fóra da alçada da Justiça Civil. Ao contrario, he de lamentavel experiencia, que no paiz onde os que estão á testa dos Governos, e regulão a Administração Publica, ainda *simulando justiça e integridade*, não crêem naquelles fundamenteas dogmas de toda a Religião, são (e tem sido sempre) tyrannos, e oppressores. Porisso bem notou o mais sabio dos antigos Reis Salomão nos seus Proverbios — *Quando os impios se apoderarem do Principado, será o Povo.*

Ainda os crentes replicão. Quem, pôde estar seguro de feliz sorte? Quem he justo?

Sobre isto nos conforta o Rei Psalmista, dando-se confiança na Divina Clemencia, dizendo no Psalmo 102, que, assim como o Pai se compadece de seus filhos, tambem Deos terá misericordia com os penitentes, conhecendo, que Elle nos formou do barro, e temos a fragilidade do pó. O Apostolo das Gentes ainda mais nos assegura, que temos por Advogado, e Mediador, ante o Pai Eterno a seu Filho, Nosso Salvador, que remio o Genuero Humano com grande preço do Sacerdicio Propiciatorio da sua Vida. — A nossa Religião Catholica acrescenta novas consolações, que nos dá a Igreja Universal com as orações dos fieis, em virtude da Communhão dos

Concluirei com os religiosos sentimentos de *Paley* no fim da sua Theologia Natural. “Em tudo que respeita esta pavorosa passagem do estado mortal para o futuro eterno, temos toda a razão de esperar do Ente Supremo tudo que a Divina Justiça e Bondade podem fazer de mais indulgente aos homens que sempre na vida o adorarão; e, considerando-nos estar na sua Presença, e Protecção, devemos na morte resignar-nos á Sua MISERICORDIOSA DISPOSIÇÃO.

C A P I T U L O XXXII.

Da Origem do Mal.

SENDO DEOS O SUMMO BEM, como ha na terra tanto mal? Porque os homens muitas vezes vêem o recto, e obrão o iniquo? Porque homens e animaes se fazem guerra tão continua, crua, e reciproca? Porque ha tantas pestes, fomes, misérias, esterilidades? Porque existem tantos brutos, vermes, e insectos, tão incommodos, e damnhos á Humanidades, e destruidores de seus penosos trabalhos? Porque nascem ainda nos campos cultivados tantos vegetaes venenosos, e mortiferos?

Eis Questões, á que ainda não se tem dado solução que inteiramente satisfaza aos que pertendem evidencia no que he tão difficil, e complicado, por depender do adequado conhecimento das innumeraveis relações de cada ente com as creaturas visiveis e invisiveis do Universo!

Comunmente nas Escolas philosophicas se distingue o mal em *metaphysico* — *physico* — e *moral*.

Mal metaphysico se diz o que resulta da necessaria imperfeição de cada ente creado: *mal physico* he tudo que causa dor, miseria, morte: mal moral he todo o vicio e crime que se originão da ignorancia voluntaria, e de abuso do livre arbitrio.

Não exorbitando eu da limitada esphera da Razão humana, nem entrando no labyrintho das controversias dos Philosophos e Theologos sobre tão melindroso objecto, só indicarei dois systemas, que se tem proposto para explicação da *origem do mal*; e são o *Manicheismo*, e *Optimismo*.

Manicheismo he a doutrina dos intitulados *Manichéos*, que admittirão no systema do Mundo dois Principios oppostos; hum á que derão o nome do *Genio do Bem*, que dizem ser tudo que existe de bondade, utilidade, ordem, virtude, prazer, e vida na terra; e outro á que appellidarão o *Genio do Mal* *, que he o constante e acerrimo inimigo daquelle seu Antagonista, sendo a causa de tudo que traz miseria, perda, desordem, maldade, dor, morte, nesta região sub lunar. Esta hypothese absurda não precisa de refutação. Ha luz, e ha escuridade, com a presença ou ausencia ds Sol: mas ambos cses

* Foi moda nas Cortes de Lisboa o chamarem os seus Deputados obra do *Genio do Mal* a tudo que se oppunha á seus tenebrosos projectos da imaginaria *Regeneração Política*. Se existisse o *Genio do Mal*, delle seria monstruoso fl-

phenomenos, em apparencia oppostos, tem seus beneficos effeitos, não só á Humanidade, mas tambem á todo o reino vegetal e animal.

O Systema do *Optimismo* se achá indicado pelos Philosophos do Paganismo *. Os Romanos Legisladores derão ao Ente Supremo o Titulo de Jupiter OPTIMO MAXIMO; e reconhecerão, que esse titulo era conciliavel com os males existentes no Systema do Mundo. Hum de seus Poetas de mais feliz genio, até disse, que, se *Deos tirasse todo o mal da terra, elle não seria bom* **.

Leibnitz, hum dos Grandes Luminares d' Allemanha, no seu Tratado da *Theodicea*, ou da *Justiça de Deos*, foi o que mais explicitamente sustentou o *Systema do Optimismo*, tendo por empenho o mostrar, que, tudo quanto existe, he o *melhor possível*, que Deos podia crear, ou permittir fazer-se por suas creaturas. A razão capital da sua engenhosa theoria he, que, sendo Deos de infinita perfeição, e havendo na sua Mente Omnisia considerado, antes da criação do Universo, todas as *Combinações* ou Systemas possíveis dos entes, não podia deixar de escolher e preferir aquella *Combinação*, ou Systema, que apresentasse hum *resultado*, em que hou-

* Cujus quidem administratio nihil habet in se quod reprehendi possit: ex iis enim naturis quæ erant, quod effici *optimum* potuit, effectum est. — Cic. de Nat. Deor. l. ii. c. 34.

** Si mala sustulerat, non erat ille bonus. — Ovid.

vesse a maior possível somma de bens, com a menor possível somma de males; visto não ser praticavel exterminar toda a especie de mal, devendo certa dose entrar no Geral Systema; não só por ser tudo que he creado, necessariamente imperfeito, mas tambem porque era conveniente, que certos males entrassem na composição do GRANDE TODO, para seu realce, e mais harmonico arranjo-mento dos entes.

O insigne Metaphysico explanou isto com exemplos vulgares, mas de intuitiva evidencia. Na melhor musica, a sublimidade da melodia resulta de apparentes desharmonias chamadas pelos *Contrapontistas* — *especies falsas*, mas logo *abonadas*. Na Pintura, os claros e escuros, em justas proporções, constituem a belleza do Retrato, Paizagem, Perspectiva &c. A comida e bebida, os sabores se temperão com substancias acres e amargas. As maiores delicias, e sensações agradaveis dos homens resultão de trabalhos, e perigos. O valor suppõe ataque de inimigo; a fortaleza, trance arriscado; a paciencia, atribulação &c., &c. Se estes males se tirassem, aquelles bens desapparecerião. Ainda nos males moraes, que provêm do abuso do livre arbitrio dos homens verifica-se a Regra = *o que se pecca pelos individuos, compensa-se no Universo*.

O mal metaphysico mui impr propriamente se diz *mal*, porque antes he positivo e relativo *bem*. He verosimil, que todos os grãos de entes entrarão no systema da criação, tendo cada individuo sua essencia particular, e em justa proporção com as naturezas superiores e inferiores na *Escala da existencia*,

sendo contudo, ainda a, comparativamente, mais elevada, infinitamente abaixo do Ente Creador. Pergunte-se embora insensatamente a razão porque o homem não tem a força do tigre, o olfacto do cão, a ligeireza da lebre &c.? He plana a resposta: porque tem seus dotes privativos, e de mór valia.

O mal physico he sentido pelos homens, porisso mesmo que tem o dote de sensitivo, e não pôde eximir-se á final no trance da morte. As Leis Geraes da Natureza o protegem em quasi toda vida; não podia deixar, sen milagre (que raras vezes he necessario) de tambem experimentar dor, doença, e perda da existencia, em consequencia das Leis Geraes. Seja exemplo: expondo-se o homem (por vontade ou força) á acção do Sol no zenith, contrahе malina, que o destroe; mas, quanto não foi vivificado em toda a sua carreira, com o influxo da luz, e calor deste Astro, que alegra, e aformosea a terra? Alguma vez o justo soffreo o mal do incendio; mas que infnidade de bens antes não experimentou do fogo, que nos acalenta, e faz palatavel, e saboreza a comida, bebida, &c.? Hum temporal subito, e violento, causa a submersão, e naufragio no mar, ou nas costas. Mas quantas incomparavelmente mais felizes viagens se tem feito no oceano? Os perigos da perda são, nos casos ordinarios, quasi inconsideraveis nos calculos dos *seguradores*.

Qual será pois a pessoa de razão, que não deseje estar sempre sob a protecção das Leis Geraes, e immutaveis, do Creador, com a firmeza das quaes conta sempre o Lavrador, o Navegante &c., ainda que, em certas

circunstancias, occasionem funesto accidente? Além de que estas casualidades infastas aos individuos, mas, na regra, uteis ao Genero Humano, tem servido de estimular a intelligencia do homem para se precaver de contra elles, em obras maravilhosas de seus engenhos e braços, que causão e seguração mil bens, aos contemporaneos, e vindouros. Da-hi se originou a melhor construção de Edificios, Navios &c. E de mais: muitos dos grandes e horridos males physicos são effeitos dos vicios dos homens; como a lepra, a lues celtica, a elephantisis, a bexiga, que não se acharão em o Novo Mundo no Descobrimento d'America.

Ainda os maiores males physicos tem achado remedios na providencia dos homens mais civilisados. Seja exemplo a *peste*, que destroe milhares de pessoas nos paizes barbaros, como na Turquia, que nem extermínio as suas causas, como pantanaes, immundicias; tendo falsa, e estúpida segurança no *fatalismo*, imaginando, que taes males affligem a Humanidade por immutaveis Decretos de Deos, ou do que chamão *Fado*, e *Destino*; entre tanto que nos Reinos polidos, com *cordão sanitario* de tropas, vedando-se a communicação com os lugares e homens empestados, e com outros já descobertos remedios; se previne, ou muito diminue, o mal.

Os males *mores* provém da incuria dos homens em não cultivarem as suas faculdades racionais, e de fazerem abuso de seu livre arbitrio. Dessas causas nascerão as opniões, e guerras que tem perturbado a ordem social, causando misérias sem conto á Humanidade. Ainda assim, Deos ás vezes

parece claramente interpôr a sua adoravel Providencia, por imprevistos, e extraordinarios meios, para fazer parar a carreira dos malvados; e fazellos cahir nos barathros que havião aberto á si proprios. A Historia Sagrada, e profana está cheia de exemplos de repentinas scenas de Salvação da Humanidade contra os Planos dos impios Potentados do Mundo.

Sim: o mundo tem serpentes, e outras feras, e brutos terrestres, e marinhos; mas todos estão sempre em *terror* dos homens, que os perseguem, até nos seus esconderijos dos matos, desertos, rios, mares, e muitas vezes com enorme injustiça; pois tem direito á viver em alguma porção do Globo. Os Naturalistas tem notado, que das conhecidas, quasi trezentas, especies de serpentes, apenas na decima parte são venenosas; e se tem achado ainda pura as mais mortíferas efficaç contraveneno. Mas a Providencia parece ter querido, que o medo fosse o guarda de todas essas raças. Se humas especies de animaes devorão as outras, a causa apparente he a que os Naturalistas chamão *Superfetação*, ou multiplicação excessiva de taes creaturas. He provavel que a sua sensibilidade seja mui tenue. Hoje se reconhece o uso saudavel para que a Natureza aviventa tantos milhares de milhões de insectos, e vermes, que até servem de purificar a terra, e ar de substancias putridas.

Alguns dos zombadores, e descontentes do seculo tem ridicularizado a hypothese do *Optimismo*, dizendo, que só os afortunados do Mundo são os que dizem, ou podem dizer, que *tudo vai bem, e o melhor possível*;

quando alias existe hum sem numero de miseraveis, que podem com verdade dizer, apelar de sua industria, e virtude — *tudo me vai mal*. Vêem-se em todos os paizes, ainda os mais bem regulados, exorbitante riqueza à par de extrema miseria, e milhões de indigentes, opprimidos, e escravos, que parecem ter tirado todos os *bilhetes brancos*, ou *mas sortes*, na *Loteria da vida*; vêem-se probos, e sabios em penuria e ignominia, entre tanto que improbos, e ignorantes são opulentos, felizes, e respeitados, abarcando todas as riquezas, delicias, e honras.

Não se contesta, e he incontestavel, a existencia de muito mal physico e moral na Sociedade: a questão só he, e deve ser, se, no todo, a somma dos bens muito excede a somma dos males? Não póde entrar em justa duvida, que a quantidade do bem muito prevalece á quantidade do mal, especialmente onde os homens, e seus Governos, tem adoptado com firmeza certas Leis Geraes da Religião, e Civilisação, dando segurança ás pessoas e propriedades, promovendo a paz, e communicação das Nações, para ensino mutuo, e commercio franco. Nos paizes onde não ha o terrivel instituto do despotismo, e capiveiro, cresce a população, e há industria activa; necessariamente ahí predominão as mais preciosas virtudes sociaes, e a felicidade domestica. Se riquezas, e dignidades fossem os certos premios da virtude, e signaes de prosperidade, mui poucos serião os virtuosos e prosperos do Mundo. Ao contrario, nas classes médias, e inferiores, he que se achão innumeraveis candidatos de solida virtude, e

caracteriza de *puros de coração*, que por fim verão a Deos.

A mesma morte, que se diz no *Paraizo perdido* do Poeta Milton o *rei dos terrores*, he a guarda da vida até o tempo aprazado pelo seu Divino Author. A preferencia que todos os homens (excepto os loucos e desesperados, á cujos olhos o mundo está desfigurado) dão á vida, ainda cheia de trabalhos, e tormentos, prova evidentemente, que a somma dos bens vai muito além da somma dos males nesta carreira mortal. Quanto seria afeada a Sociedade civil só composta de velhos decrepitos, monopolisando triste existencia? Ao contrario, que immensidade de gozos sobreven incessantemente ao Genero Humano pela renovação da Scena Vital com tão lindas crianças, subindo gradualmente da infancia, e juventude á virilidade, e volve com especiaes talentos, e dons do Criador?

Vendo-se a hum Pai, de reconhecida benevolencia e intelligencia, castigar a seus filhos, ou a fazer tomar remedio asqueroso, e doloroso as proprias suas innocentes crianças, quem não dirá que nisso só teve em vista o seu bem? Quando estamos persuadidos da sabedoria, e bondade de algum Governo, ainda que vejamos algumas disposições, que, à primeira vista, pareçõ injustas, suspendemos o juizo, e permanecemos firmes no conceito anterior, tendo a certeza que ha *Razão de Estado*, que, se fosse descoberta; nos obrigaria a reconhecer a rectidão e a necessidade do que pretendiamos fazer iniqua censura. O que confiamos da sabedoria, e bondade dos Pais, e Governos

de credito, não confaremos da sabedoria, e bondade do Pai Eterno e Regeador do Universo?

O Moralista *Stewart* bem reflecte, que, não obstante se mostrar tão corrupto o Gênio Humano, contudo, a proporção da vida que se consome em vício, he inconsideravel, quando se compara com o total de sua extensão. A mesma Historia he prova disto; porque os mais tristes successos que ella recorda, são os que, pela sua singularidade, excitão a curiosidade, e interessão as paixões do leitor. Além de que, no calculo do merito, e demerito do homem a respeito de suas más acções, deve-se dar muitos descontos ás suas erroneas opiniões especulativas; aos falsos conhecimentos dos factos; aos prejuizos inspirados pela influencia de predominantes maneiras de seu paiz, e seculo; e aos habitos adquiridos desde a infancia.

Este assumpto he inexaurivel, e já o tenho exposto muito além dos marcos de hum compendio de Moral Publica. Concluirei com as observações do eloquente Moralista *Blair* *.

“Quando os discipulos do nosso Salvador estranharão a ordem de lhes lavar os pés, elle replicou: “Ignoraes por ora o que eu faço; sabe-lo-heis depois. „ Estas expressões da Pessoa Divina nessa occasião, natural, e propriamente se applicão a varias occasiões em que a conducta da Providencia no governo dos Negocios Humanos, perma-

* Sermon. Tom. IV. S. IX.

nece escura, e mysteriosa. Mas a nossa ignorancia dos designios da Divina Dispensação que convem na vida presente, não continuará na vida futura. Virá tempo em que o mysterio será removido — Aqui só vemos principiar a justiça da Ordem Moral. Quando examinamos a constituição do espirito humano, discernimos evidentes signaes de ter sido formada com vista de se favorecer e premiar a virtude. A Consciencia he dotada de assignalada authoridade para reprimir o vicio: ella dá desasocêgo, e remorso aos mãos, e allivia, e conforta os rectos com a approvação de si mesmo, e com a paz de espirito. O ordinario curso das cousas he feito para em algum gráo coincidir com a constituição da nossa natureza. Os dignos e bons, são, no geral, honrados, e estimados. O *que anda com integridade, marcha com segurança*. Os principaes infortunios que acontecem aos homens, se bem se examinar, podem ser traçados na origem, como filhos dos vicios, e loucuras que temos commetido. Vemos a muitas Nações da terra em estado de barbaridade e miseria; submergidas na mais grosseira ignorancia, que as degrada ainda abaixo dos irracionais; ou abandonadas a serem prezas de cruel oppressão e tyrannia. Quando olhamos ao estado dos individuos que nos cercão, ouvimos lamentações de innumeraveis infelizes. Encontramos a pais chorando, e amigos em luto; mecos cortados na flor; dos annos, e velhos desamparados no meio de afflicções; e ás indignas florecendo; as vidas terminadas, e ás indignas cheias de desgostos, e dos melhores homens cheias de desgostos, e de mallogradas esperanças; o merito def-

nhando na solidão, e a vaidade e arrogancia ganhando a admiração do mundo; — do flagello da calunnia, e da mão da violencia, os offendidos olhão para a Deos, como o vindador da sua causa; mas muitas vezes olhão em vão: — então a resignação pôde pôr selo á bocca; mas em silencio cahem as lagrimas, e nos consternamos quando o adoramos. Contudo jámais devemos deixar de ter confiança no Ente Supremo.”

“A Monarchia do Universe he hum Systema grande, e complicado. Ella comprehende innumeraveis gerações dos homens, que vem ao theatro da existencia para fins que ignoramos: este inclue dous Mundos, hum *actual* visível, que só he huma pequena porção do Creado; e o outro *future*, que durará pela eternidade. Unicamente nos são visíveis os começos das cousas, e como fragmentos do *Grande Todo*: apenas divisamos poucos anéis na cadeia dos entes, que, por conexões occultas ligão o presente e o porvir. He nos dado tão somente o conhecimento que basta para supprir as necessidades do nosso presente estado, e não mais. Espreitando de escuro canto do Universo, em vão esperamos explorar os conselhos de Quem governa o Ceo e Terra. Em qualquer obra complicada da arte humana, he necessario estar informado do desegno e do Plano total do Author, a fim de julgar da propriedade das suas partes. Em huma Obra tão complexa como he a Administração do Creado, em que cada hum das partes tem relações entre si, e com o Todo, e onde o que he visível he muitas vezes subordinado ao que he invisível, como he possível que os nossos

juizos não sejam erroneos, e os nossos queixumes deixem de ser mal-fundados? Se o al-deão, e o paizano são incapazes de julgar do governo de hum imperio poderoso, he temerario arrogarmos a censura sobre a Regencia do OMNIPOTENTE a respeito de suas creaturas.”

FIM DA PARTE II.

INDICE.

DA PARTE II.

Cap. I. Dos Fundamentos da Obrigação Moral.	pag. 3
Cap. II. Da Ordem Moral.	6
Cap. III. das Sanções da Ordem Moral	10
Cap. IV. Da Consciencia	15
Cap. V. Da Consciencia do Genero Humano	18
Cap. VI. Dos Effeitos da Boa ou Má Consciencia	27
Cap. VII. Exemplo instructivo do Poder da Consciencia.	31
Cap. VIII. Exemplo do conflicto entre Sentimentos do Coração, e Razões de Estado.	34
Cap. IX. Da Original e constante distinctão da Virtude e Vicio, Justo e Injusto.	37
Cap. X. Da Virtude Natural.	41
Cap. XI. Da Sympathia, ou Sensibilidade Reciproca.	45
Cap. XII. Da Benevolencia Natural.	52
Cap. XIII. Confirmação da Doutrina antecedente.	57
Cap. XIV. Da Utilidade Universal.	61
Cap. XV. Reflexões sobre a Doutrina da Utilidade Universal.	64
Cap. XVI. Doutrina de Braum sobre o assumpto.	67
Cap. XVII. Das Regras Gerais.	70
Cap. XVIII. Da Moralidade Legal.	74
Cap. XIX. Da Moral da Razão.	78

Cap. XX. Reflexões do Escripitor da Moral Universal.	80
Cap. XXI. Continuação das Reflexões.	87
Cap. XXII. Objeções contra o Testemunho e Poder da Consciência.	90
Cap. XXIII. Do Interesse Pessoal.	95
Cap. XXIV. Refutação do Barão d'Holbach.	100
Cap. XXV. Da Existência de Deos.	105
Cap. XXVI. Observações sobre a origem da creença em Deos.	111
Cap. XXVII. Dos Atributos Moraes de Deos.	116
Cap. XXVIII. Da Omnipresença de Deos.	118
Cap. XXIX. Da Bondade de Deos.	122
Cap. XXX. Da Providência de Deos.	131
Cap. XXXI. Da Immortalidade da Alma.	140
Cap. XXXII. Da Origem do Mal.	153

Cap. XIX. Catheismo de Volney: ex- posição da Lei Natural	75
Dos Caracteres da Lei Natural	77
Principios da Lei Natural, em relação ao Homem	82
Bases da Moral; do Bem e Mal; do Pecado, do Crime, do Vi- cio, e da Virtude	87
Das Virtudes Individuaes.	89
Das Virtudes Domesticas.	101
Das Virtudes Sociaes.	105
Cap. XX. Refutação do Catheismo Moral de Volney	117
Cap. XXI. Observações sobre o Ca- theismo da Natureza do Barão d' Holbach.	152

N. B. No fim da Tercceira Part. desta
Ora, se publicará as Erratas.